A UNIÃO

Ano CXXXI Número 099 | R$ 3,50

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 26 de maio de 2024

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

DEVASTAÇÃO

Crescimento urbano avança na Mata Atlântica e ameaça bioma

De 2020 a 2022, desmatamento foi de 65%; governo fortalece proteção e atualiza Código Florestal. *Página 20*

Foto: Roberto Guedes

Preservação da orla supera especulação imobiliária

Por anos, legislação paraibana que limita altura de construções foi motivo de contestação, mas hoje é quase um consenso entre os paraibanos. *Página 5*

Revitalização do Conventinho resgata história de João Pessoa

Patrimônio histórico e cultural da capital paraibana, o Convento São Frei Pedro Gonçalves será transformado em equipamento cultural, com escola de artes e biblioteca.

Página 25

Foto: Kleide Teixeira/PMJP

Violência de gênero cresce no ambiente virtual

Vítimas desenvolvem problemas, como ansiedade, isolamento social e pensamentos suicidas.

Página 7

Dez municípios concentram mais de 40% do eleitorado na PB

Estado possui 3,2 milhões de pessoas aptas a votar no pleito deste ano, quase 4% mais que em 2022.

Página 13

Foto: Carlos Rodrigo

Memórias

*Aprendizados e realizações em três passagens por **A União***

Mineiro apaixonado pela Paraíba, Jorge Rezende nutre uma relação de carinho e respeito pelo jornal. Implantou cadernos, foi editor-geral e acredita que a empresa está na direção certa na manutenção e fortalecimento do jornalismo impresso.

Páginas 14 e 15

■ "Andei relendo, nesta semana, o negro Lima Barreto, não o do belo e poético romance de Policarpo Quaresma. Mas o da crônica, o que vai no bonde, desce no café e traz à luz as vozes anônimas das ruas".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "A política trata do interesse dos cidadãos. Dos problemas que entram na agenda do dia e que exigem tomada de decisão. Então, a 'pequena política' também faz parte desse processo?".

Angélica Lúcio

Página 26

Sousa enfrenta o América-RN pela Série D

Times entram em campo, hoje, pela quinta rodada do Grupo A3. Jogo acontece no Estádio Marizão, às 16h.

Página 21

FestincineJP inicia hoje segunda edição

Evento será realizado na capital paraibana com mostra de filmes, incentivo a negócios e homenagens.

Página 9

Editorial

Direito à saúde

A Campanha Nacional de Vacinação contra a Poliomielite começa amanhã e prossegue até o dia 14 de junho. O Governo da Paraíba, por meio da Secretaria da Saúde, participa desta jornada, cujo propósito é diminuir o risco de reintrodução do poliovírus no país, fornecendo os antídotos para a erradicação da doença, de modo a limitar os bolsões de não vacinados e ampliar as coberturas vacinais e a homogeneidade.

As campanhas de vacinação são fundamentais, enquanto métodos preventivos contra vários tipos de doenças, sejam ou não letais. Vale lembrar, por exemplo, que o Brasil está sendo assolado, hoje, por uma nova epidemia de dengue. E é dever de todos – governos e sociedade – unirem-se; cumprirem com seus deveres, para que os males em voga sejam erradicados e outras mazelas potenciais não encontrem a guarda baixa.

A pandemia de Covid-19 marcou profundamente a memória brasileira. Milhares de pessoas morreram, e outras milhares até hoje se queixam de sequelas resultantes da contaminação pelo coronavírus. Foi uma grande lição, com dois capítulos especiais: o primeiro ressalta a proteção que a vacina proporciona, e o segundo evidencia os prejuízos oriundos da corrente "negacionista" que se contrapôs à imunização.

Esse é outro surto que maltrata o Brasil contemporâneo: a crença segundo a qual a vacinação contra a Covid-19 é parte de um complô mundial do comunismo contra a cristandade. Que os efeitos da imunização são piores do que os sintomas da doença em si. Resultado: os consultórios, clínicas e hospitais estão abarrotados de doentes, uma parte significativa deles formada por gente que se recusa a tomar vacinas.

Quem imaginaria que, em pleno século 21, no alvorecer do terceiro milênio, a ignorância ainda encontrasse tanta facilidade para se instalar no cérebro de um sem número de pessoas. Que uma das mais extraordinárias conquistas do engenho humano, a tecnologia da informação digital, servisse também, irônica e paradoxalmente, para disseminar o obscurantismo. Um retrocesso de séculos, na história do conhecimento.

Espera-se, portanto, que as ações em prol da informação verdadeira, na área da saúde pública, funcionem tanto quanto as diligências de vacinação. No caso da empresa que começa amanhã, vale ressaltar que o alvo prioritário são as crianças. Que os responsáveis por elas não cometam a insensatez de privá-las do imunizante contra a Poliomielite. Trata-se de um direito que não pode, em hipótese alguma, ser desrespeitado.

rtigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A granja do terror

A Ditadura Militar via qualquer indivíduo como suspeito e ameaça ao regime de força instalado em 1964. Bastava não compactuar com os fundamentos totalitários do governo. Nos anos de 1973 e 1974, havia em Campina Grande um espaço utilizado para a prática de torturas aos presos políticos, tanto físicas, quanto psicológicas. Era um dos aparelhos clandestinos de repressão, entre vários que funcionaram em todo o Brasil, durante o período de 1966 a 1976, montados em imóveis particulares cedidos por colaboradores da ditadura.

Na Paraíba o mais famoso deles ficou conhecido como a Granja do Terror, situada na região dos Cuités, a caminho do Jenipapo. Por ela passaram mais de 10 presos, dentre eles João Dantas, Maura Ramos, José Bernardo da Silva, Jorge de Aguiar Leite, Walter da Paz Ratis, Josélia Maria Ramos e Ailton José. Todos foram cruelmente torturados no local, durante interrogatórios com socos e pontapés e choques elétricos com fios conectados nas orelhas e nos órgãos genitais, tudo à revelia das leis, sem autorização judicial ou mandado de prisão que justificassem as detenções. Seu proprietário era, segundo contém no relatório final da Comissão Estadual da Verdade, o comerciante Manoel Bezerra, dono de um estabelecimento de venda de armas em Campina Grande, embora não haja comprovação disso. João Dantas afirma ter reconhecido tratar-se de um paiol da empresa Casa B. Bezerra, espécie de armazém de produtos de caça e pesca.

Repórteres do Jornal da Paraíba conseguiram localizar essa famosa casa de suplícios aplicados aos que eram classificados como subversivos e comunistas. "É uma área cercada por um muro alto, que se diferencia de todos os imóveis da região. Tem um portão grande que dá para uma alameda ladeada por grandes coqueiros. Um terreno extenso leva até a casa principal ao fundo, onde, segundo as testemunhas, aconteciam as torturas". É o que relata o jornal na matéria publicada em abril deste ano.

As vítimas de tortura ouvidas pela CEV-PB (Comissão Estadual da Verdade da Paraíba) não hesitaram em identificar o sargento Francisco de Assis Oliveira Marinho, como um dos torturadores. "Eu tenho muito vivas todas as sensações", relembra a professora Maura Ramos. E enfatiza que: "Muita coisa perversa foi cometida ali contra mim e contra outras pessoas que passaram por lá. Nesse local, serraram com serra elétrica as algemas que me prendiam os braços e os amarraram com cordões. Ainda de olhos vendados obrigaram-me a ficar de joelhos e deram início a sessão de tortura: bateram-me, deram-me 'telefones', interrogando-me com insultos e gritos. Depois, obrigaram-me a me despir e aplicaram choques elétricos nos meus seios, orelhas e rins, sempre fazendo ameaças. Não tenho ideia do tempo que durou esse tormento. Creio que a tarde toda".

A Secretaria Nacional de Direitos Humanos registra mais de 466 relatos de torturas, idênticas às que sofreram os presos políticos que estiveram na Granja do Terror, mas há uma estimativa de que quase duas mil pessoas foram torturadas pela Ditadura Militar. 181 agentes do Estado foram processados, mas cerca de 70% nunca foram punidos. A Granja do Terror é apenas um dos inúmeros exemplos de graves violações aos direitos humanos, ocorridos no tempo em que estivemos sob o jugo de um regime autoritário e opressivo por duas décadas. Tentaram promover um apagamento histórico desses locais tenebrosos. Se quisermos defender a democracia, não poderemos permitir que esses locais de repressão sejam esquecidos. Eles servem, pelo menos, para que, conhecendo o passado, possamos lutar com firmeza para que nunca mais passemos por situações iguais.

A Ditadura Militar via qualquer indivíduo como suspeito e ameaça ao regime de força instalado em 1964

Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel

Fiscalização do trânsito

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Os paraíbas na crônica de Lima Barreto

Andei relendo, esta semana, o negro Lima Barreto, não o do romance, o do belo e poético romance de Policarpo Quaresma. Mas o da crônica, o que vai no bonde, desce no café e traz à luz, tantos janeiros depois, as vozes anônimas das ruas que ficaram soterradas no Bota Abaixo de Pereira Passos, na Revolta da Vacina, no passeio guarnecido de *destroyer*, pela Baía da Guanabara, do nosso Presidente Epitácio. Que ostentação de força e de poder!

Queria ver, nesse Rio do começo do século XX, de 1910, 1911, 1912, os dois negros se encontrarem, entrarem no mesmo café, cruzarem pelo menos na mesma calçada: o negro Lima e o nosso José Maria dos Santos, o homem nascido aqui na Rua Duque de Caxias e que chegou a redator do Le Figaro e redator-chefe do Petit Parisien. Ignorado na terra natal, viu sua obra "Política Geral do Brasil" traduzida em inglês. De pontos de vista diferentes, não há dúvida, mas da mesma cor, do mesmo extrato social, da mesma crítica ao autoritarismo republicano, do mesmo anti-positivismo... da mesma inteligência, enfim.

E saí com Lima - permita-me o leitor essa intimidade - na esperança de encontrar o outro. Naquela altura Zé Maria já havia deixado a Escola Militar, já tinha ido como soldado a Canudos, já fizera a sua embaixada no Acre, ao lado de Plácido de Castro e, como o romancista suburbano do Rio, fizera a sua estreia na imprensa. Os dois viram a mesma coisa, só que separados. Será que não vou encontrá-los? - desejei. Ainda não terminei a viagem. Mas encontrei, em lugar do paraibano da minha pesquisa, dois que eu não procurava: José Vieira e o senador Cunha Pedrosa. Sem falar no passeio guarnecido de *destroyer* do presidente Epitácio.

José Vieira aparece na pauta do romancista de Isaias Caminha para um comentário sobre Sol de Portugal, romance que o paraibano acabara de lançar. Lima não comenta, atarefado com outro assunto mais premente, mas a forma como se refere a José Vieira insinua muita simpatia. Na viagem, é possível que eu vá encontrar esse comentário tão precioso para a minha curiosidade sobre o romancista de Mamanguape que se tornou nacional.

Lamento que a Paraíba de hoje desconheça José Maria dos Santos, José Vieira e Cunha Pedrosa!

"

Andei relendo, esta semana, o negro Lima Barreto, não o do romance, o do belo e poético romance de Policarpo Quaresma. Mas o da crônica, o que vai no bonde, desce no café e traz à luz, tantos janeiros depois, as vozes anônimas das ruas

Gonzaga Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual ..... R$350,00 / Semestral ..... R$175,00 / Número Atrasado ..... R$3,00
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA: 99143-6762

BEM-ESTAR ANIMAL

Estado atualiza programa de incentivo à castração

Nova resolução prevê distribuição de R$ 2 milhões entre municípios

Anderson Lima
Especial para A União

Para enfrentar o problema da superpopulação de cães e gatos, o Governo do Estado da Paraíba aprovou a atualização do Programa Estadual de Incentivo à Castração e Bem-Estar Animal. Por meio da Gerência Operacional de Políticas de Causa Animal, vinculada à Secretaria de Estado da Saúde (SES), a iniciativa visa promover a castração desses animais, garantindo melhores condições de saúde e qualidade de vida para esses bichos. A nova resolução da Comissão Intergestores Bipartite foi publicada no Diário Oficial do Estado (DOE) da quinta-feira (23) e já está em vigor.

De acordo com a publicação, R$ 2 milhões serão divididos e destinados a todos os municípios da Paraíba que já ofertam o serviço de castração de cães e gatos. As administrações municipais poderão aderir ao programa estadual e elaborar planos de trabalho para ampliar suas capacidades de procedimentos.

Serão esterilizados os animais tutelados por ONGs, projetos, protetores independentes e pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A seleção dos contemplados ocorrerá por meio do Sistema de Regulação para a Causa Animal (REGPET). A plataforma vai regular os procedimentos, garantindo transparência e fluxo seguro das cirurgias.

Os municípios interessados em receber o recurso do Programa Estadual de Incentivo à Castração e Bem-Estar Animal precisam comprovar que possuem serviços de esterilização disponíveis em centros de vigilância e controle de zoonoses, clínicas, hospitais veterinários, castramóvel, centros de castração, entre outros. Após adesão e habilitação, eles receberão 50% dos recursos autorizados para iniciar as ações. O restante do valor será enviado mediante comprovação da realização das cirurgias.

Foto: Pedro Bione/Divulgação

Gestora de Políticas Públicas da Causa Animal, Fabíola Rezende, defende adesão ao programa

Regras

Municípios interessados só poderão captar recursos após comprovarem que já ofertam serviço à população. Pagamento integral só ocorrerá depois das cirurgias

Abrangência

O programa visa atingir todas as regiões da Paraíba. A gerente operacional de Políticas Públicas da Causa Animal da Paraíba, Fabíola Rezende, destacou que a iniciativa é muito importante e ocorre no âmbito do Projeto Paraíba Pet Bem-Estar Animal, que vai promover o controle de natalidade de cães e gatos em todo o estado.

"Além de estreitar as parcerias e colaboração com os municípios, como sempre ressaltamos, a castração é a solução e o Governo do Estado tem essa diretriz como prioridade em matéria de políticas públicas para os animais. O programa tem um impacto direto na qualidade de vida da população, pois a castração evita abandono, maus-tratos, atropelamentos e proliferação de zoonoses", destaca.

Esterilização traz benefícios para todos

O presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária na Paraíba (CRMV-PB), José Cecílio, reforça a importância do controle da reprodução de animais, sejam eles domésticos, ou em situação de rua.

"Para os animais, vemos como benefício a redução do risco de alguns tipos de câncer e possível redução de comportamentos indesejados, como agressividade e marcação de território. Já para os seres humanos, o benefício é na questão da saúde pública, pois evita o crescimento da população de animais de rua", explica.

Segundo o especialista, um único casal de cães pode dar origem a mais de 80 milhões de animais em um intervalo de 10 anos, caso ele tenha duas ninhadas com ano, com 12 filhotes, cada, e as novas gerações repitam o mesmo processo. No caso dos gatos, a linhagem sucessória pode chegar a 66 mil animais em apenas sete anos, também considerando a hipótese de duas reproduções ao ano e mesmo comportamento dos felinos mais novos.

Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil

Castração é sinônimo de qualidade de vida para animais

Aumento desenfreado da presença de cães e gatos na rua ameaça saúde pública e pode causar até acidentes

José Cecílio acrescenta que o crescimento da população de cães e gatos de rua pode resultar em mais acidentes de trânsito, ataques a pessoas, risco de transmissão de raiva e de outras zoonoses (doenças transmitidas de animais para as pessoas). "É muito comum a eliminação das fezes e urina em ambiente público, expondo a comunidade a parasitoses, infecções fúngicas e bacterianas, além da sujeira gerada", exemplifica.

Além disso, a situação causa sofrimento e pode levar a problemas de bem-estar animal. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que existam no Brasil 30 milhões de animais abandonados, dos quais cerca de 10 milhões são gatos e 20 milhões cães. Isto é, pensar no controle populacional de animais domésticos torna-se essencial para assegurar a saúde pública, a qualidade de vida dos bichos e a preservação do meio ambiente.

UN Informe
DA Redação

WORKSHOP SOBRE ELEIÇÕES EM 2024 SERÁ REALIZADO NESTA SEGUNDA-FEIRA EM JP

As principais regras para as eleições municipais deste ano serão abordadas no Workshop Eleições 2024, que será realizado na terça-feira (28), das 18h às 21h30, no auditório do Shopping Liv Mall, em João Pessoa. Promovido pelo Centro de Estudos Integrado Jales (CEIJ), em parceria com o Instituto de Direito Eleitoral da Paraíba (Idel-PB) e com a Federação das Associações dos Municípios da Paraíba (Famup), o evento tem como tema central "Aspectos polêmicos e atuais no Direito Eleitoral", como forma de viabilizar um amplo debate sobre o cenário político para as disputas eleitorais deste ano. O *workshop* conta com apoio de várias instituições, dentre elas a Escola Superior da Advocacia da Paraíba (ESA-OAB-PB). De acordo com a advogada Rafaela Jales, organizadora do evento, o *workshop* vai possibilitar que advogados, gestores municipais, estudantes de Direito e também todos aqueles que querem saber um pouco mais sobre as normas que vão disciplinar o pleito deste ano obtenham informações essenciais para que tudo transcorra com lisura dentro do que manda a legislação eleitoral. Durante o evento, que terá como presidente das mesas temáticas a advogada Tanielle Freire e como debatedor o presidente da Famup, Georde Coelho, serão proferidas as seguintes palestras: "O impacto das *fake news* na disputa eleitoral", pela advogada e jornalista Adriana Rodrigues, diretora de Comunicação do Idel-PB e integrante da Comissão Especial de Direito Eleitoral do CFOAB; "Resolução 23.735/2024 – ilícitos eleitorais", pela advogada Tainá Freitas, secretária-geral da Comissão de Direito Eleitoral da OAB-PB; "Uso da Inteligência Artificial nas eleições 2024", pelo advogado Diego Fabrício, presidente do Idel-PB; "Prestação de contas eleitorais 2024", pelo contador Bruno Sitonio; e, "Candidaturas fictícias e violência política de gênero", pela juíza do TRE-PB, Maria Cristina.

Foto: Famup/Divulgação

LANÇAMENTO DE LIVRO

No Workshop Eleições 2024, também haverá o lançamento do livro "A mulher no Processo Eleitoral – A luta pela Igualdade e a fraude à cota de gênero", de autoria do advogado Laplace Guedes, do juiz do TRE-PB Fábio Leandro e do assessor eleitoral Fábio Pereira, que também vão proferir palestras. Interessados em participar do evento podem obter mais informações pelo Instagram @ceij.educacao.

TRABALHO INFANTIL

O Ministério Público do Trabalho na Paraíba lança, na próxima terça-feira (28), em Campina Grande, a Campanha 2024 de Combate à Exploração do Trabalho Infantil no período junino, em parceria com vários órgãos. A ação - que também faz alusão ao 12 de junho, Dia Mundial contra o Trabalho Infantil - será reproduzida nos municípios paraibanos que realizarão festejos juninos.

PROJETO VIAS DE ACESSO (1)

A Prefeitura de João Pessoa e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) vão atuar, conjuntamente, para agilizar a execução do projeto Vias de Acesso, que tem como objetivo a reforma e requalificação de ruas que fazem a ligação entre as partes alta e baixa da cidade.

PROJETO VIAS DE ACESSO (2)

Serão contemplados vias e lugares do Centro Histórico, como a Rua da Areia, a Ladeira da Borborema e a travessa São Francisco, e as praças Antenor Navarro e Dom Ulrico. A ideia é criar rotas requalificadas e acessíveis com destino à região do Porto do Capim, às margens do Rio Sanhauá.

JUSTIÇA DETERMINA SUSPENSÃO DE REAJUSTE DE MENSALIDADE

A Quarta Câmara Especializada Cível do Tribunal de Justiça da Paraíba determinou a suspensão do reajuste anual de 2023 na mensalidade cobrada dos alunos do curso de Medicina do Centro Superior de Ciências da Saúde. Conforme o relator do caso, o aumento da mensalidade deve ser precedido do atendimento de requisitos formais, a exemplo da planilha de custo.

Foto: Evandro Pereira

Fany Miranda

Presidente da AME-PB

"Somos corpos políticos. Política é o que a gente faz"

Artista visual e produtora cultural desenvolve ações sociais em João Pessoa e incentiva mulheres a serem empreendedoras

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

Quem é invisível nas cidades, nos espaços urbanos, nas ruas e nas calçadas? Quem é invisível para quem anda de carro, para quem dorme em cama e casa, para quem vive correndo? Fany Miranda é fundadora do Jampa Invisível, organização que realiza ações sociais junto à população de rua na capital paraibana. Ela mesma viveu essa experiência por cerca de dois anos, dormindo de dia e acordada à noite para manter sua segurança, o que a ajudou a desenvolver empatia com essa população e desenvolver uma atenta escuta ativa sobre suas vidas e necessidades. Artista visual e produtora, é presidenta da Associação de Mulheres Empreendedoras da Paraíba (AME-PB), tem um *hub* que mistura ações sociais com produção cultural e musical e é uma das organizadoras da Feira da Mulher Empreendedora da Paraíba — a maior de empreendedorismo feminino do Nordeste —, que atualmente ocupa quase a metade da Brasil Mostra Brasil. Pelas suas ações e pela forma como moldou todas as suas experiências, Fany tem sido reconhecida junto a influenciadores sociais de todo o Brasil e participado de eventos de cultura e representatividade, como é o caso do Festival Feira Preta, em São Paulo.

A entrevista

Eu queria te perguntar logo de cara: quem hoje é invisível na cidade de João Pessoa?

Infelizmente, são as pessoas que já estiveram invisíveis há muitos anos: as pessoas em situação de rua, as pessoas de favela, com questões mentais. As pessoas em situação de vulnerabilidade, em geral, só têm visibilidade em datas comemorativas, infelizmente.

Quando vocês criaram o Jampa Invisível, vocês pensaram nessa ideia do invisível, de dar visibilidade às pessoas?

Eu gosto muito de fotografia e sou artista visual. A gente sempre faz essas ações na rua de forma natural. Visualmente falando, havia muito coisa "bonita". Eu olhava e pensava: "Isso vai dar uma foto massa". Comecei a perguntar se poderia tirar uma foto e a colocar no perfil. A ideia inicial era chocar a sociedade com a visão do que ela não consegue ver na rua. Uma pessoa que não tem essa visão é capaz de tropeçar em cima de uma pessoa que está em situação de rua na calçada, por acaso. A ideia era chocar mesmo. Um dia, teve um cara que disse: "Isso é para onde?", eu respondi que era para o Instagram e ele falou: "Por que tu não grava um vídeo meu? Vai que minha família me acha". Então começou aí, com a questão da escuta afetiva. Antes dessa história, quando eu pedia autorização para fazer a foto, a pessoa já vinha com aquela carga todinha, falando, a gente só escutando, dava um abraço e agradecia. Eles precisavam daquele momento de escuta.

Quando entram as ações?

As ações já existiam, mas eu não queria colocá-las no perfil, porque a ideia era chocar com as fotos. Só que o perfil foi atingindo uma grande quantidade de pessoas e, como resultado, as pessoas perguntavam o que poderiam fazer para ajudar. Então, eu pensei: "Não, espera aí, eu vou mostrar o trabalho que a gente faz dentro desse perfil também". E aí tudo se tornou Jampa Invisível.

Hoje em dia, o Jampa Invisível ficou mais conhecido por ações voltadas para a população em situação de rua. Mas você também viveu essa situação. Conta como foi esse processo e de que forma isso te impacta para fazer esse trabalho.

Eu sempre falo que tive uma família de propaganda de margarina. Meu pai, minha mãe maravilhosa, foi perfeição da vida. Minha mãe teve lúpus e, na época, ninguém sabia o que era isso. Ela era até estudada por um povo de São Paulo, vivia no Hospital Universitário da UFPB. Para quem tem lúpus, não é indicado engravidar, porque a imunidade fica zero. Mas ela engravidou da minha irmã e a imunidade baixou muito, mas ainda viveu bastante, mesmo sem ter uma medicação correta. Veio a falecer quando minha irmã tinha cinco anos e eu, 16. Foi aí que o bagulho virou. O meu pai não suportou. Na época, eu não entendi, achei que ele tivesse me abandonado. Eu e minha irmã ficamos sozinhas na nossa casa, e meu pai desapareceu. Com a questão psicológica, ele foi para a casa da mãe, cuidaram dele e a gente ficou para trás. Depois, consegui mandar minha irmã para casa de uma amiga da minha mãe. Me separei dela, mas, depois, meu pai a encontrou e a pegou de volta. Isso gerou essa minha situação. Hoje, vou fazer 40 anos, mas, na época, para uma menina de 16 anos, as pessoas diziam: "Ah, dá para morar, viver só!", ninguém pegou na minha mão. Acabou que não tinha para onde ir. Comecei a andar com uma mochilinha nas costas, passava a noite no ponto de ônibus, sentada. As pessoas passavam e perguntavam para onde eu estava indo e eu dizia que era para casa, mas eu não estava. Eu fazia essa troca, passava a manhã dormindo e a noite, acordada, por segurança. Sempre fui artista, e consegui fazer algum dinheiro para comer. Não tinha terminado o Ensino Médio, mas sempre gostei de estudar. Um amigo pagou um supletivo, eu ia a pé para o colégio, ficava a noite toda com os amigos, até o último ir embora, e depois ia seguir minha vida, na rua. Fiz o Enem, fiz o Prouni, cursei *Marketing*, a minha vida girou em torno do estudo enquanto eu estava naquela situação, morei em vários lugares, dividindo com outras pessoas.

Como essas experiências se relacionam com o trabalho que você desenvolve no Jampa Invisível?

Nunca tinha relacionado uma coisa com outra. Depois que me organizei financeiramente, era meio que natural, mas, hoje em dia, eu entendo que é porque realmente sei o que é aquilo. Por exemplo, a gente tem um projeto sobre pobreza menstrual. Na época, essa expressão nem existia, mas a gente doava absorventes com calcinhas. Porque as mulheres em situação de rua, muitas vezes, não têm calcinhas. As pessoas só fazem doação do básico. É blusa e *short*; feijão ou cuscuz. Então, acho que, pela profundidade da necessidade que eu passei, eu consigo ser mais assertiva nas ações.

Você falou da ação de pobreza menstrual, mas também há outras ações para a população em situação de rua. Você acha que esse trabalho de base pode ajudar as pessoas a mudar a percepção de si mesmas e do mundo?

Eu acredito que sim. Eu adoro levar voluntário iniciante para alguma ação de alimentação, tipo doação de sopa, aquilo que você vai comer na hora, porque ele vai ver a real necessidade da pessoa. Um copo de sopa, que pode parecer uma besteira, e a pessoa está lá, tomando como se fosse a única coisa da vida! É bem clichê eu falar isso, mas é muito real. Tem advogado, tem pedagoga, tem muita gente que tem formação vivendo na rua. A sociedade pode pensar que é por conta de droga. Não é. No meu caso, eu perdi minha mãe, minha família. Há muitas situações, muitas mulheres que se separam do marido abusador e não têm para onde ir. Na visão geral da sociedade, quem está na rua é drogado e ponto. Mas não é sobre isso. E mesmo que fosse, existe o caminho para sair. Esse caminho, na visão da pessoa em situação de rua, em relação ao voluntário, pode começar com a percepção de que "poxa, estão me vendo, então eu tenho alguma importância!". É algo muito pequeno, mas muito real. Quando eu passo na rua, no carro, em certos horários, o pessoal [vivendo em situação de rua] sinaliza, fala comigo, dizem "ei, irmã". É uma besteira para a gente, mas é o sentimento de que eles existem. Isso gera expectativa de vida. São pequenas coisas. Mesmo a pessoa se acabando, eu tenho certeza de que, no fundo, ela ainda tem um pingo de esperança.

Hoje em dia você é presidenta da Associação de Mulheres Empreendedoras da Paraíba, a AME-PB. Como surgiu e como vocês têm atuado hoje? Como vocês estão se organizando?

A AME surgiu num grupo de amigas numa comunidade do Facebook, a "Mãe do Ano", de mulheres que tinham tido bebê e perderam emprego. Só que cada uma tinha uma habilidade, e eu comecei a trocar ideias com uma delas. Uma amiga soube, em meados de 2013 ou 2014, de uma tendência nos Estados Unidos chamada *open house*, em que o povo vendia coisas na garagem de casa. Começamos a fazer isso na casa dela, no Bairro dos Estados. Fazíamos em um domingo por mês. O povo da rua começou a frequentar e fazer a divulgação "boca a boca". Uma repórter achou interessante, entrou em contato conosco para nos entrevistar e já foi perguntando: "Como funciona essa associação?". Mas não éramos uma associação ainda. A partir disso, pegamos uma logo, fizemos camisas, *banner*, arrumamos o terraço da casa dela como escritório. Quando a TV chegou, achou a associação super organizada. Demos entrevista e, depois de um dia, o empresário Wilson Martinez, idealizador da feira Brasil Mostra Brasil, viu, achou interessante e nos ofereceu estande gratuito. Hoje, estamos no oitavo ano da Feira da Mulher Empreendedora, a maior feira de empreendedorismo feminino do Nordeste. Este ano, vamos ter 196 m².

É difícil ser mulher preta e periférica em um espaço de liderança hoje? Ou de alguma forma a discussão mais recente sobre representatividade e identidade também tem contribuído?

Ano passado, recebi o prêmio Sebrae Mulher de Negócios. Eu não esperava, estava em São Paulo, no Festival Rede Mulher Empreendedora, como convidada. Lá, inclusive, eu fui barrada no meu próprio camarim no festival, mesmo com crachá de convidada. Existem esses dois lados. A passagem de volta era exatamente no dia da entrega do prêmio. Eu achava realmente que seria apenas a "cota negra" do evento, mas, chegando lá, disseram que a vencedora era de João Pessoa, e que era eu, Stefany Miranda. Fiquei chocada. Eu não estava preparada para isso, mas, dentro de mim, eu sei de muitas coisas. Falei no microfone que percebessem que minha surpresa era por ser um perfil marginalizado, uma artista urbana de rua. Falei de um jeito educado e bonito, e agradeci. Estou aproveitando que meu perfil está na roda, é uma porta que está se abrindo. Pode ser uma porta de *marketing*, um caminho. É uma visão de negócio, de inteligência. Eu não tenho a teoria do feminismo negro, tudo é novidade. A a gente que está nesse meio procura ferramentas para que a roda rode mais rápida, e que dê para todo mundo. Não é sobre ganhar dinheiro, é sobre propósito. Tem muita coisa que faço que não me dá dinheiro, como o trabalho da AME, que é um trabalho voluntário. Somos corpos políticos, seres políticos, mulheres pretas periféricas, política é o que a gente faz. As pessoas não têm essa visão, acham que política é apenas o "vote em mim".

Como está hoje o terceiro setor aqui em João Pessoa. Você acha que tem dificuldade de apoio, financiamento e patrocínio localmente?

É muito difícil. O terceiro setor aqui só funciona por conta do desejo individual de cada pessoa. Eu faço parte da Pastoral de Rua. Somos um grupo de instituições e pessoas organizadas, com uma programação semanal. É uma organização feita pela sociedade civil. Tem a igreja que está dentro, mas, no final das contas, não é a igreja que banca isso, são as pessoas que estão na igreja. Existe um Centro Pop, que é da prefeitura, existem as casas de acolhida. De resto, a gente é que faz esse trabalho, a gente não ganha nada para isso. Tenho uma amiga que atua na perspectiva da redução de danos, que também é uma polêmica. Por exemplo, o ideal, para a sociedade, é que não haja prostituição. Mas a redução de danos chega para a prostituta e orienta "use camisinha, vá periodicamente ao hospital, porque lá tem um remedinho que previne HIV". A prostituta decide o que vai fazer da vida dela. A redução de danos faz com que haja menos pessoas doentes. Mas o povo não entende isso, acha que é sacanagem.

A iniciativa privada poderia estar mais junta?

Poderia demais. Uma besteirinha, mas que faz muita diferença. Por exemplo, existe uma ação solidária com caixas pela cidade em que você coloca doações. Eu estava com um bocado de roupas em casa, queria dar um fim a elas, mas não tinha tempo de fazer ação, coloquei tudo na mala do carro e fui levar em uma dessas caixas. Foi quando descobri que as pessoas estavam fazendo aquilo de lixo! Tive a impressão de que aquilo era a representação do que a sociedade pensa sobre as pessoas que precisam de doações: "lixo". As pessoas inventam de fazer algo, mas não vão lá tirar as roupas de dentro, não vão lá ver se está quebrada uma porta, então para que você está fazendo isso? Para fazer a diferença na vida das pessoas ou para entregar roupa suja de lixo e dizer que está fazendo uma ação? Uma coisa que eu sempre falo, tanto na minha vida profissional como em tudo: faça tudo com excelência.

Quais são as expectativas para o futuro? O que você vê da Fany em termos de desenvolvimento, de crescimento?

Eu gostaria muito que, dentro deste ano, eu tivesse o ponto físico do meu *hub*, o *Hub* de Desenvolvimento Empreendedor. Porque é o que todo mundo fala: "Você faz tanta coisa massa e nem tem um lugar físico, imagina se tivesse!". Nós temos um estúdio em Mangabeira e uma sala de reunião no Sebrae. Imagine se fosse tudo junto? Com um prédio, a gente poderia fazer uma residência artística, com um quarto completo, para fazer trocas, para alojar bandas que viessem para cá. Seria uma troca muito gostosa. Sem um ponto físico, já geramos tanto; com ele, geraríamos muito mais.

Foto: Roberto Guedes

Área de proteção é traçada a partir da "preamar de sizígia" - faixa de areia alcançada pela maré mais alta -, e se estende por 500 metros em direção ao continente. Nos primeiros 150 metros, nada pode ser construído

LEI DOS ESPIGÕES

Preservação supera especulação

Após anos de questionamentos diversos, hoje a legislação paraibana é quase um consenso entre os paraibanos

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Qual é a relação entre as praias de João Pessoa e de Balneário Camboriú, em Santa Catarina? Nenhuma, e ainda bem. Enquanto a capital paraibana desponta como exemplo ao limitar a construção de prédios altos em sua orla, o litoral catarinense representa o extremo oposto nesse aspecto, com a presença de espigões sombreando suas praias. Por aqui, existem duas leis complementares em vigor, uma estadual e outra municipal, que limitam a altura máxima das construções como forma de proteger a área da especulação imobiliária.

Mas o desafio é grande diante da verticalização que redesenha a cidade pouco a pouco. "João Pessoa é naturalmente bela. Nossa obrigação é simplesmente preservá-la como ela é", defende o arquiteto e urbanista Ricardo Vidal, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba (CAU-PB).

Na visão do especialista, se em Camboriú houvesse uma lei semelhante à de João Pessoa, talvez não fosse necessária uma intervenção tão grande, de engordamento da faixa de areia, para que a orla voltasse a ser convidativa. "Vejo aquela cidade como um exemplo a não ser seguido. Afinal, não houve por lá o cuidado que temos aqui da limitação de altura dos edifícios e, tardiamente, a solução encontrada foi alargar a faixa de areia", reflete Ricardo.

Por aqui, apesar das discordâncias especulativas sugerirem um impacto negativo no desenvolvimento local, ele considera a legislação um importante instrumento de preservação do patrimônio natural da cidade. "Ao contrário disso, nossa orla é conhecida nacionalmente por essa característica, que a destaca das demais grandes cidades litorâneas, atraindo turistas e novos moradores", complementa o urbanista.

Leis

Antes de tudo, é preciso entender o que significam essas leis que restringem a altura máxima dos prédios na orla pessoense. A principal delas, mais generalista, foi promulgada em 1989, como parte da Constituição do Estado (Artigo 229), e vale para todo o território paraibano. Já a municipal, de 1990, integra a Lei Orgânica do Município de João Pessoa e tem um caráter regulamentador, como bem explica Vital José Pessoa Madruga Filho, vice-presidente da Comissão de Direito Ambiental da Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional da Paraíba (OAB-PB). "A lei municipal traz um detalhamento maior acerca dos níveis de permissibilidade de construção, uma especificidade de cunho urbanístico e de interesse local; enquanto a estadual apresenta um teor mais generalista".

Embora a legislação estadual se sobressaia à municipal, ambas compartilham o mesmo objetivo: preservar a zona costeira de João Pessoa, área reconhecida como patrimônio ambiental, cultural, paisagístico, histórico e ecológico da Paraíba. "Basicamente, elas se harmonizam", pontua o advogado. Porém, nada disso seria possível hoje sem a atuação contundente de entidades como a Associação Paraibana dos Amigos da Natureza (Apan) durante o período de redemocratização do país. De acordo com Ronilton Lins, membro da Comissão de Direito Ambiental da OAB-PB, a Apan protagonizou essa luta para que essas normas fossem inseridas no texto constitucional do estado. E, se não fosse por ela, a Paraíba estaria hoje como qualquer outro estado da federação, com a permissão de espigões na orla. "Essas ideias ambientais não surgiram do nada. O que houve foi uma gradativa mudança de sensibilidade em relação à preservação do meio ambiente, intensificada durante a abertura política. E esse movimento contra os espigões fez parte dessa estratégia de mobilização social", destaca Ronilton.

Verticalização

Segundo o arquiteto e urbanista Ricardo Vidal, a legislação utiliza uma tangente que permite uma maior verticalização das construções à medida que os terrenos se distanciam do mar. "Se hoje a legislação fosse flexibilizada ou derrubada, em poucos anos, veríamos uma forte verticalização da orla. Esse ponto do gabarito é o que mais difere João Pessoa de outras cidades", complementa. A área de proteção é traçada a partir da "preamar de sizígia" – a faixa de areia alcançada pela maré mais alta na orla – e se estende por 500 metros em direção ao continente.

Nos primeiros 150 metros, nada pode ser construído, sendo uma zona de proteção total. Depois dela é que vem a primeira quadra, onde podem ser erguidos prédios de até 12,95 metros de altura, o equivalente a construções de três andares. Já na outra ponta dessa linha imaginária, o gabarito permitido é de 35 metros, com sete faixas de progressão entre a primeira e a última.

> **"Essas ideias ambientais não surgiram do nada. Esse movimento contra os espigões fez parte da estratégia de mobilização social"**
>
> Ronilton Lins

A lei estadual ainda estabelece como "crime de responsabilidade" a concessão de licença para construção ou reforma de prédios na orla que estiverem em desacordo com essas regras, sendo o "Plano Diretor" o responsável por disciplinar essas construções. Por se tratar de um instrumento de planejamento urbano, o Plano Diretor Estratégico (PDE) de João Pessoa tem justamente essa função, segundo o advogado Vital Filho. A altura máxima é calculada multiplicando-se a distância entre a linha da maré e o início do terreno pelo índice de aproveitamento do gabarito, que é 0,0442.

Se o imóvel não obedecer à norma, obra é barrada

Mas o que acontece se um prédio estiver acima da altura permitida? Quando um empreendimento começa a ser construído na orla pessoense, a construtora responsável precisa obter dois documentos fundamentais: o alvará de construção, para iniciar a obra; e o Habite-se, ao fim dela, atestando que o imóvel está de acordo com as normas estabelecidas pelo município. É nesse momento que se verifica se houve algum tipo de extrapolação, inclusive no gabarito de altura.

Vital José Pessoa Madruga Filho, vice-presidente da Comissão de Direito Ambiental da OAB-PB, explica que há duas soluções possíveis diante desse quadro: a supressão da altura excedente ou a aplicação de compensação ambiental. Porém, como em alguns casos essa adequação poderia causar prejuízos estruturais à obra, por já estar edificada, tem-se buscado acordos para mitigar os danos ao meio ambiente e evitar possíveis riscos aos futuros moradores desses prédios. "Agora, o que está sendo questionado é se realmente essa compensação é adequada, se realmente ela compensa o dano ao meio ambiente".

Apesar da penalização, o Ministério Público da Paraíba (MPPB) tem levantado um debate importante sobre a dosimetria das multas aplicadas às construtoras. Segundo Vital José, muitas vezes, a compensação é fixada em valores muito aquém da gravidade do caso. Além disso, por serem irrisórias frente ao problema, essas multas acabam se tornando, também, uma saída oportuna para a flexibilização da legislação. "Há um procedimento em curso no MP que, inclusive, já descambou para uma ação civil pública, sobre a existência de vários prédios na orla de João Pessoa que transgrediram a norma de restrição do gabarito de altura", complementa Vital. Há pelo menos seis construtoras envolvidas.

A Comissão de Direito Ambiental da OAB-PB tem acompanhado o caso e contribuído com o órgão na construção desse importante debate.

Recentemente, a Câmara de João Pessoa propôs uma pequena alteração à legislação municipal: em vez de 1,30 m, as platibandas dos prédios (as muretas de proteção colocadas na parte superior das edificações) poderiam medir 1,50 m. A emenda, entretanto, foi vetada pelo prefeito Cícero Lucena justamente por alterar a restrição de altura máxima. Seria um passo em direção à flexibilização das regras, um caminho equivocado e sem volta para a verticalização da orla, com graves consequências para a qualidade de vida da população.

É o que aponta Bráulio Almeida Santos, professor do Departamento de Sistemática e Ecologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e coordenador do Laboratório de Ecologia Aplicada e Conservação. "A lista de impactos ambientais é extensa."

Com os espigões, haveria o sombreamento da praia e da vegetação de restinga, que mantém o ambiente "de praia" em equilíbrio. Sem ela, o vento sopraria toda a areia para o calçadão, impactando a vida dos animais. "Tanto os animais que vivem enterrados na areia, como crustáceos e moluscos, como aqueles que vivem na superfície, como aves, répteis e mamíferos, seriam afetados", completa Bráulio. A verticalização também aumentaria a densidade populacional na região, resultando em mais poluição hídrica e atmosférica.

Para evitar que um futuro tão adverso se torne realidade, Bráulio acredita que todas as cidades litorâneas precisam de um gerenciamento costeiro integrado baseado em dados técnicos e científicos. E o limite da altura das edificações seria um pilar central nessa questão. Diante disso, poderia ocorrer flexibilização da legislação sem comprometer o meio ambiente? Para Denison Ferreira, porta-voz da frente de Oceanos do Greenpeace Brasil, João Pessoa precisa seguir por um caminho diferente. "Precisamos reforçar e melhorar nossas legislações, investir e ampliar o quadro de analistas, técnicos e fiscalizadores ambientais e criar políticas públicas eficientes que cuidem das pessoas, da natureza e que nos preparem para lidar com as mudanças climáticas", crava.

ENTRE ELAS

Mulheres investem em serviços só para o público feminino

Preenchendo uma lacuna no mercado, empreendedoras encontram nas clientes um nicho importante na capital

Samantha Pimentel
samanthaauniao@gmail.com

O debate envolvendo a pauta de gênero sempre vem à tona na sociedade, e, dentro dele, são levantadas problemáticas enfrentadas pelas mulheres, como as desigualdades no mercado de trabalho, sobrecarga de atividades com os cuidados domésticos, além de situações de assédio e insegurança. Essas questões fazem com que o público feminino tenha demandas específicas na hora de contratar um serviço, por exemplo. Por isso, muitas mulheres vêm explorando esse nicho de mercado e oferecem serviços, de forma exclusiva, para outras mulheres, nos mais diversos segmentos, sobretudo naqueles que costumam ser predominantemente masculinos.

Em João Pessoa, a academia Box Delas é um espaço gerenciado por mulheres e pensado para atender, exclusivamente, o público feminino. A responsável pelo empreendimento, a profissional de Educação Física Sabrina Santos, relata que, quando chegou a João Pessoa, começou a oferecer o serviço de *personal trainer* on-line, e a procura foi muito maior por parte das mulheres. Isso acabou levando a ideia de abrir uma academia exclusiva para essas clientes.

O espaço hoje conta com mais de 200 alunas, e ela comenta que o diferencial é a atenção que é dada às frequentadoras. "Hoje, a gente tem seis professoras, e são até quinze meninas por hora-aula. A gente tem aula de manhã, tarde e noite. Quem monta o treino sou eu, e cada aluna que chega aqui eu discuto a história, eu vejo o que ela precisa, aí nisso a gente vai moldando, vai fazendo as coisas de acordo com o que ela gosta", afirmou.

Sabrina ainda relata que teve dificuldade de encontrar professoras de esportes de combate e artes marciais, pois esse é ainda um universo muito masculino, e que, por isso, também vem investindo em capacitações para sua equipe poder ensinar o básico de algumas modalidades, como o boxe. Ela ainda destaca que outras atividades são pensadas para humanizar esse espaço da academia: "Eu tenho aula na praia, a gente faz uma aula de aniversariante do mês, na praia, mas também só mulheres. Hoje a gente tem bastante alunas por isso, porque a gente é mais humanizado. Porque, se você for numa academia maior, não tem esse tempo de ter essa conversa, de entender a aluna", declarou.

A proprietária da academia também fala que, no local, as mulheres se sentem mais confiantes para usar roupas curtas e *tops*, pois seus corpos não estão sendo julgados nem há possibilidade de sofrerem situações de assédio. "Eu vejo que a parte da autoestima delas vai mudando também, que elas vão saindo daquela coisa de só usar roupa larga. E todas as aulas são focadas no bem-estar delas, não é só na estética", destacou.

A também profissional de Educação Física e estagiária da academia, Jessika Rayssa Pessoa Ferreira, comenta que trabalhar só com mulheres é uma experiência incrível. "Aqui elas ficam mais à vontade, e a gente consegue acompanhar melhor elas. A gente consegue trabalhar também com diversos tipos de dinâmica, e a diferença daqui para uma academia tradicional é que envolve muito o emocional", destacou.

Uma das alunas do Box Delas, a advogada Bruna Woiciechoski, fala que escolheu o espaço por se sentir mais à vontade: "Eu nunca gostei de ir para a academia, pelo fato da vergonha, da timidez e, nesse local, como é só mulher, ninguém tem vergonha, todo mundo se ajuda, todo mundo se apoia", afirmou. Outra aluna do espaço, a professora Isa Ortega, destaca que a academia é também um lugar de integração. "A gente tem esse movimento de agregar, de integrar. Então, é uma força feminina, que eu não sou dessas de militância feminina, mas a gente consegue ter uma energia, uma força feminina que traz esse engajamento, essa vontade de fazer mais", ressaltou.

Foto: Roberto Guedes

Devido à procura, academia Box Delas passou do serviço on-line para o espaço físico

Negócio abrange vários segmentos e conquista clientes

Como forma de gerar renda, a estudante de Administração, Isadora Guedes, começou a oferecer serviços de montagem de móveis para mulheres, que se sentem mais seguras ao receber em casa uma outra mulher, ao invés de um homem desconhecido. "Eu comecei no ano passado e na época eu estava precisando fazer uma graninha extra. Tinha minhas ferramentas aqui em casa, porque eu sempre fiz umas coisas para mim mesmo, e aí eu pensei assim: poxa eu estou precisando de dinheiro, eu sei fazer as coisas, vou começar a oferecer meus serviços", declarou.

Ela também conta que, desde o início, sua ideia era oferecer esses serviços apenas para mulheres, pois assim ela se sentiria mais segura, além de oferecer segurança para suas clientes. "Eu não queria ir em casa de homens desconhecidos e para ajudar também, que eu sei que as meninas não gostam de estar chamando homem estranho para dentro de casa. Talvez elas se sintam mais seguras comigo. Então, foi mais pela segurança mesmo, minha e das clientes também", afirmou.

Isadora ainda comenta que a procura pelo seu trabalho tem sido muito boa e que às vezes alguns homens entram em contato com ela, mas ela não aceita oferecer seus serviços a esse público, a menos que sejam pessoas amigas. "Sempre que um homem vem falar comigo, que é bem difícil, é extremamente arrogante e sempre acaba pedindo desconto, ou então diz: 'ah, mas isso aí é fácil de fazer, eu sei fazer, eu só não faço porque eu não tenho tempo'. E aí acaba que eu não atendo não, só se for amigo", destacou.

Uma das clientes da Isadora, a estudante e pesquisadora júnior, Ana Eduarda Rodrigues, comenta que optou por contratar os serviços de uma mulher porque se sentiu mais segura, já que ela mora sozinha, e também já teve experiências negativas com homens que ofereciam o mesmo serviço. "Eu pensei: poxa, possivelmente uma mulher vai ter mais cuidado, uma mulher vai ser mais caprichosa. Porque eles já quebraram alguns (móveis), ficavam meio que enrolando para fazer o trabalho. Tinha alguns que demoravam mais que o necessário, situações que além de me deixar desconfortável me geravam um certo prejuízo também", contou.

Outra mulher que oferece seus serviços para o público feminino é a instrutora Rosilene Trajano da Fonseca, que dá aulas de direção. Ela disse que, quando trabalhava em autoescolas, observava que muitas alunas saíam de lá com a Carteira Nacional de Habilitação (CNH), mas sem a segurança de dirigir, e isso a motivou a oferecer aulas particulares para as mulheres já habilitadas. "Muitas vêm reclamando porque o instrutor da autoescola é impaciente, que não dava atenção, que ficavam criticando, soltando piadinha e cada uma tem uma história diferente. Outras vêm dizendo que têm habilitação e o marido fica dizendo que tirou só para ter uma documentação, mas nunca vai dirigir. E no final faz as aulas comigo e fica dirigindo", destacou.

Rosy, como é conhecida, também fala que, por essas e outras questões, muitas de suas alunas já vêm com algum trauma quanto à direção e que ela precisa ter maior atenção e paciência durante as aulas. Ela acrescentou que as mulheres, por terem muitas atribuições com a casa, os filhos e o trabalho, têm mais dificuldade de aprendizado nas autoescolas, pois têm menos tempo para praticar. "O público masculino muitas vezes aponta erros no trânsito e busca justificar: olha aí, é porque é mulher. Até a gente ensinando, às vezes, homens passam de moto e são ignorantes. Por isso, a maioria das aulas que eu dou são com o ar-condicionado ligado e os vidros levantados, já para a aluna não ouvir nada e não ficar tão tensa", destacou.

Foto: Arquivo Pessoal

Isadora Guedes é montadora de móveis; ela diz que as clientes se sentem mais seguras

Foto: Arquivo Pessoal

"Pensei que uma mulher teria mais cuidado, seria mais caprichosa, porque eles ficavam meio que enrolando para fazer o trabalho

Ana Eduarda Rodrigues

VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Cresce número de ataques virtuais

Pesquisa mostrou que vítimas desenvolvem medo de sair de casa, ansiedade e sensação constante de perseguição

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

As mulheres são um dos grupos mais vulneráveis à violência. Seja no trabalho, em ambientes de estudo ou até mesmo dentro da própria casa, são muitos os relatos de agressões físicas e psicológicas. Nos últimos anos, passou a ser constante também os ataques de gênero pela internet. A jornalista Jô Pontes é integrante do Cunhã Coletivo Feminista e, entre outras ações, esteve envolvida, durante a pandemia de Covid-19, em ações formativas sobre boas práticas de comunicação para o ativismo das mulheres. Mas, entre uma aula e outra, o grupo foi percebendo algo importante: estavam crescendo de forma latente os casos de violência de gênero, como perseguição. Foi a partir de então que o coletivo percebeu a necessidade de aprofundar a atuação sobre o campo da violência de gênero no ambiente digital.

"A gente começou a direcionar essa formação para a questão de como a gente pode enfrentar situações de violência virtual na rede e a aprofundar mesmo essa discussão. Há muitas mulheres que nos procuram, que mandam mensagem até pelas nossas redes sociais mesmo. A gente orienta, informa sobre as delegacias da mulher, passa algumas dicas também de como você pode estar se protegendo também", explica Jô Pontes.

Durante a pandemia, o Instituto Avon e a Decode realizaram uma pesquisa com o objetivo de investigar a temática da violência contra meninas e mulheres na internet, divulgada na publicação "Muito Além do Cyberbullying – A Violência Real do Mundo Virtual". Segundo o estudo, à época da pandemia, aumentaram os casos de assédio virtual (28% a 38%) e de perseguição (de 23% a 32%) - também conhecida como *stalking*.

As principais consequências à vida das vítimas de violência virtual na pandemia: medo de sair de casa (35%), exclusão de contas em redes sociais (21%), desespero em meio à situação (20%), ansiedade com ligações e notificações (12%), indignação com parceiros (8%) e sensação de constante perseguição (4%). Mais de 30% relataram efeitos psicológicos sérios (como adoecimento psíquico, isolamento social e pensamentos suicidas).

Fotos: Leonardo Ariel

Assédio e perseguição são os tipos mais comuns de violência virtual

Saiba mais

Formas de violência de gênero na internet

■ Censura, como casos em que as plataformas digitais censuram conteúdos políticos de mulheres nas redes, ou quando acontece um ataque massivo contra uma determinada mulher nas redes;

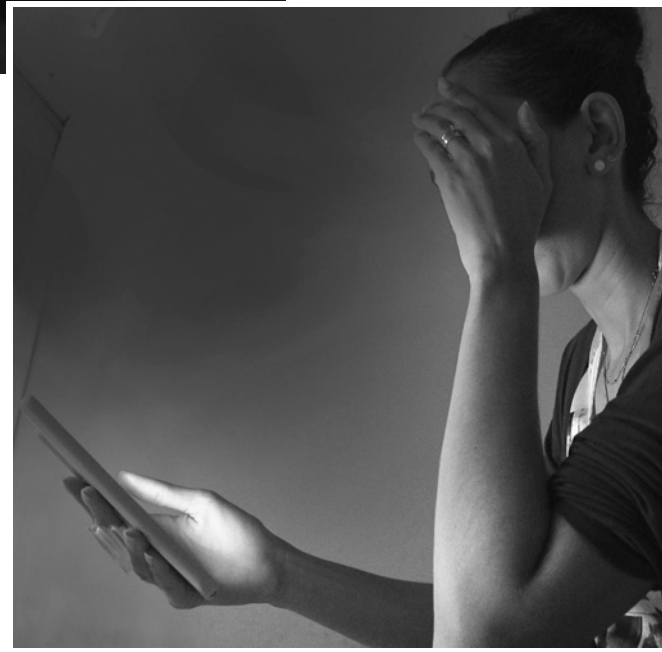
■ Ofensa ou incitação ao ódio ou ao crime, ou seja, incitar que outras pessoas ajam de forma violenta contra a mulher; ameaças de violência física;

■ *Stalking*, ou perseguição;

■ *Impersonation*, quando alguém cria um perfil falso de uma mulher com exposição de conteúdos íntimos ou com algum comportamento alheio ou criminoso;

■ Exposição de dados pessoais; utilização indevida da imagem;

■ Disseminação não consentida de imagens íntimas, que pode envolver ou não algum tipo de extorsão ou ameaça; Invasão ou *hacking*; Ataque coordenado.

Fonte: *Relatório "Violências contra Mulher na Internet: Diagnóstico, Soluções e Desafios" (2017)*

Crime na internet é extensão do que acontece no "mundo real"

Especialistas explicam que não cabe diferenciação entre o que acontece on-line — nas redes sociais e plataformas digitais — e o que acontece off-line — de forma física, presencial. A violência contra as mulheres nos ambientes digitais pode ser uma extensão da violência que já acontece presencialmente ou trazer para o mundo físico as consequências daquilo que ocorre on-line.

Em termos de legislação, nos casos em que os agressores são pessoas da própria convivência familiar ou doméstica da vítima, o conceito de "doméstico" também pode ser ampliado para as relações interpessoais e comunitárias nos próprios ambientes digitais e podem ser lidas a partir da Lei Maria da Penha.

"Essa violência de gênero, amparada pela Lei nº 11.340, se estende ao ambiente digital, se houver essa relação de afeto, essa relação com essa conotação afetiva. Não é uma situação, por exemplo, contra uma mulher sem essa conotação de afetividade. Por exemplo, alguém que identifica os dados de uma mulher e começa a chantagear, sem essa relação afetiva", explica a delegada Sileide Azevedo, coordenadora das Delegacias Especializadas de Atenção à Mulher (Deams) da Paraíba.

No caso da própria violência, as plataformas on-line podem ser ferramentas usadas junto com o próprio exercício da violência em âmbito físico. Mas também mesmo aquilo que se fecha aos ambientes virtuais tem consequências diretas na vida da mulher, seja em termos materiais ou psicológicos. Alguém pode perguntar: como é que pode ter uma violência física no mundo on-line se a pessoa não está tocando? "Há a incitação da violência contra aquela mulher", esclarece Mabel Dias, jornalista, associada ao Coletivo Intervozes e doutoranda em Comunicação pela UFPE.

"Violência de gênero amparada pela Lei nº 11.340 se estende ao campo digital e pode ter conotação afetiva

Sileide Azevedo

"O agressor expõe informação pessoal da menina, foto, coloca telefone, informações pessoais, o que chamam de *doxxing*. Tem o racismo, o *stalking*, o assédio, ataques em massa, abuso sexual baseado em imagem, então são todas essas violências que podem acontecer no ambiente virtual e podem ser estimuladas e levar ao suicídio da mulher, da adolescente ou gerar o ambiente físico para que isso aconteça de fato. Ao ponto de as pessoas terem que mudar de residência, sair do trabalho, mudar telefone", aponta Mabel.

Dinâmica das redes

Segundo a pesquisadora Mabel Dias, as próprias ambiências digitais, em especial, trazem características que potencializam a violência de gênero. A dinâmica de envolvimento e interações, sem precisar especificamente da qualidade do conteúdo, é uma das bases da arquitetura da rede.

"Hoje em dia, todos nós somos produtores de conteúdo. Produz conteúdo desde aquela pessoa que tem consciência, senso crítico, ética, quanto aquela que não tem. Existe uma mínima filtragem daquilo. Há um perfil de um masculinista [estudado na pesquisa] que tem discursos misóginos, diz que mulher com *piercing* em partes íntimas é puta. Isso gera repúdio, gera violência contra a mulher. O algoritmo não consegue identificar o discurso preconceituoso, que pode gerar violência. A arquitetura das plataformas digitais pode beneficiar, fazer com que essa violência venha a acontecer", explica Dias.

A promotora de Justiça da Mulher do Ministério Público da Paraíba (MPPB), Rosane Araújo, acompanha a fala de Mabel: "O ambiente digital e a existência das redes sociais só aumentam ainda mais o número dessas violências, pela facilitação e pelo alcance ilimitado desse dano. Ainda que posteriormente seja determinada a retirada dessas imagens das redes sociais, o dano já está instalado. A violência de gênero nas redes sociais é mais danosa, ela é de alcance global, e o dano emocional para a vítima é imensurável", reforça.

Responsabilizar as plataformas é desafio para a Justiça do país

Outro problema sinalizado pela pesquisadora é a falta de regulação das plataformas digitais, enterrada de vez recentemente com o recuo na legislação dentro do Parlamento federal.

"As plataformas digitais lucram com esse discurso de ódio, com o 'quanto mais violência, melhor'. Elas dizem combater, mas muitas vezes não conseguem nem detectar os atos. Muitas demitiram pessoas que faziam moderação de conteúdo. O algoritmo não consegue filtrar. Esse discurso vai passando para as pessoas, principalmente adolescentes", explica Mabel Dias. A pesquisadora traz uma possível solução:

"Uma principal questão que a gente poderia ter é a aprovação da Lei de Combate à Desinformação, o PL nº 2630, que está parada no Congresso, e houve uma grande mobilização das plataformas digitais para que ele não fosse aprovado. A partir do momento em que houvesse uma regulação das plataformas, isso seria solucionado", defende.

"Obviamente as redes sociais têm responsabilidade. A dificuldade é, por serem multinacionais, saber quem é o dono, juridicamente falando quem responde, onde responde. Elas deveriam ser o primeiro filtro, de não permitir tipos de divulgação, propagar discurso de ódio, de intolerância, de desrespeito, de violência de gênero, mas o discurso de ódio virou mercadoria. Tem um segmento que gosta disso, e as redes sociais, como empresa, têm interesse econômico. Se não fizerem o filtro, o devido controle, devem ser responsabilizadas também pelo dano moral causado a essa vítima", completa a promotora Rosane Araújo.

Como denunciar?

"A atribuição desses casos é da Delegacia da Mulher, nós usamos a *expertise* e fazemos trabalho com o apoio da Delegacia de Crimes Cibernéticos, auxiliando por vezes, nos trazendo encaminhamentos que podem nos auxiliar nessa investigação para identificar o autor. Às vezes, são contas que as pessoas usam fora do país e a gente tem que identificar o IP dessa máquina. É bem delicado", explica a delegada Sileide Azevedo.

Nesses casos, as dicas da delegada são salvar o perfil, para tentar identificar o autor, *printar* e armazenar as conversas, comprovantes de transferência bancária, toda a documentação relacionada, que ela preserve essas informações e que leve à Delegacia da Mulher mais próxima, com o equipamento que ela estava usando nessa comunicação. No caso de cidades sem delegacias da mulher, pode-se buscar a delegacia municipal.

A ativista Jô Pontes aponta alguns cuidados: em *sites* e aplicativos de relacionamento, ter o cuidado de não enviar fotos mais íntimas, não deixar dados e endereço publicamente quando for fazer fotografia, também tomar cuidado de não colocar a localização de onde está. Se for a algum encontro com alguém que conheceu na internet, sempre compartilhar o contato da pessoa com uma rede de apoio com pessoas de confiança para se prevenir para evitar qualquer situação de violência.

■ Plataformas digitais lucram com discurso de ódio, apesar da alegação de combate a condutas ilegais

BOM JESUS

Agenda cheia na fronteira com o CE

Com seis décadas de história, município mantém um diversificado calendário de eventos durante o ano

Lara Ribeiro
Especial para A União

Distando 490,2 km de João Pessoa, o município de Bom Jesus se situa na divisa da Paraíba com o Ceará. Próximos da fronteira, é comum que alguns de seus moradores, especialmente em ruas como a Antônio Caetano, visitem rotineiramente o estado vizinho, seja para trabalhar ou mesmo fazer uma simples refeição. Atualmente, a cidade abriga uma população de 2.286 habitantes, em uma área territorial de 47,367 km², segundo dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com o secretário de Cultura de Bom Jesus, Daniel Magalhães, a origem do município, emancipado em 5 de novembro de 1963, remonta a uma propriedade rural do início do século passado, conforme documentado no livro "Aroeira – Fatos e Personagens da História de Bom Jesus", do professor e escritor Eliomar Brito, falecido em abril deste ano. "Segundo relatos de Eliomar, o nome do município é uma homenagem ao Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da capela construída na antiga Fazenda Aroeira, em 1922, cerca de quatro décadas antes da chegada dos primeiros desbravadores, o Sr. Antônio Caetano Leite e a Sra. Francisca Maria de Jesus", explica.

Com o passar do tempo, segundo o secretário, aquela capela se tornou a Igreja Matriz de Bom Jesus e, a partir disso, a Fazenda Aroeira evoluiu para um sítio, que, em 1955, foi reconhecido como distrito pela Comarca de Cajazeiras. "Apenas oito anos mais tarde, Bom Jesus conquista, enfim, sua emancipação político-administrativa, tornando-se município e recebendo o mesmo nome de sua primeira igreja", acrescenta Daniel.

Somando 60 anos de história como cidade, Bom Jesus ainda conserva testemunhas oculares de suas primeiras décadas de desenvolvimento, além de um museu que reúne diversos objetos e documentos das primeiras famílias que habitaram o local.

Economia

A principal atividade econômica de Bom Jesus é o comércio, proveniente da agricultura, da pecuária e da pesca, além de uma pequena produção industrial. O cultivo de milho e feijão predomina nas plantações locais, que incluem safras sazonais de arroz e algodão.

Quanto à pecuária, destaca-se a produção de leite e carne, com fabricação esporádica de queijo, além de pequenas criações caprinas, apicultura e pesca em água doce, realizada nos açudes locais. A indústria bom-jesuense, que tem baixo valor agregado, é focada na produção de cerâmicas, pedras e churrasqueiras.

Fotos: Emanuel Dias/Prefeitura Municipal de Bom Jesus

Emancipada em 1963, cidade teria sido nomeada em homenagem ao padroeiro de sua primeira capela, que se tornou a Igreja do Sagrado Coração de Jesus

No período do Carnaval, Bom Jesus costuma receber muitos visitantes de municípios vizinhos, atraídos pela Corrida de Jegues e pela programação da Bonja Folia

Atrações culturais fomentam o turismo local

O turismo de Bom Jesus, outro elemento de influência sobre a economia do município, está fortemente ligado às suas festas. A mais conhecida delas é a Corrida de Jegues, realizada sempre no período de Carnaval, em fevereiro. O radialista Francisco Jocerlan Sampaio conta que o evento surgiu na mesma época da emancipação da cidade: "Foi por volta de 1963, quando uns amigos em um bar fizeram uma aposta para saber qual jumento corria mais. Naquela época, esse era o meio de transporte de quem vinha da zona rural".

Assim, a partir desse desafio, o poeta Gerson Carlos e o professor Eliomar Brito criaram a corrida para animar o Carnaval local, incentivando outros proprietários a participarem da brincadeira, que foi oficializada em 1968. "Até hoje, [a Corrida de Jegues] é patrimônio do nosso município, com corredores de vários estados. Foram criadas regras, espaço e premiação", complementa o radialista. As três últimas edições da competição foram vencidas pela agricultora Maria Kleidiana Soares, que, neste ano, chegou em primeiro lugar com a jumenta Barbie. "A corrida já virou tradição em Bom Jesus, vem muita gente correr. Todos os meus irmãos já correram e, hoje, meu filho de 12 anos está participando também", afirma.

Programação variada

Nos últimos anos, a Bonja Folia, outra festividade carnavalesca de Bom Jesus, que acontece logo após a Corrida de Jegues, também tem atraído muitos visitantes de cidades vizinhas, com apresentações musicais locais e regionais, concursos e brincadeiras.

Em março, é a vez da Festa do Padroeiro do Distrito São José, considerada o maior evento da zona rural bom-jesuense, e do Empodera Mulher. Esse festival, ao lado da Maratona Feminina, oferece uma grande programação de debates, atividades sociais e esportivas voltadas para as mulheres do município — que criou, em 2021, sua própria Secretaria da Mulher e Diversidade de Humana.

O São João de Bonja, por sua vez, também vem se tornando parte do calendário festivo da região, com atrações culturais tanto em praça pública como em escolas da cidade. "Possuímos uma quadrilha junina, a Sensação Nordestina, que tem conquistado bastante sucesso por onde passa", celebra o secretário de Cultura.

Daniel Magalhães cita ainda a cavalgada Tropeiros de Aroeira, realizada em novembro, como mais um evento de tradição na agenda local. Integrando a chamada Semana do Município, quando também ocorre a festividade de emancipação da cidade, a cavalgada vem atraindo muitos turistas, segundo o secretário. "Em menor escala, Bom Jesus também recebe turismo religioso, com eventos católicos e evangélicos, e ecológico, no Açude do Escurinho e na Lagoa do Arroz", salienta Daniel. A propósito, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus concentra a maior parte da programação religiosa bom-jesuense, composta de procissões, romarias e quermesses, mas as quatro igrejas evangélicas da cidade também promovem eventos ao longo do ano – sendo o maior deles o Culto Ecumênico, realizado durante a Semana do Município.

Entre outras atrações culturais e esportivas de Bom Jesus, estão as peças teatrais elaboradas pelos grupos locais — a Companhia de Artes Aroeira e o Grupo Raios de Sol –, cantorias tradicionais, campeonatos de karatê, rotas de ciclismo e encontros de motoqueiros.

Filho ilustre

Apesar de ser conhecido como um filho de Cajazeiras, o músico e poeta Zé do Norte (1908-1992) nasceu em solo bom-jesuense — na época em que a cidade era apenas um sítio. "Em 1963, quando conquistou sua emancipação, todos aqueles que haviam nascido em Bom Jesus passaram a ser reconhecidos como bom-jesuenses também. Esse é o caso de Zé do Norte. A gente carrega a honra, compartilhada com Cajazeiras, de tê-lo como filho da nossa terra", frisa o secretário de Cultura.

Consagrado como cantor, compositor e escritor, Zé do Norte criou clássicos do cancioneiro popular, como "Lua Bonita", "Sodade, Meu Bem, Sodade" e "Mulher Rendeira" — que integrou a trilha sonora do filme "O Cangaceiro" (1953), sucesso em festivais mundo afora.

Criada a partir de uma aposta, a Corrida de Jegues se tornou uma competição que mobiliza participantes de diversos estados

Fotos: Arquivo pessoal

As realizadoras do coletivo Las Luzineides terão um dia cheio na sexta, com uma mostra de seus trabalhos, uma homenagem no Centerplex e uma festa na 220v

CINEMA

Audiovisual de guerrilha com alma de fanzine

FestinCineJP começa hoje sua segunda edição com filmes, negócios e uma homenagem, na próxima sexta, ao coletivo Las Luzineides

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Nos idos de 1998, o contexto da produção audiovisual era muito diferente do que é agora. As TVs eram de tubo. A música digital ainda engatinhava. E para se lançar um filme em escala comercial, era preciso desembolsar milhares de reais com a compra e a revelação de negativos. Neste mesmo ano, o coletivo audiovisual Las Luzineides, grupo de jovens realizadoras, driblou estes e outros obstáculos – como o machismo e o elitismo – para começar a fazer cinema na capital, no melhor estilo "guerrilha". O coletivo será homenageado na próxima sexta no FestincineJP, que começa hoje em João Pessoa (*confira a programação de hoje e de amanhã no destaque*).

Foram poucos e intensos anos em atividade, que renderam nove curtas e muitas histórias. Todas elas mantêm contato e continuam imersas em atividades correlatas ao cinema e à cultura em geral.

Quando começaram a dirigir independentemente, foram influenciadas pelo trabalho das realizadoras paraibanas Vânia Perazzo e Elisa Cabral. Os videozines, transposição para o audiovisual do conteúdo dos fanzines, foram algumas das criações coletivas da turma. "Tínhamos dificuldades técnicas, mas havia um potencial criativo muito grande naquilo que produzimos. Este era um espaço nosso. Hoje em dia, há várias meninas e mulheres trabalhando com cinema", celebra Ana Bárbara Ramos, que integrou o grupo junto com Liuba de Medeiros, Katiuscia Furtado, Ana Rogéria Araújo, Ana Isaura Dinniz e Cristhine Lucena.

Las Luzineides marcou com cinema de 'guerrilha' e até produziu uma mostra com o Zé do Caixão

Todas elas se reencontrarão no FestincineJP, mas Ana Dinniz também projeta um documentário sobre Las Luzineides. "Está em fase de pré-produção, graças aos recursos da Lei Paulo Gustavo, e ainda sem previsão de estreia", detalha. E, a propósito, de onde partiu o nome do grupo? "Veio do bordão da Claudia Jimenez na novela *Torre de Babel*, que gritava 'Cala a boca, Luzineide!'", evoca.

Já a jornalista Ana Rogéria ilustra que só teve noção do tamanho e da importância do coletivo em 2001, quando lotou o Cine Bangüê durante uma mostra com filmes do diretor José Mojica Marins, o Zé do Caixão: "Acho que o Las Luzineides tinha uma certa empatia das pessoas. Até hoje me pergunto como elas dedicavam tempo para trabalhar de graça dos nossos filmes".

Quem é quem

A pernambucana Ana Bárbara Ramos viveu suas primeiras experiências no audiovisual quando era aluna do curso de Comunicação Social da UFPB: "O caminho de quem queria trabalhar com as imagens era esse". Trabalhando no média-metragem *Funesto – Farsa Irreparável em Três Tempos* (1998), de Carlos Dowling, ela pôde se aproximar ainda mais do cinema.

Ana Isaura Dinniz é de Itaporanga e afirma ter "a idade da Terra". Trabalhava com moda antes de fazer parte do coletivo, que conheceu através do contato com os colegas da Comunicação. "Em razão dessa minha atividade anterior, migrei para direção de arte e figurino em audiovisual", conta.

Já Ana Rogéria Araújo diz que nasceu em Manaus, "há 10 mil anos atrás". "Produzia mostras de filmes em bares, em feiras, a maioria independente. Atuava e atuo ainda como jornalista especializada em cultura. Mas fazer cinema, dirigir, roteirizar, antes das Luzineides, não fazia", explica Ana Rogéria.

Cristhine Lucena nasceu em João Pessoa e foi através da amizade com cineastas da cena local que seu interesse pelo cinema floresceu – abandonando a carreira de dentista. Ela detalha que todas elas foram perpetuamente influenciadas pela experiência em Las Luzineides. "O grupo foi se readaptando a tudo que foi chegando na vida pessoal e profissional de cada uma. Ele continua de alguma forma em tudo que cada uma faz, juntas ou individualmente", relata.

Katiuscia Furtado, que transferiu-se novamente para seu estado de origem, o Ceará, depois que concluiu os estudos na UFPB, esclarece que o intercâmbio cultural entre os jovens pessoenses não se resumia aos alunos de Comunicação: "Todos nós nos conhecíamos da cultura *underground* de João Pessoa. A gente ia para as mesmas festas, para os mesmos shows alternativos. Então, em todo lugar, eram as mesmas '200 pessoas'".

Liuba de Medeiros mudou-se ainda adolescente para João Pessoa. Ela define a mistura entre a música, a fotografia, o fanzine, a moda e a anarquia como o elemento fundante de Las Luzineides. "O cinema nacional estava vivendo uma retomada, e a Paraíba também estava", contextualiza.

Finalizando, Ana Isaura afirma que o grupo "voltou para Plutão", mas esta viagem não foi um adeus: "Viramos purpurina, mas estamos por aí, pregando na pele e fazendo brilhar".

PROGRAMAÇÃO/ HOJE E AMANHÃ

HOJE

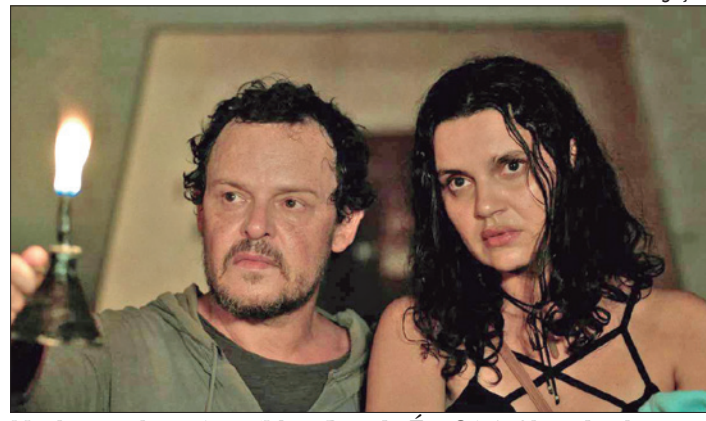
Largo São Frei Pedro Gonçalves, Varadouro
16h – Show de abertura com Felipe Cordeiro e Ferve

Centerplex (MAG Shopping)
[Sala 1]
19h – Solenidade de abertura, com homenagem a Matheus Nachtergaele
20h – Sessão Hors Concours: *Mais Pesado É o Céu*, de Petrus Cariry [1h38, 16 anos]
[Sala 2]
20h15 – Sessão Hors Concours: *Mais Pesado É o Céu* [1h38, 16 anos], com apresentação de Matheus Nachtergaele

AMANHÃ

Usina Energisa
10h – Painel Institucional, com Paulo Alcoforado (presidente da Ancine) [Sala Vladimir Carvalho]
14h – Fórum de Estratégias para o Desenvolvimento do Audiovisual Nordestino. Mediação: Alfredo Manevy (UFSC). Com Paulo Alcoforado, Juca Ferreira (presidente do BNDES), Marcus Alves (diretor executiva da Funjope), Maurício Xavier (Conne), Tatiana Carvalho (Apan) e Ana Dinniz (FSAP) [Sala Vladimir Carvalho].
14h – Laboratório de produção executiva. Com o consultor Adrien Muselet [Café da Usina]
14h – Rodadas de negócios [Tenda]

Centerplex (MAG Shopping)
[Sala 1]
14h – Mostra Jayme Monjardim: *O Vendedor de Sonhos* (2016) [1h38, 12 anos]
19h – Sessão Hors Concours: *As Cegas*, de Antônia Ágape (1982) [10min, livre]; Mostra competitiva: *Cuaderno de Nombres* (Chile) [8min, 14 anos]; *Muertes y Maravillas* (Chile) [1h10, livre]
21h – Mostra competitiva: *Samuel Foi Trabalhar* (Brasil) [17min, 10 anos]; *Cervejas no Escuro* (Brasil) [1h24, 12 anos]
[Sala 2]
16h30 – Sessão Hors Concours: *Mais Pesado é o Céu* [1h38, 16 anos]
19h30 – Mostra competitiva: *Samuel Foi Trabalhar* (Brasil) [17min, 10 anos]; *Cervejas no Escuro* (Brasil) [1h24, 12 anos]
21h30 – Sessão Hors Concours: *As Cegas* [livre]; Mostra competitiva: *Cuaderno de Nombres* (Chile) [8min, 14 anos]; *Muertes y Maravillas* (Chile) [1h10, livre]

Foto: Divulgação

Nachtergaele está em 'Mais Pesado É o Céu', filme de abertura

EDIÇÃO: Renato Félix
EDITORAÇÃO: Luciano Honorato

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Sexualidade e conservadorismo

A nossa sociedade durante muito tempo ensinou que as mulheres deveriam ser donas de casa e que não podiam sentir prazer sexual, na medida em que o fim último do casamento seria a procriação. Segundo essa crença elas seriam menos racionais, portanto, inaptas para a matemática ou qualquer trabalho intelectual refinado. A manutenção do poder pelo simples uso da força bruta é inviável. É preciso a construção de valores culturais, regras morais, instituições, ideologias e até de uma cosmologia na qual a superioridade dos homens sobre as mulheres pareça algo natural.

O discurso fundamentalista religioso cristão sobre o sexo e a hierarquia entre os gêneros seria também uma resposta conservadora às mudanças que ocorreram no âmbito da sexualidade no último século e das lutas pela emancipação feminina. O fundamentalismo procura evitar a desintegração do patriarcalismo, oferecendo antídotos aos efeitos da globalização e às inseguranças do mundo moderno. Trata-se de um grito de desespero contra viver em um mundo em constante mudança. Assim as questões morais são lançadas ao primeiro plano, em detrimento da razão e da tolerância. A crença numa única verdade impediria qualquer diálogo, enquanto as questões morais se sobreporiam à razão, negando o estabelecimento de outro tipo de entendimento.

Em relação à sexualidade, precisamos considerar a importância da família no pensamento fundamentalista, vista como um bálsamo para as instabilidades da vida moderna. Manuel Castells, um dos grandes estudioso desse tema, dizia que a ligação entre a personalidade individual e a sociedade é mediada pela família. Para compreendermos melhor essa ideia, precisamos entender a centralidade da conversão no pensamento cristão. A conversão significaria o alijamento individual do mundo do pecado. Um tipo de resgate ou salvação. Esse renascimento espiritual é acompanhado por uma identidade reconstruída que volta a se expressar socialmente por meio da família, da política e de uma determinada ordem social.

A família, em sua forma patriarcal, é um elemento germinal da ordem social. O fortalecimento do patriarcalismo implicaria na defesa da sacralidade matrimonial, na autoridade do homem sobre a mulher e os filhos, inclusive o direito de corrigir suas "falhas de comportamento" com o uso da força física. Há a crença que as crianças possuem inclinação para o mal e que só uma educação moralmente rígida e a disciplina seriam capazes de controlar ou corrigir.

Muitos dos pressupostos das modernas teorias da educação modernas vieram gradativamente à tona na medida em que a noção de pecado se tornou enfraquecida. O filósofo Bertrand Russell observou como a pedagogia tradicional atribuía às crianças uma perversidade inata, mas que podiam obter a graça e a retidão por meio de castigos e da disciplina moral. Dr. Arnold, um dos grandes reformadores do sistema educacional inglês, por exemplo, reduziu castigos físicos como açoitamento apenas aos comportamentos morais mais "indesejáveis": mentira, preguiça e o hábito de beber.

É de se esperar que os ideais fundamentalistas contrariem os interesses de indivíduos, categorias e movimentos sociais como dos estados democrático-liberais modernos. Manuel Castells ilustra esse problema com as perseguições feitas pelos fundamentalistas às feministas que são demonizadas, assim como homossexuais e membros de religiões não cristãs. O perigo do fundamentalismo reside, sobretudo, na defesa da existência de uma única verdade. O que naturalmente impediria o diálogo e a rejeição de provas e argumentações científicas – apenas por serem contrárias ao seu interesse político, moral e religioso.

Estética e Existência

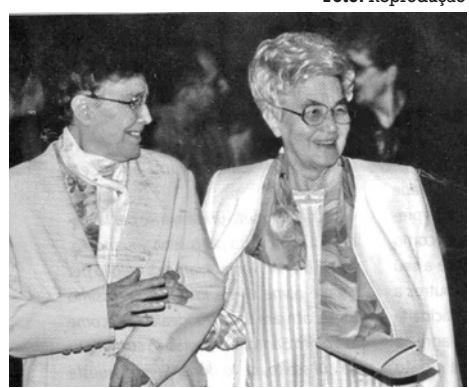
Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

"Economia de comunhão"

A "economia de comunhão" tem sido eficaz na resolução de diversos conflitos sociais em escala global. Através da solidariedade cristã, ela tem fomentado a unidade na diversidade. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na cidade de Trento, na Itália, um grupo de jovens italianas experimentou essa espiritualidade. Duas destas jovens eram Chiara Lubich (1920-2008) e Ginetta Calliari (1918-2001). Em meio aos destroços do conflito mundial e à loucura exacerbada da guerra, enquanto as bombas caíam e se abrigavam em *bunkers*, as primeiras seguidoras de Chiara, com idades entre 15 e 20 anos, vivenciaram a solidariedade e redescobriram a espiritualidade através da prática do Evangelho, revelando uma nova compreensão sobre o verdadeiro significado do amor e da solidariedade cristã. Uma das principais transformações provocadas por essas jovens na estrutura da sociedade foi a habilidade de acolher e responder ao apelo do "grito social", percebendo nele um convite para abraçar o sofrimento de Cristo presente nas aflições sociais de um indivíduo abandonado pela sociedade e despojado de sua dignidade, assim como nas tensões destrutivas provocadas pelo ódio entre correntes ideológicas e nas tensões geradas pelos interesses do poder econômico contra a política que prioriza o bem comum. Essa visão se tornou o cerne de suas vidas, levando-as a amar o próximo de forma mútua e a vivenciar os princípios do "Sermão da Montanha" (*Bíblia*, Mt. 5):

- *Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados*! (Mt. 5, 4);
- *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados!* (Mt. 5, 6);
- *Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia!* (Mt. 5, 7).

Chiara Lubich propõe que a espiritualidade da "unidade na diversidade" seja a essência da existência humana. Essa percepção nasceu durante a Segunda Guerra Mundial. Suas primeiras seguidoras percorriam cidades com o propósito de difundir a noção

Foto: Reprodução

Ginetta e Chira difundiram a "economia de comunhão"

de "unidade" como uma necessidade dos tempos contemporâneos. Elas colocavam em prática esse princípio em todas as interações, lado a lado, em comunidades e sociedades, demonstrando uma vontade de integrar todos à "economia de comunhão". Assim como Chiara, Ginetta estabeleceu conexões com todas as culturas, incluindo as diversas correntes ideológicas políticas e religiosas. Essa revolução se difundiu e está divulgada em quase todos os países.

Ginetta Calliari expressa e evidencia seu afeto pelos mais desfavorecidos em termos de dignidade humana, destacando a abordagem social de seu conceito de promoção humana em sua obra *O Evangelho, Força dos Pobres* (2001). Nesse livro, suas proposições estão fundamentadas no princípio de "unidade na diversidade" e demonstra que a atenção ao "grito social e ao cidadão desamparado" une pessoas de todas as classes sociais para compartilhar o que possuem, seja muito ou pouco, com os mais necessitados.

Ao conviver com comunidades em extrema carência e em contextos marcados por conflitos e polarizações políticas, Ginetta aplicava os princípios da "economia de comunhão" que se baseavam na criação de um modelo inovador de negócios e fábricas pautado pela solidariedade, respeito à dignidade dos trabalhadores e pela participação dos colaboradores na distribuição equitativa de bens e lucros entre todos. Todo esse esforço tem o objetivo de prevenir a escassez vital para a sobrevivência humana e eliminar o flagelo da pobreza social. Esse modelo econômico e empreendedor está em prática em diversos países e foi concebido por Chiara Lubich durante sua estada na cidade de São Paulo em 1991. No Brasil, existem polos de produção significativos, como o Polo Spartaco em Vargem Grande Paulista, São Paulo. Os polos são coordenados pela Associação Nacional por uma Economia de Comunhão (Anpecom).

As teses de Chiara Lubich sobre a "economia de comunhão" e as iniciativas sociais de Ginetta Calliari promovem o diálogo para a unidade entre diferentes propostas de políticas públicas dos estados e de governo. Esse projeto tem se destacado nas relações de mercado, especialmente pela forma como distribui o capital, garantindo que os trabalhadores tenham participação na propriedade dos meios de produção. Isso fica evidente em suas cooperativas, onde a gestão se baseia na participação direta ou representativa dos colaboradores, na distribuição dos lucros anuais, e na tomada de decisões através do diálogo e aprovação conjunta entre os trabalhadores, assegurando que é viável promover a dignidade humana e o bem-estar social, pois todos os cidadãos não estão em competição entre si. As administrações das áreas industriais criadas com base no apelo social são conduzidas por empresas que ocupam espaços comunitários e urbanizando regiões para alugá-las a outras empresas solidárias. A "economia de comunhão" tem como outra característica a produção voltada para o mercado consumidor, incentivando sua expansão do âmbito regional para o global. As ideias de Chiara estão presentes em seu livro *Economia de Comunhão: História e Profecia*, publicado em 2020 pela Editora Cidade Nova.

Sinta-se convidado à audição do 471º. Domingo Sinfônico, *deste dia 26, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as influências do classicismo e de simplicidade nas peças de Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791).*

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Sousândrade e bartlebyana

Se a gente for pensar no tempo, o tempo esticado, daqueles que contribuíram para a cultura brasileira, o tempo que nos resta é curto. É melhor pegar o beco, largar o celular, a nova guilhotina. Pouca gente sabe quem foi Sousândrade, muita gente não sabe. Nunca vai saber. Eis o tema.

O ousado Joaquim de Sousa Andrade, morreu há 122 anos e nesse tempo toda sua obra ficou para poucos. A Editora Anticítera está lançando uma coleção inédita dedicada à obra do poeta maranhense, o Sousândrade. São seis volumes. A coleção apresenta os livros que marcaram a literatura brasileira, *O Guesa Errante*, sua *magnum opus*, além de *Harpas Selvagens*, *Harpas Eólias*, *Novo Éden*, *Harpa de Ouro* e *Liras Perdidas*.

Dessa vez, os livros chegam com capas ilustradas pelo artista maranhense Anderson Bogéa, imagens que formam uma imersão na mente criativa de Sousândrade, revelando a evolução de seu estilo e o pensamento do tempo vivido, quando havia tempo para tudo.

A literatura de Sousândrade começou quando ele era jovem e teve o privilégio de estudar na Europa. Foi levado pela corrente do romantismo, mas com uma poesia inovadora. Sua arte está na complexidade linguística, essa afirmação acadêmica, que não costumo usar no meu texto. Jamais. Na verdade, não sei escrever certinho.

Organizado pela especialista Luíza Lobo, seu poema *O Guesa Errante* foi reintroduzido ao público em 2023, em nova edição, com 600 páginas e segue a publicação original londrina. O *Guesa Errante* é um poema épico forte, que narra a estrada de um jovem indígena pelas Américas, simbolizando uma crítica às opressões coloniais. Ou seja, mais atual não existe.

Nesse poema Sousândrade se apropria do caos, de um verso em rodopio, de uma linguagem certeira e híbrida, que é em si mesma uma quebra da linguagem, uma coisa que eu gosto muito, quebrar o texto, fragmentar, num combate com a língua dentro da própria língua – ora, que é o quer e o que pode, essa língua CV? Dica - mate o seu "sextô".

Numa tensão bartlebyana, jamais uma tensão flutuante, o poeta surge quando torce a língua materna e insere outros idiomas, fragmenta, urra, gagueja, hibridiza, cria cacofonia, dissonância e contraste, choque, aspereza e concisão, ou seja, o fim, mas já passamos do fim.

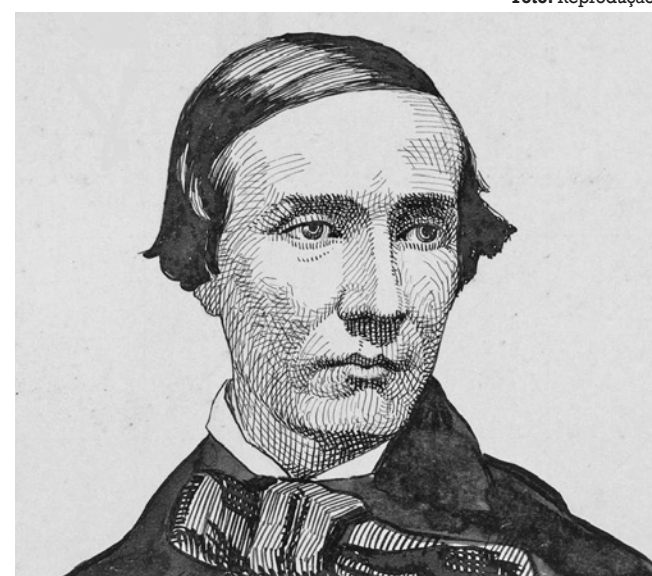
O que é bartlebyana ? É uma síndrome cruel que faz os escritores desistirem para sempre de escrever. O nome "Mal de Bartleby" foi dado pelo espanhol Enrique Vila-Matas, a partir do conto "Bartleby, o escrivão", de Herman Melville, o mesmo autor de *Moby Dick*. Sacam? Na história, o melancólico Bartleby trabalha em um escritório em Wall Street e, estranhamente, ao ser indagado sobre qualquer tarefa a ser realizada, responde: "Eu preferia não fazer".

Sousândrade foi perfeito... prefeito de São Luiz do Maranhão. Sem tirar onda, Sousândrade não mandou derrubar nenhuma árvore – se fosse o prefeito de João Pessoa hoje, certamente, não deixaria bares e restaurantes jogar fezes no mar – poxa, quem é do mar também enjoa, né?

Kapetadas

1 - Se os americanos só descobriram Machado de Assis em 2024, não saberão da minha existência é nunca, nem depois que eu escrever um best-seller atonal.

2 – Ô mundo, se eu me chamasse Raimundo, faria turismo com aviões, navios, trens, ônibus e carros. A Rússia faz com tanques.

Foto: Reprodução

Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade, viveu de 1833 a 1902

Colunista colaborador

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Academia de Cinema no Sol das Letras da APL

Foto: Divulgação

Manoel Junior, Wills Leal e Moacir Barbosa de Sousa, em cena do documentário sobre Leal

Aberto na quinta-feira passada, no Centro Histórico da cidade de João Pessoa, mais um Sol das Letras agenciado pela Academia Paraibana de Letras (APL). Na ocasião estiveram presentes o prof. João de Lima Gomes e demais integrantes da Academia Paraibana de Cinema (APC).

Na abertura do evento foi exibido um documentário com uma entrevista do jornalista e escritor de cinema Wills Leal, lançado pela empresa paraibana AS Produções Cinema & Vídeo. O curta-metragem foi realizado em 2015, numa parceria com a APC, na gestão do professor Moacir Barbosa de Sousa, para homenagear os 60 anos da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP). A entrevista de Wills foi efetivada no auditório da Fundação Casa de José Américo, em Cabo Branco, pelo presidente Moacir Barbosa e seu conselheiro, na APC, o professor e escritor Manoel Jaime Xavier.

Oportuna a ideia de se homenagear, hoje, os quase 70 anos do essencial clube de cinema, a Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba, fundado lá pelos idos de 1955. Na entrevista do jornalista e escritor Wills Leal, à época, um dos integrantes da ACCP, ele relembra bem toda a história da entidade. Situação que se repetiu em relação a atual Academia Paraibana de Cinema, quando foi o seu primeiro presidente. Imortal que é, ainda, pela Academia Paraibana de Letras, instituições bem representativas da cultura paraibana, que hoje homenageiam o escritor. A exibição do documentário com o depoimento de Wills foi aberta com a fala do atual vice-presidente da APC, o professor Mirabeau Dias, que discorreu sobre os valores do amigo.

O evento, reunindo a Academia Paraibana de Letras (APL) e a de Cinema, foi uma iniciativa do professor José Octávio de Arruda Mello, quando foi feito também o lançamento do seu mais novo livro – *João Pessoa – Evolução e Síntese de uma Cidade (1585/2023)* –, numa parceria com Jean Patrício da Silva, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP).

Em relação a um dos autores dessa singular obra – sobre a trajetória da cidade de João Pessoa, desde a sua fundação até os dias atuais –, mesmo não sendo ele da área de produção em cinema, mas ciente da seriedade da sétima arte para a história não apenas local, mas também nacional, afirmaria que Zé Octávio sempre foi (e será) um parceiro de cinema. Notadamente, quando dele busco subsídios históricos de época para inserir a *movie-art* nos textos jornalísticos e livros que escrevo; na realização fílmica, a prova é o Parahyba.

Finalmente, muito bem posta a ideia de se juntar as duas academias para abrilhantar ainda mais um evento como o Sol das Letras, que já está na sua 94ª edição. Parabéns aos seus realizadores. – Mais "Coisas de Cinema", acesse o nosso blog: www.alexsantos.com.br

APC: Convocação para próxima reunião

A presidência da Academia Paraibana de Cinema, cumprindo normas estatutárias, convoca sua diretoria para reunião mensal, na primeira semana do próximo mês de junho, em dia a ser ainda informado, às 9h30 horas da manhã, no âmbito do Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, em João Pessoa.

O professor João de Lima Gomes, presidente da entidade, espera contar com a presença de toda sua Diretoria e Conselho Fiscal, além de associados, ao cumprimento de pauta mensal, sobre as ações que estão sendo realizadas e as que devem ser efetivadas doravante.

Em cartaz

Programação de 23 a 29 de maio, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

ESTREIAS

DE REPENTE, MISS. Comédia. 1h33. 12 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 16h30, 20h50.

FÚRIA PRIMITIVA (*Monkey Man*). Aventura. 2h10. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 16h; leg.: 21h10. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 17h40. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 20h15. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 17h40.

FURIOSA – UMA SAGA MAD MAX (*Furiosa – A Mad Max Saga*). Aventura/ ficção científica. 2h28. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 20h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h, 18h; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 15h, 18h15, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 15h30, 18h45; leg.: 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h30, 17h45, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h30, 16h45, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 15h30, 18h45, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h30, 17h45, 21h. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: sab.: 15h10, 17h50, 20h40; dom. a qua.: 15h, 17h50, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: sab.: 15h10, 17h50, 20h40; dom. a qua.: 15h, 17h50, 20h40. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 19h50. CINE GUEDES 3: dub.: 15h20, 18h10, 21h. MULTICINE PATOS 1: dub.: 17h05, 20h30. MULTICINE PATOS 4: dub.: 15h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: sab. e dom.: 16h05, 19h; seg. a qua.: 19h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: sab. e dom.: 14h20, 17h30, 20h40; seg. a qua.: 17h30, 20h40.

MORANDO COM O CRUSH. Romance/ comédia. 1h30. 10 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h15, 19h.

PRÉ-ESTREIA

IMACULADA (*Immaculate*). Terror. 1h29. 18 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: qua.: 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qua.: 19h.

MEU SANGUE FERVE POR VOCÊ. Romance/ drama. 1h37. 12 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: qua.: 19h45.

FESTIVAL

FESTINCINEJP. O Festival Internacional de Cinema de João Pessoa exibe filmes e promove rodadas de negócios de 26/05 a 1º/06.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dom.: *Mais Pesado É o Céu*, de Petrus Cariry (20h). Seg.: *O Vendedor de Sonhos*, de Jayme Monjardim (14h); *Muertes y Maravillas*, de Diego Souto (19h); *Cervejas no Escuro*, de Tiago A. Neves (21h). CENTERPLEX MAG 2: dom.: *Mais Pesado É o Céu*, de Petrus Cariry (20h15). Seg.: *Mais Pesado É o Céu*, de Petrus Cariry (16h30); *Cervejas no Escuro*, de Tiago A. Neves (19h30); *Muertes y Maravillas*, de Diego Souto (21h30).

CONTINUAÇÃO

AMIGOS IMAGINÁRIOS (*If*). Comédia. 1h44. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: sab. e dom.: 13h15, 15h45, 18h20, 20h45; seg. e ter.: 15h45, 18h20, 20h45; qua.: 15h45, 18h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: qui. a ter.: 16h30, 19h; qua.: 16h30. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 14h50, 16h50, 18h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h50, 16h50, 18h50. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 17h25. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: sab. e dom.: 14h45; seg. a qua.: 18h15.

BACK TO BLACK (*Back to Black*). Drama. 2h20. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: qui. a ter.: 19h45.

BELO DESASTRE – O CASAMENTO (*Beautiful Wedding*). Comédia/romance. 1h40. 16 anos.
João Pessoa: CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h.

EU, CAPITÃO (*Io Capitano*). Drama. 2h01. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg.: 19h.

UM FILME DE CINEMA. Infantil. 1h23. Livre.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 15h. Próximas semanas: qui. 30: 17h.

GARFIELD – FORA DE CASA (*The Garfield Music*). Comédia/aventura/animação. 1h41. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: sab. e dom.: 13h, 15h15, 17h30; seg. a qua.: 15h15, 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 16h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: sab. e dom.: 14h15, 16h15, 18h15; seg. a qua.: 16h15, 18h15. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: sab. e dom.: 13h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: sab. e dom.: 13h20. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: sab. e dom.: 14h15, 16h15, 18h15; seg. a qua.: 16h15, 18h15. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 15h15. MULTICINE PATOS 3: dub.: dom.: 3D: 14h25; 2D: 16h40; seg. a qua.: 3D: 16h. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: 18h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 3D: sab. e dom.: 14h; seg. a qua.: 16h50.

LA CHIMERA (*La Chimera*). Aventura/ comédia. 2h17. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 19h. Próximas semanas: qui. 30: 19h.

A MATÉRIA NOTURNA. Drama/ romance. 1h29. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 17h.

O MELHOR ESTÁ POR VIR (*Il Sol dell'Avenire*). Comédia/drama. 1h35. 12 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter.: 19h.

PLANETA DOS MACACOS – O REINADO (*Kingdom of the Planet of the Apes*). Ficção científica/ aventura/drama. 2h25. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 18h30; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 18h30, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 14h45, 18h, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 13h45, 17h, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15, 17h15, 20h30. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 15h, 17h45, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h, 17h45, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h30, 18h30, 21h05. MULTICINE PATOS 3: dub.: 19h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: sab. e dom.: 17h, 20h20; seg. a qua.: 20h20.

SEM CORAÇÃO. Drama. 1h31. 12 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ: qua.: 19h.

O TARÔ DA MORTE (*Tarot*). Terror. 1h32. 14 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 18h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 20h50. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 15h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h50. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h40. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: dub.: 21h.

Serviço

• **Funesc** [3211-6280] • **Mag Shopping** [3246-9200] • **Shopping Tambiá** [3214-4000] • **Shopping Partage** (83)3344.5000 • **Shopping Sul** [3235-5585] • **Shopping Manaíra** (Box) [3246-3188] • **Sesc - Campina Grande** [3337-1942] • **Sesc - João Pessoa** [3208-3158] • **Teatro Lima Penante** [3221-5835] • **Teatro Ednaldo do Egypto** [3247-1449] • **Teatro Severino Cabral** [3341-6538] • **Bar dos Artistas** [3241-4148] **Galeria Archidy Picado** [3211-6224] • **Casa do Cantador** [3337-4646]

Hildeberto
Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Um outro Gonzaga

Passei a tarde de ontem lendo Gonzaga Rodrigues. Não o cronista que já se cristalizou, entre seus pares, senhor de estilo próprio, tocado pela melodia poética no mensurar a natureza das coisas e pela visão humanística e empática com que adere ao fluxo dos acontecimentos cotidianos. Principalmente se esses acontecimentos envolvem os humilhados e ofendidos de todos os lugares e de todos os tempos.

Não. Li e reli um outro Gonzaga, talvez desconhecido de muitos. O Gonzaga leitor, e que de leitor se faz orador, ensaísta, intérprete, num conjunto de textos e paratextos que descortinam curiosa esfera de sua estatura literária. Textos que, coligidos e ordenados, podem constituir um volume dos mais interessantes como testemunho de sua natural vocação para as letras e para o jornalismo.

É na coleção da *Revista da Academia Paraibana de Letras* que encontro o velho cronista a esgrimir outras armas no duelo com as palavras e a exercitar o talento do autodidata face às solicitações da vida acadêmica e à solenidade formal de seus ritos ordinários, exigidos pela manutenção simbólica da imortalidade.

Apresentações, saudações, perfis, evocações, discursos, gêneros colaterais aparecem ali, no corpo das revistas, dando provas iniludíveis de que o cronista sabe – e como sabe! – conduzir outros barcos no rio perene das viagens literárias. Isso, sem contar da riqueza de suas páginas enquanto legítimas fontes de pesquisa no âmbito da história e da literatura locais.

Seus discursos acadêmicos, quer o de posse, quer os de recepção, me parecem páginas antológicas. Sem fugir aos critérios estatutários, exigidos para a consumação do panegírico, mas sem incidir no laudatório burocrático a que tantos se limitam, Gonzaga elabora perfis que fazem justiça a seus antecessores ou aos que chegam para ocupar uma cadeira na Casa de Coriolano de Medeiros.

A sua oratória, mesmo que respeite as regras da ética acadêmica, não esconde o traço subjetivo de uma linguagem só sua, no seu feitio fraseológico que alia a qualidade estética da palavra à percepção de um olhar atento à singularidade das coisas, dos fatos, das pessoas.

Destaco, sobretudo, o seu discurso de posse, "A última estação de Allyrio", publicado no número 11 da *Revista da Academia Paraibana de Letras*, em setembro de 1994. Nele, deparo-me com passagens desse tipo, idiossincrática e saborosa: " O que eu fizera para entrar na Academia de Coriolano, de Celso Mariz, de Horácio de Almeida, de José Américo, estes sim, consolidadores das nossas letras, por isso mesmo imortais? E pior ainda: como iria eu andar na rua daí em diante, a pose acadêmica arriando no primeiro grito de 'vem cá, neguin!'".

> Encontro o velho cronista a esgrimir outras armas no duelo com as palavras e a exercitar o talento do autodidata face às solicitações da vida acadêmica

Ao falar do patrono, toca em aspectos essenciais de sua personalidade incomum e se mostra sagaz e arguto no exame crítico que faz de sua obra. "(...) desconfio, como simples leitor, que essa linguagem de músculos, personalíssima, barroca como quer Ascendino, não foi a expressão ideal para o seu romance. (...) O encantamento vocabular, o eruditismo de inspiração euclidiana parecem trair o autor. Aqui e ali não é Cimaldo, não é Camboim, nenhum Ururahy, mas sim o ensaísta culto, rico de sonâncias, passando para trás os seus personagens".

Recepcionando o poeta Jomar Morais Souto, em peça de intenso poder de síntese, bem a seu modo de organizar o verbo, vai na ferida do seu estro poético, quando afirma, à página 95 da *Revista da Academia Paraibana de Letras*, número 13, maio de 1999: "(...) Em tudo ela tocou, a tudo que ela aspergiu, a face do homem ou a da pedra, tudo jomatizou-se. (...) Tudo o que foi por seu canto envolvido ganhou alma nova".

Não é todo leitor que em poucas palavras consegue dizer tudo ou quase tudo. Gonzaga é um deles. Se lê, em sua crônica semanal, o formigamento do mundo, a febre rotineira dos fenômenos acontecendo, o miúdo das coisas triviais, lê, por outro lado, nesses paratextos de ocasião, a trajetória de outros, seus feitos, suas obras, seus pares, seus modelos, suas admirações, suas afinidades. Este é um outro Gonzaga. Porém, com a mesma grandeza e a mesma humanidade.

Colunista colaborador

MÚSICA

Passeio por três décadas de carreira

Compositor Ismar Cavalcante lança documentário contando sobre sua vida e obra em cenários de Monteiro

Sheila Raposo
sheilamraposo@gmail.com

Primeiro você ouve Santanna e Flávio José cantando "A lua prateada alumiando o terreiro/ e aquele violeiro desabafa a solidão"; depois, vem Novinho da Paraíba com "Aí vai ser amor, amor pra mais de mil/ amor no mês de agosto, amor no mês de abril"; de lambuja, tem ainda a Banda Magníficos, com "A gente faz do nosso ninho de amor/ uma tenda de carinho onde tudo é mais calor". E se pergunta: o que todas essas músicas têm em comum? O seu compositor, Ilmar Cavalcante, o pessoense mais monteirense que existe.

Nascido no dia 19 de outubro de 1970, em João Pessoa, Ilmar carrega a capital da Paraíba apenas no registro de nascimento. Saiu de lá ainda bebê, para São Paulo, onde morou por quatro anos; depois desse período, a família se fixou em Monteiro. O aprendizado, a vivência, as memórias afetivas — tudo isso Ilmar construiu na cidade mais musical do Cariri paraibano.

Lá, numa infância dividida entre os estudos, as peladas de futebol e as férias no sítio Angico (dos avós maternos), ele absorveu a poesia do cotidiano. "A minha inspiração vem do céu caririzeiro, do amor, da saudade, do chão que a gente pisa... Os acontecimentos diários são inspiradores", diz ele.

Com 30 anos de carreira, o compositor lançou, recentemente, um documentário para celebrar a sua história com a música. Gravado com incentivos da Lei Paulo Gustavo, o vídeo passeia com Ilmar por cenários da cidade e da zona rural de Monteiro, intercalando o seu depoimento com o de vários artistas que rendem elogios ao seu talento de compositor: Flávio José, Eliane, Walkyria Santos, Osmando Silva, Novinho da Paraíba, Jotinha da Magníficos, César Amaral, Santanna, Adelmário Coelho, Deí & Claudinho (filhos de Dejinha de Monteiro), Flávio Leandro, Maciel Melo, Ítalo Queiroz, Petrúcio Amorim, Elba Ramalho e — por fim, mas não menos importante — Nanado Alves, seu amigo e maior parceiro musical.

Com Nanado, Ilmar compôs sucessos que até hoje embalam casais nos salões forrozeiros Brasil afora. Músicas como "Seu olhar não mente", "A vida é você", "Aroma de mel", "Chora não coração", "Um passarinho", "Só falta você voltar", "Viver uma paixão" e "Reencontro", entre muitas outras, foram gravadas por praticamente todos os grandes nomes do forró atual, o que solidificou a parceria e a carreira de ambos.

O começo

A relação íntima de Ilmar com a música começou ainda na infância, em casa, ouvindo o que o seu pai, grande admirador da música nordestina, ouvia. Luiz Gonzaga, Abdias, Genival Lacerda e Trio Nordestino, entre outros, eram presenças constantes na radiola da família. Além dos artistas ligados ao forró, Ilmar também sempre curtiu Clube da Esquina, Djavan, Tom Jobim e Guilherme Arantes — de quem é fã confesso.

"O despertar para a música surgiu no momento em que comecei fazer uma letra e a melodia veio em seguida. Com o tempo, aprendi a tocar violão, entre 13 e 15 anos de idade, até que, em 1993, tive uma composição minha gravada pela primeira vez", diz ele, referindo-se à canção "Me deixa entrar no teu mundo", registrada em LP pelo cantor Dejinha de Monteiro (falecido em 2019).

Depois desse primeiro passo, Ilmar foi interpretado por outro grande nome do forró, a cantora cearense Eliane, que gravou, em 1994, a música "Poucas palavras". Foi nesse mesmo período que teve início a parceria com o seu "cumpade véi" Nanado Alves. A partir de então, as portas se abriram para ele — e, claro, para o seu parceiro.

Foto: Antônio Victor Cavalcante/ Divulgação

Ismar Cavalcante tem sucessos nas vozes de Flávio José e da banda Magníficos, entre outros

Nessas três décadas, Ilmar também participou de diversos festivais. Deles, saíram canções como "Quando escuto seu Luiz", vencedora do 1º MPB Cariri, realizado em Monteiro, em 1998 — gravada no ano seguinte, por Flávio José, com outro nome, "Pra todo mundo". Em 2007, o compositor ficou em segundo lugar no Forró Fest, com o baião "Meu lugar é meu Nordeste", interpretado por Osmando Silva.

Com mais de 400 músicas gravadas, Ilmar tem seis CDs que trazem compilados da sua obra, todas com o título *Ilmar Cavalcante – Meus Amigos, Meu Forró*. Nesses álbuns, contou com a participação de intérpretes como Dominguinhos, Flávio José, Santanna, Maciel Melo, Adelmário Coelho, Banda Magníficos, Petrúcio Amorim e Jorge de Altinho, entre outros.

Através do *QR Code* acima, assista no YouTube ao documentário

APTOS A VOTAR

Mais de 3,2 milhões de eleitores

Cerca de 40% do eleitorado paraibano estão concentrados nos 10 maiores municípios, de acordo com o TRE-PB

Tiago Bernardino
tiago.bernardino@gmail.com

Os 10 maiores municípios paraibanos concentram mais de 40% do eleitorado apto a votar nas eleições deste ano na Paraíba. Conforme dados oficiais do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), após o término do prazo para regularização e emissão do título eleitoral, ocorrido no último dia 8 de abril, 3.218.073 eleitores estão aptos a votar no estado.

De acordo com os dados, a maioria dos eleitores da Paraíba são pessoas solteiras. São 1.693.159 do sexo feminino e 1.524.914 do sexo masculino, aptos a votar em 10.640 seções, distribuídas em 1.855 locais de votação. Do total de 3.218.073 eleitoras e eleitores, 1.933.928 são pessoas solteiras.

A estatística revela, ainda, que o número atual de eleitoras e eleitores, até o momento, representa um crescimento de 3,96% quando comparado ao eleitorado apto em outubro de 2022, quando ocorreu a última eleição. Naquele pleito, havia 3.091.684 pessoas com título cadastrado na Paraíba.

Foto: Evandro Pereira

De acordo com os dados, a maioria dos eleitores da Paraíba é composta por pessoas solteiras, sendo 1.693.159 mulheres e 1.524.914 do sexo masculino

Em JP, mulheres representam mais de 55% do eleitorado

Os municípios de João Pessoa, Campina Grande, Santa Rita, Patos, Bayeux, Sousa, Cabedelo, Cajazeiras, Guarabira e Sapé reúnem mais de 1,3 milhão de eleitores, o que equivale a 41,7% do eleitorado paraibano. Em João Pessoa, maior colégio eleitoral do estado, 567.106 eleitores estão aptos a participar das eleições deste ano. Do eleitorado total do município, 55,28% são do sexo feminino, ou seja, 313.509 eleitoras. Enquanto 253.597 eleitores do sexo masculino poderão ir às urnas na capital.

João Pessoa foi a cidade que apresentou o segundo maior crescimento percentual de eleitores, com 8,58% mais eleitores na eleição deste ano em comparação com a eleição de 2020. O eleitorado em João Pessoa se equipara ao crescimento populacional do município. Entre o Censo de 2010 e o Censo de 2022, o município aumentou a sua população em 16%. Enquanto que o eleitorado entre as eleições de 2012 e as eleições de 2024 aumentou em 18%.

Acompanhando o crescimento populacional da região, Cabedelo foi a cidade que apresentou o maior percentual de aumento de eleitorado em relação à última eleição municipal entre as 10 maiores cidades paraibanas. Entre 2020 e 2024, o número de eleitores aumentou em 10,8%.

Perfil

Os municípios de João Pessoa, Campina Grande, Santa Rita, Patos, Bayeux, Sousa, Cabedelo, Cajazeiras, Guarabira e Sapé reúnem mais de 1,3 milhão de eleitores

Invertendo as posições, Bayeux tem mais eleitores do que Patos. De acordo com o IBGE 2022, Patos ultrapassou Bayeux em número de habitantes, passando a ser o quarto maior município da Paraíba. No entanto, em número de eleitores, a quarta colocação continua pertencendo ao município de Bayeux. Patos possui atualmente 68.371 eleitores, enquanto que Bayeux tem 76.299 eleitores aptos a votar nas eleições deste ano.

A distorção entre a população aferida pelo Censo 2022 e o eleitorado nas eleições também pode ser percebida entre os municípios de Sousa, Cabedelo e Cajazeiras. Apesar de oficialmente possuir uma população maior do que Cabedelo e Cajazeiras, Sousa possui menos eleitores do que os dois municípios. Vale destacar que Cajazeiras passou a ter um eleitorado maior do que o de Sousa apenas nas eleições deste ano.

Confira a evolução do eleitorado para as Eleições 2020, 2022 e 2024 nos 10 maiores municípios paraibanos na tabela ao lado. A consolidação do número de eleitores aptos a votar na Paraíba, nas Eleições 2024, ainda não está finalizada e, em momento oportuno, o TRE-PB fará a divulgação do número oficial final, após o batimento pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Saiba Mais

João Pessoa foi a cidade que apresentou o segundo maior crescimento percentual de eleitores, com 8,58% mais eleitores em comparação com 2020

MUNICÍPIO	EVOLUÇÃO DO ELEITORADO		
	2020	2022	2024
João Pessoa	522.269	559.205	567.106
Campina Grande	285.020	296.494	298.727
Santa Rita	94.595	98.394	101.189
Patos	63.933	66.980	68.371
Bayeux	71.288	73.291	76.229
Sousa	45.115	46.662	47.696
Cabedelo	48.731	51.041	54.010
Cajazeiras	44.421	45.912	47.735
Guarabira	41.065	42.663	43.558
Sapé	34.693	36.143	37.435

Paraíba tem aproximadamente 200 mil eleitores analfabetos

De acordo com os dados do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), 208.408 eleitores se declararam analfabetos. O número de eleitores que afirma apenas saber ler e escrever é de 430.573. A maior parte do eleitorado paraibano está na faixa etária entre 18 e 40 anos.

Em relação ao grau de instrução, a maior parte do eleitorado é de pessoas com o primeiro grau incompleto, com 769.416 pessoas. Completaram o primeiro grau 151.189 eleitores. Com o segundo grau completo, estão registradas junto à Justiça Eleitoral 711.478 pessoas, enquanto que 517.014 afirmam possuir o segundo grau incompleto. Já 267.427 têm Ensino Superior completo e 163.755, Ensino Superior incompleto.

Os jovens não obrigados a votar ainda são minoria no Estado

A maior parte dos eleitores é de adultos. Segundo as informações do TRE-PB, 1.449.812 possuem entre 18 a 40 anos e 853.227 possuem entre 41 e 55 anos de idade.

Os jovens, que não são obrigados a votar de acordo com a legislação eleitoral, ainda são minoria no estado. Apenas 81.008 eleitores de até 17 anos estão inscritos na Justiça Eleitoral. Os dados informam ainda que o eleitorado entre 56 e 69 anos é de 536.892 pessoas. Entre 70 e 79 anos, são 207.980 eleitores e, com mais de 79 anos, 90.341 pessoas; no entanto, esse eleitorado também não tem mais obrigação de votar.

Jorge Rezende

Jornalista não se dobrou diante das decepções, acalentou sonhos e projetos

A história e a dedicação de um profissional que começou "invadindo" uma redação, chegou a editor geral, resistiu às injunções políticas e ousou criando cadernos que ganharam longevidade e até hoje são tratados como filhos

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Jorge Rezende tem uma daquelas histórias de amor à primeira vista. E esse amor foi com a Paraíba. Mineiro de Três Corações, terra de Pelé, ele, filho de pai paraibano, quis ser militar, matemático, mas viu que a profissão que gostaria de exercer era o jornalismo. Parou no curso de Comunicação da UFPB e, como tantos outros, um dia chegou ao Jornal **A União**. A primeira vez foi uma decepção, durou dois dias e foi desconvidado. Depois voltou, implantou cadernos, foi editor-geral e até hoje guarda uma relação familiar com alguns projetos. Jorge Rezende acredita que ainda há espaço para o jornal impresso, diz que **A União** está na direção certa e vai resistir. Ao contrário de muitos colegas, que começaram a vida profissional na velha escola do jornalismo paraibano, Jorge chegou pronto para os desafios que teria de enfrentar em **A União.** Enfrentou todos e os venceu, como revelou neste depoimento ao Memórias A União**.** Muitos o chamam de sonhador, e ele acredita que, às vezes, é mesmo exageradamente sonhador.

Fotos: João Pedrosa

O jornalista Jorge Rezende tem três passagens pel'A União, que, segundo ele, lhe ensinou como editar cadernos especiais

A entrevista

■ *Jorge, você é mineiro, da terra de Pelé, e acabou se apaixonando pela Paraíba e está aqui há um bom tempo. Como foi que você entrou no jornalismo e acabou aqui n'**A União**?*

Primeiro quero agradecer o convite deste trabalho do Memórias A União.

■ *É uma obrigação ouvi-lo...*

Estava até achando que não ia participar, porque tinha muita gente na frente, mas fico feliz. Eu gosto de falar, você sabe disso. Sou mineiro de Três Corações, mas sou filho de pai paraibano, de Alagoa Grande. Ele era militar e foi para Minas Gerais, onde passou mais de 40 anos. Então, sempre tive esse laço.

■ *Tem um sangue de índio Tabajara correndo nessas veias?*

Do Quilombo lá de Alagoa Grande, que meu pai e eu temos primos lá. Apesar de ser branquelo desse jeito, tenho primos lá.

■ *Mas, veja só, as relações telúricas...*

Conhecia a Paraíba desde 1977. Foi a primeira vez que eu vim, era menino e vim passar férias.

■ *Apaixonou-se pela Paraíba?*

Já era apaixonado antes de vir só pelas histórias do meu pai e depois teve o tempo de vir de férias. Depois de ter feito algumas coisas, fui militar e saltando no tempo...

■ *Depois que a Terra deu várias voltas completas em torno do sol...*

Cheguei a fazer faculdade de Ciências Físicas e Biológicas, com habilitação em Matemática.

■ *Aqui já?*

Em Minas Gerais, quando saí do Colégio Militar. Passei quatro anos no Exército.

■ *Você tem cara de que seria um bom sargento, um oficial...*

Meu pai queria muito. Eu gostava, mas sabia, desde os 11 anos, que queria ser jornalista. Coloquei na cabeça de ficar rico e famoso. Sou pobre e desconhecido, mas feliz.

■ *Mas você sabe que é uma coisa meio comum nos depoimentos que eu já ouvi aqui nessas conversas do Memórias: essa vocação pro jornalismo começa cedo. Quando é pequeno, já quer ir para a televisão, imagina-se apresentando o Jornal Nacional. Todo jornalista é meio pretensioso e vai logo assim por cima...*

Eu percebi que eu não tinha muita habilidade para algumas coisas quando exigem coordenação motora. Tentei aprender música, não consegui. Futebol eu enganava; não tinha muita habilidade, apesar que cheguei quase a jogar profissionalmente. Mas o que eu achava que fazia melhor era escrever, e o meu sonho era ser jornalista e escritor. Minha família, boa parte, é formada por militares e a outra parte por literatos e jornalistas.

■ *Estava em casa, no berço...*

Minha prima mais velha é jornalista e trabalhava no Estadão, tinha passado pela Folha, revista Contigo, enfim... tinha uma experiência grande, e eu me espelhava nela: "Quero ser jornalista", isso com 11 anos. O tempo passou e, quando eu saí do Colégio Militar, entrei na faculdade de Matemática, mais para acompanhar minha noiva, porque que ela fazia Matemática. Eu gostava, mas não era isso que eu queria fazer. O tempo passou, virei jornalista. Só que naquela época a escola de Jornalismo mais próxima era em Belo Horizonte, não tinha tanta faculdade de Comunicação.

■ *Era longe de Três Corações?*

Um pouco longe. Mas eu não queria voltar para Belo Horizonte porque eu tinha acabado de vir de lá. Sou mineiro do interior e cidade grande não é muito comigo não. Passei quatro anos em Belo Horizonte, porque eu ficava dentro do quartel. Não sentia muito porque ficava internado.

■ *O caipira no quartel?*

E as escolas públicas, a UFMG, teria que ir para Belo Horizonte e não queria ir. Aí falei com essa minha prima. Ela perguntou: "Por que você não vai para a Paraíba, a terra do tio Jorge?", que é o tio dela, meu pai. Ela começou a elogiar a UFPB. E olha que naquela época o curso tinha muitos problemas: os laboratórios eram precários, mas tinha excelentes professores.

■ *Nós estamos falando de...*

De 1985, 86. Ela falou: "Vai para a Paraíba". Meu pai já estava aqui, tinha voltado para cá, estava morando mesmo. Enfim, larguei tudo, larguei a faculdade, um emprego que eu tinha no comércio; minha noiva na época largou também a escola — foi mais sem juízo do que eu. Falei: "Vou para a Paraíba. Quer ir comigo? A gente casa e vai. A gente casa na semana que vem e leva nossas coisas para a Paraíba". E cheguei. Já tinha acontecido o vestibular, na época o "peneirão". Meu pai: "Rapaz, você veio para cá desse jeito?". Eu: "Não vou voltar para lá. Vou esperar o vestibular do ano que vem, de 88". Arranjei um emprego aqui numa autopeças, na Pedro II, entre o Correio e O Norte, e esperei o ano, fiz vestibular. Passei, entrei no curso, época de muita greve.

■ *Trabalhou logo na área?*

Fui metido a besta. Comecei o meu primeiro dia de aula na UFPB. Nunca mais esqueci: foi no dia 20 de outubro de 89. E meu primeiro texto na imprensa paraibana foi no dia 8 de agosto de 89.

■ *Antes de começar o curso?*

Dois meses antes. Isso foi graças ao sem juízo, no bom sentido, do Oduvaldo Batista, que era editor do jornal O Combate, de Jório Machado. Era semanal e ficava na entrada do Roger. Comecei metido a besta, articulista. Oduvaldo: "Escreve aí tudo que quiser contra os Estados Unidos".

■ *Você conhecia o Oduvaldo ou conhecia Jório porque era aluno do curso?*

Não conhecia nenhum dos dois. Uma prima, outra, daqui da Paraíba... o primeiro emprego dela foi revisora do jornal O Combate. Um dia fui visitá-la na Redação, e ela apresentou o Oduvaldo. A gente ficou conversando, ele se identificou com a minha veia comunista e me chamou para escrever.

■ *Daí para chegar em **A União** foi só um salto?*

Rapaz, demorou. É porque eu não ganhava um tostão. Sofri.

"Conhecia a Paraíba desde 1977. Foi a primeira vez que eu vim, era menino e vim passar férias"

■ *Recém-casado?*

Recém-casado, fazendo o curso de Comunicação, isso já a partir de outubro, e desempregado, porque não conhecia ninguém. O primeiro presente que eu conheci foi Oduvaldo Batista, através da minha prima. Meu pai me ajudou muito, senão eu ia morrer de fome. Ele pagava o meu aluguel. Não conseguia emprego de meio expediente, e a universidade era pela manhã. Até que um dia eu saí de casa e falei para minha esposa na época: "Olha, eu só volto para casa empregado".

■ *Fiquei curioso. Como foi essa história?*

Vou contar, tem dois capítulos. Não conhecia ninguém e invadi a Redação do Correio da Paraíba, no Centro. Fui como se conhecesse alguém lá dentro, inventei uma história e falei: "Fiquei sabendo que estão precisando de um revisor". Chamaram Carlos César, secretário de Redação. "Soube de uma vaga para revisor". E ele disse o seguinte: "Isso é com Fernando Moura". Eu falei: "Cadê Fernando Moura". Eu nem sabia quem era. "Vou esperar". Quando o Moura chegou, de novo, invadi a Redação, sem conhecer ninguém. "Moura?". E aí começou aquela brincadeira na Redação de Moura, Moura, todo mundo gritando. Tive a mesma conversa que tive com o Carlos César. Não sabia de nada e inventei essa história que soubera que eles precisavam de um revisor.

■ *E deu certo?*

Moura olhou pra mim: "Você escreve?". "Escrevo". Ele falou assim: "Aguarde um pouco". Eu sentei, fiquei deslumbrado em ver a Redação funcionando, as máquinas de escrever, tanto barulho. E sem saber quem eram as pessoas. O Rubens Nóbrega sentado, descendo duas páginas com dois diagramadores ao mesmo tempo, Lena Guimarães, Nonato Guedes. E Wellington Fodinha. E eu fui saber o nome das pessoas. João Costa. Daí a pouco, ele chegou para mim e falou que eu ia fazer um teste, mas me levou lá na Revisão, apresentou, e o pessoal tudo com cara feia, e eu sem saber por quê. Socorro Costa e o pessoal perguntando: "Fez o teste?". "Não. Ele falou que vai fazer amanhã". E o pessoal ficando com mais cara feia ainda. Então eu fui descobrir que eles acharam que eu tinha sido indicado por algum político.

■ *Tinha caído de paraquedas?*

Sim, e que estava entrando no lugar de alguém. Depois eu fui saber que tinha uma menina que estava sendo perseguida, que era mais nova, e que não deu certo, e todo mundo gostava dela, que foi demitida. Acharam que eu era "peixe".

■ *Chegou numa hora...*

Todo dia que chegava para trabalhar, chegava pro Fernando: "Vou fazer o teste hoje?". "Não, amanhã... Não, sema na que vem", ele respondia. Nunca fiz esse teste. Foi minha segunda escola, o Correio da Paraíba, a Revisão, mas acho que estava preparado, porque fiquei, não fiz nunca esse teste.

■ *E todos achavam que você não tinha feito porque você sabia fazer?*

É aquela coisa de Revisão, em dupla. Um lia o original, e um ia ler o que estava escrito com a Margarida, que passou pelos digitadores, e o outro ia acompanhar o original para ver se pulou algo, se havia algum "V.O." (ver o original).

■ *Isso aí foi o início da carreira com tudo. E a chegada em **A União**? Como foi?*

Demorou muito, foi uma carteira assinada no Correio. Daí passei três vezes pelo Correio, andei mais do que notícia ruim. Três vezes pelo Correio, três vezes pel'O Norte, duas vezes pelo Jornal da Paraíba e três vezes por **A União**. Até chegar em **A União**, foi o último.

■ ***A União**, com você, já não foi escola?*

Eu aprendi uma coisa que faz parte da escola de **A União**, que é editar caderno especial. Nos outros não tive essa oportunidade. Editei Política, Cultura, mas cadernos especiais para tratar assuntos de forma diferente, como são os cadernos Pensar e Memorial.

■ *E o Radar?*

O Radar só dei ideia. Eu só criei o nome, mas quem criou mesmo foi Nara Valuska. Enfim, quando cheguei a primeira vez em **A União**, foi na época de Rui Leitão como superintendente e Eduardo Carneiro como editor. Vim para cá para ser editor-adjunto de Política; o editor era João Evangelista, e por um caderno especial. Aí começou a história do caderno especial, de um encarte semanal no domingo, criado por Nelson Coelho, o Memória Política. Toda semana saía o caderno, com quatro páginas, às vezes seis, tamanho tabloide.

■ *Como era a logística do caderno?*

Era interessante. Ele criou um método, uma forma que eu fazia as entrevistas — personagens políticos —, mas sempre com um âncora. Então, por exemplo, quando fui entrevistar Joacil de Brito, o âncora foi Dorgival Terceiro Neto.

■ *Sempre alguém de peso na profissão do entrevistado?*

Isso, que tem a ver com a vida, que conhece a vida do entrevistado, então eu fazia a entrevista e o âncora ajudando com coisas que só eles sabem. E foi interessante. Fiquei 19 edições, quando fui chamado, de novo, e voltei para o Jornal da Paraíba. Mas eu só saí daqui porque o convite foi profissional.

■ *Mas você chegou a ser editor de **A União**?*

Foi no governo Cássio Cunha Lima. Tinha outras atividades, mas aceitei, e o salário não era atrativo.

■ *Foi o convite em que o governador, quando ia assinar, chegou um político e disse: "Rapaz, vai colocar um espião do seu inimigo"?*

Foi esse mesmo. Foi o seguinte: estava bem, nunca consegui emprego, só trabalho. Sempre. Tinha trabalho à noite e três assessorias, não parava. E, quando conseguiu o convite aqui, o salário não era atrativo, mas não é todo dia que você recebe convite para ser editor no jornal **A União**, centenário, patrimônio. Eu aceitei na hora. Minha mulher na época brigou comigo: "Como é que você aceita um negócio desses?".

■ *As mulheres sempre muito pragmáticas...*

Isso. Larguei os trabalhos e vim para cá. Itamar Cândido era o superintendente e ia ter uma reforma gráfica e editorial, antes de entrar na Redação. Eu digo que cheguei aqui e já comecei a trabalhar. Só que eu fiquei dois dias trabalhando numa sala, preparando a reforma. Peguei a relação do pessoal para ver como aproveitar e montando o time. No terceiro dia, senti um clima esquisito, Itamar não sabia onde colocar as mãos, nervoso. Ele me chamou e senti que tinha uma coisa errada. Falei: "Aconteceu alguma coisa?". Ele respondeu: "Jorge, eu não sei como te dizer, mas é o seguinte: o convite para você ser o editor geral é do governador. Houve um imprevisto". Ele não quis me dar detalhes, todo sem jeito: "Vai ser outro nome, mas você não vai perder nada, não. Vai continuar com a gente aqui, vai ser o repórter especial". "Como assim? Não estou entendendo".

■ *Realmente, uma situação difícil...*

Não lembro mais o valor no salário. Eu sei que um salário era, vamos supor, R$ 2.600 e, como repórter especial, ia ganhar R$ 4 mil. "Aí tem coisa. Obrigado, mas não aceito". Ele, arrasado, tentou contornar, mas...

■ *Coisas de governo e na área de comunicação?*

Passei um ano querendo saber quem é que me cassou. Eu pensava na pessoa errada, achava que era o próprio governador e, mais um ano depois, sem detalhes, em uma entrevista, Agnaldo Almeida me esclareceu. Fui descobrir que quem me indicou para ser o editor-geral aqui para o governador foi Agnaldo Almeida. E aconteceu aquilo comigo. Ele ficou arrasado, mas aí um político, que hoje é deputado federal, foi tirar a onda da minha cara e Agnaldo estava presente e contou. "Olha, não é bem isso, não". Quem foi? Prefiro não falar, não tem nada. Inclusive já falei com o próprio político que vetou.

"Passei um ano querendo saber quem é que me cassou. Eu pensava na pessoa errada"

■ *Você teve algum relato de como foi?*

No dia em que o governador, que você lembrou bem, ia fazer minha nomeação para editor-geral aqui de **A União**, na reunião, ele invadiu a sala e disse para o governador: "Como é que o governador ia colocar um espião — usou a palavra espião — de Ricardo Coutinho?".

■ *Por que ele falou isso?*

Porque tempos antes fui assessor de imprensa do então deputado Ricardo Coutinho.

■ *Mas você era profissional. Deve ter sido assessor de quantos outros?*

Fui assessor de Tavinho Santos, de Lindolfo Pires, Tião Gomes, Fuba.

■ *Profissional, prestar um serviço e ser remunerado por isso...*

Se você se identifica com o projeto de um ou outro, é outra história. Tive essa sorte: quase sempre gostava dos projetos de quem me contratava, mas sou profissional, tanto que eu aceitei o convite de um grupo político de Cássio Cunha Lima, que eu não votei, que é o grupo que me convidou. Isso foi um trauma grande. Fiquei chateado, magoado, na época, mas logo depois essas coisas passam.

■ *E passou quanto tempo para você voltar realmente e se engajar num projeto em **A União?***

Aí eu andei mais um bocado por aí. Passei cinco anos e meio na coordenação de Comunicação do Ministério Público da Paraíba. Aí, quando eu saí de lá, Albiege Fernandes era superintendente e me chamou para tomar conta do portal daqui d'**A União**. O editor-geral era Felipe Gesteira. Vim para ficar no portal e fiquei de dezembro de 2017... aí foi quando teve a mudança. Gesteira saiu e veio o convite para assumir a editoria-geral de fato.

■ *Você foi para o portal de **A União**. Foi sua primeira experiência com a velocidade estonteante da internet e da nova tecnologia que chegou para derrubar, como iconoclasta, os velhos dogmas?*

É engraçado. Quando chegou a internet, não só eu, mas tudo duvidava. "Isso não vai longe", se dizia. O primeiro portal de João Pessoa foi o mural de Notícias, com Wellington Farias e o Rubens Nóbrega. E logo em seguida surgiu o WSCOM e, em Campina Grande, surgiu o Paraíba Online, de Arimatéia Souza. Minha experiência foi com Arimatéia. Eu cobria a Assembleia pel'O Norte, se não me engano, e Arimatéia me chamou para ser correspondente do Paraíba Online.. Assumi a editoria, agora para valer.

■ *Sem veto de nenhum político?*

Não teve nenhuma cassação e foi uma experiência muito boa. E foi uma coisa, uma realização. Como tive a frustração de ter sido por dois dias na primeira vez, tive tempo de trabalhar, apesar de ser um momento muito complicado aqui na Redação, porque o quadro estava muito reduzido.

■ *Carência de pessoal?*

Pouca gente, e até estagiários a gente tinha dificuldades, tirava leite de pedra. Foi um ano difícil, mas a gente começou a criar algumas coisas apesar da equipe reduzida, começou a reformular. Mas se concretizou mesmo já em 2019. Quando o governo seguinte assumiu, que teve a transformação da Rádio Tabajara e **A União**, tudo virou a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), tendo Naná Garcez com presidente, a gente começou a trabalhar esses projetos. O primeiro deles foi o Memorial, no final de 2018.

■ *Mas, Jorge, o Pensar, o Memorial, o Radar?*

O Radar, não. Eu assumi o Almanaque, que, quando cheguei aqui, já existia, eu não sei há quanto tempo, mas foi criado por Walter Galvão. Se você olhar direitinho, Memorial, Pensar e Almanaque, cada um com as suas características, eles lidam com a mesma matéria-prima, que é o intermediário entre o factual, a notícia do dia, com a memória e a academia. Eu saí de **A União** recentemente, mas não desapeguei deles; parecem filhos e não poderiam ficar em melhores mãos do que as de Audaci Júnior.

■ *Nesse período, houve aquela decepção da primeira nomeação que a gente conversou, mas depois você voltou, foi inclusive editor-geral, lançou alguns cadernos e levou outros a uma dimensão diferente. Mas você também editou Política?*

Foi. Quando eu estava na editoria-geral, fui até para a história sem querer. Eu fui o último editor-geral de **A União** e o primeiro gerente de Mídia Impressa. Um jornal importantíssimo, centenário... eu tive esse privilégio.

■ *Mudou a nomenclatura?*

Eu confesso, e Naná Garcez sabe disso... muita coisa eu discordei nessa transformação, porque foi da noite para o dia. Tá aí a EPC, tá construída, cresceu, está se consolidando, mas imagine...

■ *Mudança de ponta-cabeça?*

Praticamente virando a cabeça, e eu já não estava mais querendo ficar na editoria-geral. Ainda fiquei três meses, aí cheguei para Naná e disse: "Não dá". Gosto de jogar aberto, e a primeira coisa foi o salário, cortado pela metade. Quando teve essa mudança, novo quadro, eu acho até hoje que eles erraram lá na composição dos valores da estrutura, cortando no meio. Eu não sou mercenário, mas foi uma pancada enorme.

■ *Sem saber, sem esperar?*

Ninguém sabia que ia ter essa mudança, enfim, e outras coisas também. Cheguei e entreguei o cargo. Eu sabia que não dependia dela. Entreguei. Como eu já tinha um apego grande n'**A União** e como e já tinha o Memorial, falei assim: "Eu queria ficar como repórter. E, se possível, ficar responsável pelo Memorial". Aceitaram e fiquei no início. Logo em seguida, precisou de editor de Política, e eu tinha feito uma promessa para mim... mais da metade da minha vida no jornal foi na área de política. E, na minha última passagem pela política, estava meio desgostoso e tinha feito uma promessa para mim mesmo, que eu não ia ser editor de Política. Até brincava: "Depois que estou ficando velho, sou quase mercenário. Agora só se me pagar muito bem". Não queria mesmo. Só que teve uma necessidade, uma urgência. Não lembro os detalhes, estava precisando de tudo, de um editor de Política, e o William Costa me chamou e pediu para eu assumir a editoria de Política. Estava relutante, mas acabaram me dobrando.

■ *Qual a sua avaliação sobre esse projeto que é o Jornal **A União,** que está dando certo há 131 anos e é único nesta plataforma de impresso hoje na Paraíba?*

Tem gente que me chama de sonhador, e eu posso até sonhar às vezes, exageradamente. Mas esses 131 anos d'**A União** eu não acredito que eles vão um dia ser jogados pela janela. Acredito em mais 130 anos. Pode me chamar de maluco. Outras coisas vão surgir, a gente não tem nem ideia. Coisa de ficção científica.

■ *Se a gente se debruçar sobre a história da comunicação, era o papiro, depois lá vem o papel, a prensa móvel... dali a pouco, lá na frente, o linotipo, o offset. De repente, você vê nesse período, já se entrelaçaram aí o rádio, o cinema, a televisão, e hoje nós temos a internet...*

E outras coisas que a gente não tem nem ideia que vão surgir, mas eu acredito muito em papel, ainda. A melhor coisa do mundo é colecionar figurinha. Acho que **A União** está no caminho certo nessa direção. O jornal vai resistir ainda por muito tempo. Gostaria de registrar meu agradecimento a você, que depois que voltei com a família para Minas Gerais e me arrependi nove meses depois, estava desesperado lá, querendo voltar para a Paraíba, e a primeira pessoa que me abriu as portas foi Deus, para poder voltar, e você tá garantindo a vaga no jornal.

■ *Agora eu tenho culpa do seu talento?*

Isso eu devo muito a você. Você me salvou porque eu errei em deixar a Paraíba. Mas a Paraíba não me deixou.

Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube

EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Paulo Sergio

ÁREAS DIVERSAS

UFPB tem 21 vagas para professor

Remunerações podem chegar a R$ 11 mil e há reserva de oportunidades para pretos, pardos e PCDs

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

Conquistar um emprego público e ter estabilidade financeira é o desejo de muitas pessoas, que costumam se dedicar aos estudos e à qualificação profissional, às vezes durante anos, em prol dessa realização. Quanto aos professores, essas oportunidades podem existir no Ensino Básico e também no Ensino Superior, como é o caso do edital de concurso público de provas e títulos para professor do magistério superior, divulgado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde são oferecidas 21 vagas, distribuídas entre oito centros de ensino da instituição.

As remunerações podem chegar a R$ 11.139,64, a depender do regime de trabalho e das retribuições por titulação, além do acréscimo de auxílio-alimentação. São oferecidas vagas para as áreas de: Língua Inglesa, Libras, Pediatria, Ciências e Biologia, Linguagens e Ensino, Ciências e Práticas Atuariais, Ciências Contábeis, Materiais e Processos de Fabricação, Engenharia da Qualidade, Farmacologia Aplicada à Odontologia, Educação Física, Enfermagem, Terapia Ocupacional e Engenharia Química.

As vagas são para professores assistentes, onde é exigido o diploma de mestrado, e professores adjuntos, que devem ter titulação de doutorado. Para quem preenche os requisitos, as inscrições podem ser realizadas na secretaria de cada departamento responsável pela área de interesse disponível no certame, até o dia 20 de junho. Também é possível fazer a inscrição por meio de procurador devidamente designado ou por via postal expressa.

As etapas de seleção consistem em: prova escrita, com caráter eliminatório; prova didática, também com caráter eliminatório; e no caso de seleção para professor adjunto, prova de plano de trabalho, também eliminatória; além de exame de títulos, para todos os cargos, e com caráter classificatório. A taxa de inscrição é de R$ 60 para vagas com regime de trabalho de 20 horas (T-20); R$ 85 para regime de trabalho de 40 horas (T-40); e R$ 160 para cargos de dedicação exclusiva (DE).

Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Concurso para professor da UFPB será composto por provas escritas, didáticas, plano de trabalho e exame de títulos

O concurso público divulgado pela UFPB, reserva às pessoas pretas ou pardas 20% do total de vagas disponíveis no edital, além de 5% das vagas para pessoas com deficiência. O edital, que contém as informações sobre o certame, como quadro de vagas, conteúdo programático para cada área, valor das remunerações, requisitos mínimos exigidos e regime de trabalho, pode ser acessado pelo endereço eletrônico da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da UFPB (www.progep.ufpb.br).

Rotina do professor universitário vai além da sala de aula

A rotina de um professor do magistério superior envolve atividades não apenas voltadas para o ensino em sala de aula, mas também a realização de pesquisas e projetos de extensão. É o que explica a professora de Língua Inglesa da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), também ligada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Juliana Luna Freire.

"A gente sempre tem a obrigação de fazer ensino, pesquisa e extensão. É o que nós chamamos de pilares da universidade. No ensino, que é o que primeiro vem à cabeça quando a gente fala de universidade, um professor geralmente tem até quatro turmas. Eu, por exemplo, sempre tenho três, porque além das turmas, tenho atuação em pesquisa e extensão. Muitas vezes, a gente dá aula no mestrado e doutorado, nos programas de pós-graduação, então aí já é uma turma extra", explica.

Ela também comenta que, no Departamento de Letras, todos os semestres entram novos alunos, tanto no turno da manhã como da noite, e que os professores se dividem para ministrar as aulas necessárias para a grade curricular das novas turmas. Em outros cursos ou departamentos, pode haver apenas uma entrada por ano, reduzindo o número de novos alunos a cada semestre, e os professores do departamento também ministram aulas em outros cursos de graduação que tenham na grade curricular aulas como Inglês, segundo explica Juliana. "Nós damos aulas também para outros departamentos, então não é só os alunos de Letras, também têm outros. Por exemplo, Engenharia, Culinária", aponta.

Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Cada professor universitário ministra aulas para, em média, quatro turmas por semestre

Quanto às atividades de extensão, a professora comenta que elas se referem aos cursos e ações que são realizados para o público de fora da universidade, como cursos de conversação em inglês, leitura, preparatório para o TOEFL — prova que atesta a proficiência no inglês —, e que essas atividades de extensão também contam com a participação de alunos, que são acompanhados pelos professores. "Nessa questão da extensão também levamos a universidade para fora, para a comunidade, e para trazer a comunidade para dentro da universidade também. Então esse é outro trabalho bastante interessante", comenta.

Já as pesquisas podem acontecer tanto em nível de graduação como de pós-graduação. "Na graduação, a gente tem projeto de iniciação científica, os alunos recebem bolsa para poder desenvolver esse projeto com o professor. Então, os alunos já vão começando a fazer pesquisa sobre orientação do professor, principalmente aqueles que já têm interesse depois em tentar um mestrado", explicou. Juliana também comenta que muitos professores ainda estão vinculados a programas de pós-graduação, como é o caso dela, onde também são orientados trabalhos em nível de mestrado e doutorado.

Para além disso, a professora ainda fala que o trabalho no magistério superior também envolve a orientação de alunos para o desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), além de orientações em estágios de docência — no caso de licenciaturas, onde os alunos começam a ministrar aulas em escolas públicas, com acompanhamento dos professores —, e ainda o planejamento de aulas, correção de trabalhos e outras atividades da rotina de trabalho.

Foto: Arquivo pessoal

> **"Professores têm a obrigação de fazer ensino, pesquisa e extensão. É o que chamamos de pilares da universidade**
>
> Juliana Luna Freire

Vagas

No edital divulgado pela UFPB, há vagas para a área de Letras, tanto para Língua Inglesa e estágio supervisionado, como também para professor de Libras, ambos com regime de dedicação exclusiva à universidade. Para a docência em Língua Inglesa, está sendo oferecida uma vaga, e a prova escrita tem data de realização prevista para o dia 22 de julho. Já a prova didática deve acontecer no dia 26 do mesmo mês, e o plano de trabalho no dia 31. Encerrando o processo, a prova de títulos tem previsão para agosto.

Para professor de Libras está sendo oferecida uma vaga, reservada a pessoas pretas ou pardas, com prova teórica também no dia 22 de julho. A prova didática tem previsão para o dia 25, e o plano de trabalho para o dia 30, ambos do mesmo mês, além do exame de títulos que deve acontecer no dia 1º de agosto.

Mais informações sobre a vaga de professor em Língua Inglesa podem ser obtidas pelo telefone (83) 3216-7402. Já as dúvidas quanto à seleção de professor de Libras podem ser sanadas pelo telefone (83) 3048-8511.

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação
Fixado em 8 de maio de 2024		+0,27%	+0,64%	+0,89%	IPCA do IBGE (em %)
10,50%	R$ 1.412	R$ 5,167	R$ 5,606	R$ 6,585	Abril/2024 0,38 Março/2024 0,16 Fevereiro/2024 0,83 Janeiro/2024 0,42 Dezembro/2023 0,56

CARCINICULTURA

PB vai ganhar indústria de beneficiamento de camarão

Atualmente, a produção anual do estado fica entre 30 e 40 mil toneladas

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

A Paraíba é o estado que possui a maior produtividade do país na criação de camarão, com uma produção de 15 toneladas por hectare. Terceiro maior produtor de camarão do país, ficando atrás apenas de Ceará e Rio Grande do Norte, o estado paraibano produz anualmente entre 30 e 40 mil toneladas, de acordo com o presidente da Associação dos Criadores de Camarão da Paraíba (ACPB), André Jansen.

Recentemente, os produtores conseguiram inserir o camarão no cardápio da merenda escolar dos municípios de Itabaiana, Juripiranga, Mogeiro, Salgado de São Félix e João Pessoa. No ano que vem, o item deve compor também a merenda das escolas estaduais.

Segundo André Jansen, esse grande potencial produtivo ocorre principalmente pela qualidade da água do Rio Paraíba, que é salobra e, por isso, excelente para a criação de camarão marinho. Outro fator importante é a ajuda do Sebrae, que há oito anos desenvolve ações junto aos produtores do Vale do Paraíba.

"Ninguém sabia que existia camarão no Vale do Paraíba", afirmou o gestor do Sebrae, Pablo Queiroz. Ele contou que, há oito anos, a produção de camarão daquela região foi identificada como uma potencial transformadora por um projeto de desenvolvimento territorial no qual trabalhava. Com isso, o Sebrae passou a ofertar diversos tipos de auxílio aos produtores.

Fotos: Divulgação/ACPB

Segundo especialista, o Rio Paraíba tem grande potencial produtivo para criação de camarão marinho por conta de sua água salobra

> **Sebraetec permite que os produtores tenham 70% de desconto na obtenção das licenças necessárias para atuar na carcinicultura**
>
> André Jansen

O mais importante deles se deu por meio do Sebraetec, que permite que os produtores tenham 70% de desconto na obtenção das licenças necessárias para atuar na carcinicultura. "O Sebrae é peça fundamental nesse crescimento. Sem o Sebrae, a gente não teria saído do lugar", comentou André Jansen. Segundo ele, 98% dos associados são microprodutores, ou seja, criam camarão em uma área de até dois hectares, e muitos deles não tinham nenhuma licença.

Ele contou que o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) também tem um programa de assistência ao produtor, e a Agência Estadual de Gestão das Águas (Aesa) também dá apoio, além da Prefeitura de Itabaiana, onde a associação está sediada. Ainda assim, André considera o Sebrae o parceiro mais importante, pois permitiu que muitos produtores saíssem da informalidade e pudessem, assim, comercializar seus produtos com responsabilidade e segurança.

Cursos de capacitação e outros negócios

Além de ajudar na obtenção das licenças, o Sebrae também promove cursos de capacitação para os produtores e a Feira de Negócios do Vale do Paraíba (Fenevale), que neste ano terá sua sétima edição realizada em agosto.

A feira, inclusive, ajudou a aproximar os produtores e a população, na avaliação de Pablo Queiroz. "Havia um pensamento de que criar camarão seria ruim para o rio, mas não é assim, é o contrário, o produtor trata a água. E hoje as pessoas enxergam que a produção gera emprego e renda na região", explicou.

O gestor revelou que trabalha agora numa estratégia para associar o turismo com a criação, gerando outra fonte de emprego e renda. A ideia é abrir algumas fazendas de camarão para a visitação, de forma semelhante ao que se faz com as fábricas de cachaça em Areia.

"Queremos levar isso para a gastronomia também. O restaurante Cantina do Sabor, que é de Itabaiana, fez uma consultoria com a gente para criar um cardápio só com camarão. Eles não serviam camarão antes", contou Pablo.

Usina

Apesar dos números expressivos, o estado ainda não conta com uma usina para beneficiamento do camarão, que muitas vezes precisa ser levado para outros estados para isso, antes de retornar aos supermercados locais.

Esse problema, porém, está com os dias contados, graças a uma parceria entre Governo do Estado, Sebrae, Organização de Cooperativas Brasileiras na Paraíba (OCB-PB) e parlamentares.

A Cooperativa dos Criadores de Tilápias e Camarões do Estado da Paraíba, que também é presidida por André Jansen, recebeu da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep) um terreno em Itabaiana para construir sua própria usina de beneficiamento. O investimento para a construção virá de emendas parlamentares. A expectativa, segundo André Jansen, é de que sejam criados até 300 empregos diretos.

Ele acredita ainda que os produtores terão melhores condições de venda, já que não dependerão mais de atravessadores, uma vez que conseguirão processar os próprios produtos.

Já Pablo Queiroz acredita que os carcinicultores poderão iniciar a exportação dos camarões. "Aumentando a capacidade de produção, é possível. O produto de qualidade eles já têm", afirmou.

Terreno da Cinep, em Itabaiana, vai abrigar usina de beneficiamento com 300 empregos diretos

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Crescimento do NE com interiorização

Nos dias 24 e 25 de maio, João Pessoa foi palco de um importante evento econômico: o 32º Encontro das Entidades de Economia do Nordeste, reunindo os Conselhos Regionais de Economia dos nove estados do Nordeste e aproximadamente 250 economistas da região e palestrantes de renome. O tema central do encontro foi "O Desenvolvimento do Nordeste com Visão na Interiorização", abordando estratégias e caminhos para prefeitos e governadores promoverem o desenvolvimento sustentável e equilibrado em seus municípios e estados. E mais: que o desenvolvimento chegue para todas as cidades.

O Nordeste brasileiro enfrenta desafios históricos de desenvolvimento, com uma concentração econômica nas capitais e regiões metropolitanas, enquanto o interior muitas vezes carece de infraestrutura e oportunidades. A interiorização do desenvolvimento é uma estratégia essencial para corrigir essas disparidades, promovendo um crescimento econômico mais justo e equilibrado. Isso envolve a descentralização dos investimentos, a melhoria da infraestrutura e a criação de políticas públicas que incentivem o crescimento das cidades do interior.

Alguns eixos centrais foram apontados, que chamamos de "Caminhos para os Gestores Municipais e Estaduais" e farão parte da Carta do Nordeste, que será entregue a todos os governadores e disponibilizada aos candidatos que concorrerão ao pleito municipal em 2024. Entre os principais caminhos, destacamos:

Infraestrutura e Logística: Investimentos em Infraestrutura: Prefeitos e governadores devem priorizar investimentos em estradas, ferrovias, portos e aeroportos, facilitando o acesso e o escoamento de produtos das regiões interiores. **Conectividade:** Ampliar a infraestrutura de telecomunicações para garantir que o interior tenha acesso à internet de alta qualidade, essencial para o desenvolvimento econômico moderno.

Educação e Capacitação: Fortalecimento da Educação: Investir em instituições de ensinos Técnico e Superior no interior, promovendo a capacitação de mão de obra local e criando um ambiente propício para a inovação e o empreendedorismo. **Parcerias com Universidades:** Estabelecer parcerias com universidades para desenvolvimento de pesquisas e tecnologias que atendam às necessidades específicas da região.

Incentivos Econômicos: Políticas de Incentivo: Criar políticas de incentivos fiscais e financeiros para atrair empresas e indústrias para o interior, gerando emprego e renda localmente. **Apoio ao Agronegócio:** Fortalecer o agronegócio, que é um dos principais motores econômicos da região, por meio de incentivos à inovação e sustentabilidade no campo.

Saúde e Qualidade de Vida: Saúde Pública: Investir na melhoria dos serviços de saúde no interior, garantindo que a população tenha acesso a cuidados médicos de qualidade. **Qualidade de Vida:** Desenvolver projetos que melhorem a qualidade de vida das populações locais, como saneamento básico, segurança pública e habitação.

Sustentabilidade e Meio Ambiente: Desenvolvimento Sustentável: Promover práticas de desenvolvimento sustentável que preservem os recursos naturais e respeitem o meio ambiente, garantindo um futuro sustentável para as próximas gerações. **Energias Renováveis:** Incentivar o uso de energias renováveis, como solar e eólica, que são abundantes na região, para promover um desenvolvimento econômico limpo e sustentável.

O Encontro Nordestino de Economistas em João Pessoa destacou a importância de uma visão estratégica para a interiorização do desenvolvimento no Nordeste. Prefeitos e governadores têm um papel crucial nesse processo, sendo responsáveis por implementar políticas e ações que promovam o crescimento econômico sustentável e equilibrado. A interiorização do desenvolvimento é não apenas uma necessidade, mas uma oportunidade para transformar o Nordeste em uma região próspera, inclusiva e sustentável.

EM ABRIL

Indústria apresenta avanço atípico

Pesquisa realizada pela Confederação Nacional costuma apontar queda na produção neste período do ano

A Sondagem Industrial de abril deste ano mostra movimentos pouco comuns para o período, como o aumento da produção industrial. Na pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o índice de evolução da produção, que costuma refletir queda no quarto mês do ano, atingiu 51,2 pontos em abril, permanecendo acima da linha divisória de 50 pontos pelo segundo mês consecutivo. Valores acima de 50 indicam aumento na produção frente ao mês anterior. Valores abaixo de 50 pontos indicam queda da produção frente ao mês anterior.

O cenário atípico é resultado do crescimento do índice de evolução da produção das grandes empresas, que ficou em 53,5 pontos, e da estabilidade do indicador das médias, com 50,1 pontos. Por outro lado, o índice para as pequenas empresas mostrou queda na produção, ao ficar em 47,6 pontos.

"Esse avanço está ligado à estabilidade do ajuste dos estoques conforme o planejado pelos industriais, que já acontece há cinco meses. Agora que as indústrias conseguiram se desfazer do excesso de estoques do ano anterior, podem voltar a produzir de olho na demanda do mercado", explica o gerente de Análise Econômica da CNI, Marcelo Azevedo.

Foto: Divulgação/CNI

Índice de evolução do número de empregados também apresentou comportamento diferente ao ficar estável no mês de abril, quando o usual seria de queda no setor

Empregados

O índice de evolução do número de empregados também apresentou comportamento diferente ao ficar estável no mês de abril, com 50,1 pontos. É o terceiro mês seguido em que o índice fica acima, ainda que próximo, da linha divisória dos 50 pontos. O usual é que haja queda no número de empregados no setor em abril.

Ao olhar por porte, os indicadores para médias e grandes indústrias sinalizam que houve expansão no número de empregados em abril. Entretanto, assim como na produção, o número de empregados recuou nas pequenas indústrias.

Estoques

Coincidentemente, em abril o indicador de evolução do nível de estoques e o índice de estoque efetivo em relação ao planejado atingiram a marca de 50 pontos, indicando estabilidade e adequação aos planos dos empresários industriais. Esse é o quinto período consecutivo em que não há excesso de estoques.

Em maio de 2024, os indicadores de expectativas de demanda, de compras de matérias-primas e de número de empregados na indústria recuaram. Apenas o indicador de expectativa de quantidade exportada avançou. Apesar das variações, todos os índices seguem acima de 50 pontos, revelando expectativas positivas.

Além disso, o indicador de intenção de investimento ficou em 56,9 pontos em maio, indicando que há pretensão de investir. O índice permanece cinco pontos acima da média histórica da série, que é 51,9 pontos.

Por outro lado, o índice para as pequenas empresas mostrou queda na produção em abril

PEQUENOS NEGÓCIOS

Inteligência artificial colabora para maior produtividade

O uso da IA (Inteligência Artificial) tem gerado transformações não apenas no ambiente da tecnologia. No cenário dos pequenos negócios, essa ferramenta surge como uma alternativa estratégica para melhorar os processos de atendimento e contribuir ainda para uma maior produtividade. Esse processo, que é também diretamente ligado à inovação, será um dos assuntos para debate na programação do Nordeste On (NEon), evento que será promovido pelo Sebrae-PB e Governo do Estado, nos dias 6 e 7 de junho, no Centro de Convenções da cidade de João Pessoa.

Conforme o gestor de projetos do Sebrae-PB, Diogo Freitas, a aplicação da IA nos pequenos negócios já é uma realidade. Segundo ele, a tecnologia oferece uma série de benefícios para os empreendedores, que vão desde a possibilidade de automação de tarefas repetitivas e análise de dados, até mesmo à condição de personalização de serviços com foco no atendimento de clientes.

"Mesmo em empresas de menor porte, a inteligência artificial pode ser implementada de diversas maneiras, seja através da utilização de sistemas simples de atendimento ao cliente ou com soluções mais avançadas de análise preditiva e *machine learning*. A chave para o sucesso está em entender as necessidades específicas do negócio e identificar as melhores maneiras de aproveitar o potencial da inteligência artificial para impulsionar o crescimento e a inovação", explicou.

Além da otimização em processos diversos, a ferramenta pode ser usada pelos empreendedores para obter *insights* como o comportamento do cliente, tendências de mercado e desempenho de produtos, fatores que são valiosos para o aumento da produtividade no ambiente de negócios.

"Ao implementar soluções de inteligência artificial, as empresas podem melhorar significativamente sua eficiência operacional, reduzir custos, aumentar a qualidade dos produtos e serviços, e até mesmo identificar novas oportunidades de mercado. Isso porque existe uma análise mais precisa e rápida de grandes volumes de dados, fornecendo *insights* que podem orientar estratégias de negócios mais assertivas", destaca Diogo Freitas.

Sobre o acesso da IA para os pequenos negócios, o Sebrae vem colaborando com essa realidade a partir da execução de diversas ações, entre elas, a promoção de cursos e consultorias especializadas, visando fomentar o empreendedorismo e oferecer suporte aos empreendedores sobre a importância da adoção da tecnologia no ambiente de negócios. Além da organização de eventos, palestras e a disponibilidade de ferramentas e recursos on-line.

O Nordeste está *on* – Para fortalecer e fomentar a inovação, com foco na região Nordeste, João Pessoa vai receber, nos dias 6 e 7 de junho, a segunda edição do Nordeste On (NEon). Promovido pelo Sebrae e pelo Governo do Estado, o maior evento de inovação e empreendedorismo da região, que teve a sua primeira edição realizada em São Luís (MA), vai ocorrer no Centro de Convenções da capital e deve receber cerca de 20 mil participantes.

Ao desembarcar na Paraíba, o NEon vai oferecer aos empreendedores e profissionais do Nordeste uma experiência impulsionadora para quem deseja estar à frente das transformações do mercado e em busca de um futuro mais sustentável. Acesse o *site* https://nordesteon.com/ e fique por dentro de todas as novidades sobre o evento e sua programação.

A tecnologia oferece benefícios que vão desde a automação de tarefas e análise de dados, até o atendimento de clientes

Foto: Pikfree

FÓRUM DE INTERNACIONALIZAÇÃO

PB estreita laços com a Alemanha

Durante três dias, pesquisadores alemães puderam conhecer as potencialidades do estado e fortalecer vínculos

Ascom Secties

O que há na Paraíba que despertaria o interesse de cientistas e pesquisadores da Alemanha? Visto por outro ângulo, quais as oportunidades que a Alemanha oferece para o desenvolvimento de pesquisas científicas e de inovação oriundas da Paraíba? Esses foram alguns dos elementos que configuraram o I Fórum de Internacionalização Paraíba sem Fronteiras: Paraíba-Alemanha, realizado nos últimos dias 20, 21 e 22 de maio.

O Fórum é realizado pelo Governo do Estado da Paraíba por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties-PB) e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), no âmbito Programa Paraíba sem Fronteiras (PBsF), programa de Internacionalização em Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior no Estado da Paraíba. Nesta primeira edição, o evento contou com a parceria do Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo (DWIH São Paulo), especializado na internacionalização da pesquisa, tecnologia e *startups* alemãs.

Durante três dias, representantes da Embaixada da Alemanha no Brasil e do Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo se reuniram com a comitiva paraibana para conhecer as potencialidades da Paraíba e fortalecer vínculos.

O governador João Azevêdo esteve presente na abertura do evento e ressaltou a importância de compartilhar o que vem sendo realizado na Paraíba, em termos de Ciência e Tecnologia, com outros países. "São diversos os projetos que passam pelo incentivo direto. Nós temos feito o nosso dever de casa, mas é preciso que isso seja compartilhado, que é o que está sendo feito através desse Fórum, por meio da Secretaria de Ciência e Tecnologia. Eu não tenho dúvida nenhuma que esse evento trará resultados extraordinários após as discussões sobre aquilo que é produzido aqui na Paraíba", salientou o governador.

De acordo com Claudio Furtado, secretário de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, o evento serviu para mostrar o leque de "oportunidades tanto para o acesso a pesquisadores daqui do Brasil para a Alemanha, como também a vinda de pesquisadores e estudantes alemães aqui para a Paraíba", afirmou.

Já o coordenador do Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo, Marcio Weichert, comentou que os três dias do Fórum possibilitaram uma boa visão da excelência em pesquisa que é realizada no Estado. "Nós estamos agora bem abastecidos de informações e contatos para ajudar a promover a Paraíba junto às instituições e aos pesquisadores da Alemanha. Por outro lado, também esperamos que todas as informações que nós trouxemos sobre as instituições alemãs em pesquisa, e sobre os programas de fomento, estimulem os pesquisadores, cientistas, estudantes e inovadores do estado a buscarem as cooperações com a Alemanha", comentou.

Foto: Mateus de Medeiros/Ascom Secties

Governador João Azevêdo e auxiliares técnicos da administração estadual durante a abertura do evento, na sua primeira edição

> **São diversos os projetos que passam pelo incentivo direto. Nós temos feito o nosso dever de casa, mas é preciso que seja compartilhado**
>
> João Azevêdo

Cooperação técnica entre os países ajuda no ensino

A fim de estreitar relações para a cooperação internacional em Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, nos dois primeiros dias do evento, na última segunda (20) e terça-feira (21), os participantes se reuniram no auditório da Fundação Casa José Américo, em João Pessoa, e apresentaram trabalhos de pesquisa e possibilidades de parcerias em projetos de pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico, tanto realizados por instituições alemãs quanto fomentados pela Secties.

Foram tratados os desafios e perspectivas da cooperação internacional para o fomento à Ciência, Tecnologia e Ensino Superior; a importância do ensino de alemão no contexto da internacionalização; experiências e possibilidades de pesquisa em Ciência, Tecnologia e Inovação da Paraíba e da Alemanha, entre outros assuntos relevantes para a parceria.

Os representantes da Alemanha puderam conhecer diversos projetos da Secties, que passam pelo incentivo direto de bolsas e fomentos da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq); a exemplo do projeto Bingo, que está sendo construído em Aguiar, numa área de pesquisa nova, e vai colocar o Brasil numa condição especial de pesquisas espaciais.

Além disso, durante a programação do segundo dia do Fórum, foi realizado um momento de troca de ideias (sessão de *brainstorming*), onde o público pôde discutir sobre a internacionalização e cooperação Paraíba-Alemanha em pesquisa e inovação.

Participaram do Fórum reitorias e pró-reitorias de pós-graduação, graduação e pesquisa; pró-reitorias de Internacionalização; coordenações de internacionalização; núcleos de ciência, tecnologia, inovação e empreendedorismo; representações institucionais (secretarias e fundações); estudantes, pesquisadores, docentes, multiplicadores, tomadores de decisão com interesse em desenvolver projetos e experiências com instituições da Alemanha.

Evolução

Projeto Bingo, que está sendo construído em Aguiar, numa área de pesquisa nova, vai colocar o Brasil numa condição especial de pesquisas espaciais

Oportunidades de pesquisa são previstas

O evento encerrou na última quarta-feira (22), com a apresentação dos representantes da Alemanha sobre instituições alemãs e oportunidades acadêmicas de fomento à pesquisa no país, que aconteceu no auditório do Laboratório Certbio, em Campina Grande. Entre os principais programas apresentados, estão o Walter Benjamin e Emmy Noether.

"É uma oportunidade fantástica para pesquisadores aqui da Paraíba. Sobre essa modalidade de pós-doc, por exemplo, o pesquisador é contratado por dois anos para trabalhar na Alemanha com uma posição presente nos quadros da instituição. Além do salário, há o apoio para a aquisição de equipamentos para a pesquisa. Isso concede autonomia ao pesquisador, por integrar um grande grupo", comentou o secretário Claudio Furtado.

Segundo explicou Cíntia Toth, representante da Sociedade Alemã de Amparo à Pesquisa (DFG), um dos destaques apresentados pelos representantes da Alemanha é o Programa Walter Benjamin, onde brasileiros podem fazer pós-doutorado de dois anos em uma instituição de pesquisa alemã. Ele é voltado para pesquisadores que desejam começar conduzir uma pesquisa mais independente. Nele, é oferecida uma bolsa de pesquisa para permanência no país e realização da pesquisa, além de recursos para aquisição de equipamentos.

Além disso, Cíntia Toth destacou o Programa Emmy Noether, destinado a pesquisadores mais avançados, no qual o pesquisador ou pesquisadora se torna um líder de pesquisa, recebendo financiamento de até seis anos para um projeto robusto em uma instituição alemã e financiado pela DFG.

Três laboratórios do estado foram visitados

O Fórum também contou com visitas técnicas em três laboratórios da Paraíba, todos localizados em Campina Grande. Os representantes da Embaixada da Alemanha no Brasil e do Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo (DWIH São Paulo) puderam conhecer o Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde (Nutes), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); o Laboratório Virtus, da UFCG; e o Laboratório de Avaliação e Desenvolvimento de Biomateriais do Nordeste (Certbio), da UFCG.

De forma prática, foi possível mostrar o que o Estado tem realizado em nível de pesquisa, ciência e tecnologia, contribuindo ainda mais para que os laços entre os dois países fossem estreitados.

"Isso é importante para levar a Paraíba para outro patamar. Nós já buscamos isso dentro da academia e com o apoio do Estado e do setor produtivo nesse tipo de cooperação, vemos que a Paraíba será elevada a outro patamar que estamos construindo conjuntamente", comentou Danilo Santos, Diretor de Inovação do Virtus.

O Laboratório Virtus tem o objetivo de criar novas opções de futuro por meio de projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação tecnológica com parceiros da indústria, nas mais diversas áreas de tecnologia da informação, comunicação e automação.

Para Marcio Weichert, coordenador do Centro Alemão de Ciência e Inovação São Paulo, a experiência foi essencial para entender, na prática, por que a Paraíba é conhecida por ser um polo tecnológico. "Eu já cheguei com a informação de que a Paraíba detém um grande polo de pesquisa em tecnologias da informação e comunicação, mas eu levo na bagagem, agora, essa coisa mais visualizada, especificamente em áreas como a da saúde, que para mim é uma informação nova", comentou.

A coordenadora do Nutes, Kátia Galdino, enfatizou a importância de estabelecer esse tipo de parceria. "Não adianta você desenvolver tanta pesquisa, tantos produtos para saúde, tanta tecnologia de ponta e não mostrar. Através dessa parceria, conseguimos alcançar novos ares, internacionalizando a nossa universidade (UEPB) e isso é de grande importância".

> **Isso é importante para levar a Paraíba para outro patamar**
>
>
> Danilo Santos

Segundo explicou a coordenadora, o laboratório desenvolve tecnologias para saúde, seja na parte de *software* ou de *hardware*, desde o seu conceito, da primeira ideia do pesquisador, até entregá-la para o mercado.

DESMATAMENTO

Invasão urbana ameaça florestas

Na Paraíba, o bioma conta com 600 mil hectares, o que representa apenas 9% do seu tamanho original

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

Quem nunca viu um bicho-preguiça andando no asfalto, entre os carros, para sair de uma mata e chegar a outra? Ou se deparou com notícia de "invasão" de animais silvestres em espaços urbanos? O avanço dos limites urbanos e o desmatamento ilegal atingem diretamente espaços de preservação e recuperação dos biomas estaduais, destruindo e intervindo na dinâmica interna desses espaços.

Entre os biomas remanescentes na Paraíba, destaca-se o da Mata Atlântica, que conta hoje com mais de 600 mil hectares. Eles são parte dos 9% remanescentes do tamanho original do bioma em território brasileiro antes do período da invasão europeia, o equivalente a 11% da extensão do estado, ocupando 45 municípios. Parte está distribuída em 20 áreas de proteção privadas e públicas, com administração federal, estadual ou municipal.

> **Paraíba vem fortalecendo a proteção da Mata Atlântica através da implantação de UCs**
>
> Thiago Silva

De acordo com o Atlas da Mata Atlântica, em relação aos intervalos de 2020 a 2021 e de 2021 a 2022, houve aumento de 65% na taxa de desmatamento do bioma no estado. O documento é fruto da colaboração entre a Fundação SOS Mata Atlântica e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

A Mata Atlântica é o único bioma brasileiro protegido por legislação específica, a Lei nº 11.428/2006, mais conhecida como Lei da Mata Atlântica, e também o primeiro a ser monitorado por imagens de satélite, desde a criação do Atlas de Remanescentes Florestais. O bioma reúne mais de 15 mil espécies de plantas e mais de dois mil animais vertebrados no Brasil, mas é o que mais apresenta espécies animais em extinção.

Amanhã, comemora-se o Dia Nacional da Mata Atlântica. A data tem como objetivo conscientizar a população para a conservação, recuperação e uso sustentável do bioma.

Na Paraíba, além da cobertura da Lei da Mata Atlântica, do Código Florestal Brasileiro e do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, há ainda o Código Florestal Estadual, em vias de atualização pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas), criada em 2023. Além da efetivação da legislação, a gestão ambiental estadual controla as supressões vegetais por meio de licenciamento para manejo florestal e do uso alternativo do solo.

"A Paraíba também vem fortalecendo a proteção do bioma através da implantação e gerenciamento das Unidades de Conservação (UCs) estaduais, como é o caso do Refúgio de Vida Silvestre Mata do Buraquinho, que abriga o Jardim Botânico. Nesse espaço, é possível conhecer melhor a floresta atlântica e desenvolver empatia para conscientização ambiental", destaca o gerente-executivo de Áreas Protegidas e Gestão Costeira da Semas, Thiago Silva.

Para ele, a perda de vegetação de Mata Atlântica pode gerar impactos negativos. "Por exemplo, temos a floresta atlântica protegida pelo Parque Estadual Mata do Xém-Xém, em Bayeux. As águas dos lençóis freáticos do subsolo, que dão origem às nascentes do rio Marés, não teriam o mesmo volume e qualidade se não existisse a floresta. O mesmo se aplica ao Refúgio de Vida Silvestre Mata do Buraquinho, que auxilia a regulação climática e a proteção dos recursos hídricos", explica.

Órgãos se mobilizam em atuação conjunta

Ações de preservação e recuperação do bioma da Mata Atlântica, que faz parte de 17 estados brasileiros, não podem ser realizadas de maneira isolada, pois o que acontece em uma área de mata influenciará as dinâmicas de outra. Em 2023, a Paraíba participou, pela primeira vez, do Encontro Nacional de Secretarias do Meio Ambiente dos Estados da Mata Atlântica, de onde os estados saíram com planos de ações específicas para o bioma.

De acordo com o gerente-executivo de Mudança e Adaptação Climática da Semas, Jancerlan Rocha, o plano conta com algumas ações, como o desenvolvimento de plano para recuperação florestal, prevenção e combate ao desmatamento ilegal; implantação de sistema de monitoramento; viabilização e fomento do mercado de títulos verdes; promoção de editais e convênios para o desenvolvimento de pesquisas; formação de corredores ecológicos com integração das UCs com fragmentos florestais de propriedades vizinhas; e fomento de sistemas agroflorestais.

Outra ação em conjunto entre estados e órgãos públicos é a Mata Atlântica em Pé, realizada desde 2018 nos 17 estados compostos pelo bioma. Na Paraíba, em setembro do ano passado, uma articulação entre Semas, Ministério Público da Paraíba (MPPB), Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e Polícia Ambiental averiguou nove alertas de desmatamento de crimes ambientais. No ano de 2022, foram constatados mais de sete hectares de área desmatada do bioma na Paraíba.

Monitoramento

Desde 2018, o MPPB instaurou mais de 1.200 processos relacionados a crimes contra o meio ambiente, dos quais 20 estão ativos atualmente. A promotora Danielle Lucena, coordenadora do Centro de Apoio Operacional ao Meio Ambiente (CAO Meio Ambiente), comenta que a fiscalização acontece principalmente a partir de ações do Ibama, Sudema, Semas e Polícia Militar. As equipes realizam autuações e remetem os autos de infração ao grupo do MPPB. O CAO Meio Ambiente, por sua vez, envia as informações às promotorias municipais, que autua os responsáveis pelo dano ambiental nas esferas cível e penal.

A promotora aponta as maiores causas de desmatamento observadas a partir da experiência no CAO Meio Ambiente. "Eu acredito que a expansão urbana desordenada é a maior causa. Existem aquelas ocupações ribeirinhas que comprometem a Mata Atlântica no que diz respeito àqueles manguezais, restingas, até aos próprios animais que ali habitam", aponta Lucena.

Já o chefe da Divisão Técnica da Superintendência do Ibama na Paraíba, Alexandre Garcia, observa que o principal fator é a expansão agrícola. "Tem uma questão de mineração também, mas isso ocorre muito na Caatinga, não tanto na Mata Atlântica. Também o fator da exposição agrícola em áreas rurais e a questão da especulação imobiliária em áreas urbanas", analisa, ao acrescentar que, além da fiscalização, o Ibama também atua em frentes de comunicação e educação ambiental.

Outro órgão responsável pelos cuidados com a Mata Atlântica é a Sudema, com atribuições de fiscalização de desmatamento irregular, proteção e consideração de criação de novas UCs e restauração da mata para recuperar áreas e promover a biodiversidade. A superintendência também é responsável por pedidos de autorização de licenciamento ambiental.

"Consideramos os pedidos de autorização a partir do que rege a Lei nº 11.428/2006. Levamos em consideração o tipo de atividade requerida e o estágio de supressão da vegetação. Se estiver dentro do permitido pela lei, o empreendimento é autorizado com algumas condicionantes, como a que impede que toda a área seja suprimida, sendo apenas uma parte, de acordo com o tipo de vegetação. A outra parte fica destinada à conservação", explica Alciênia Albuquerque, da Divisão de Florestas da Sudema.

Reconectar matas para garantir biodiversidade

Um dos desafios para preservação e recuperação da Mata Atlântica advém do fato de muitas áreas remanescentes estarem separadas, o que fragiliza o bioma, pois deixa esses espaços mais vulneráveis a crimes ambientais, além de não haver trocas entre fauna e flora. Por isso, o Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste (Cepan) tem realizado, na Paraíba, desde 2020, um trabalho de reconexão entre as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) Engenho Gargaú, em Santa Rita, e Fazenda Pacatuba, em Sapé.

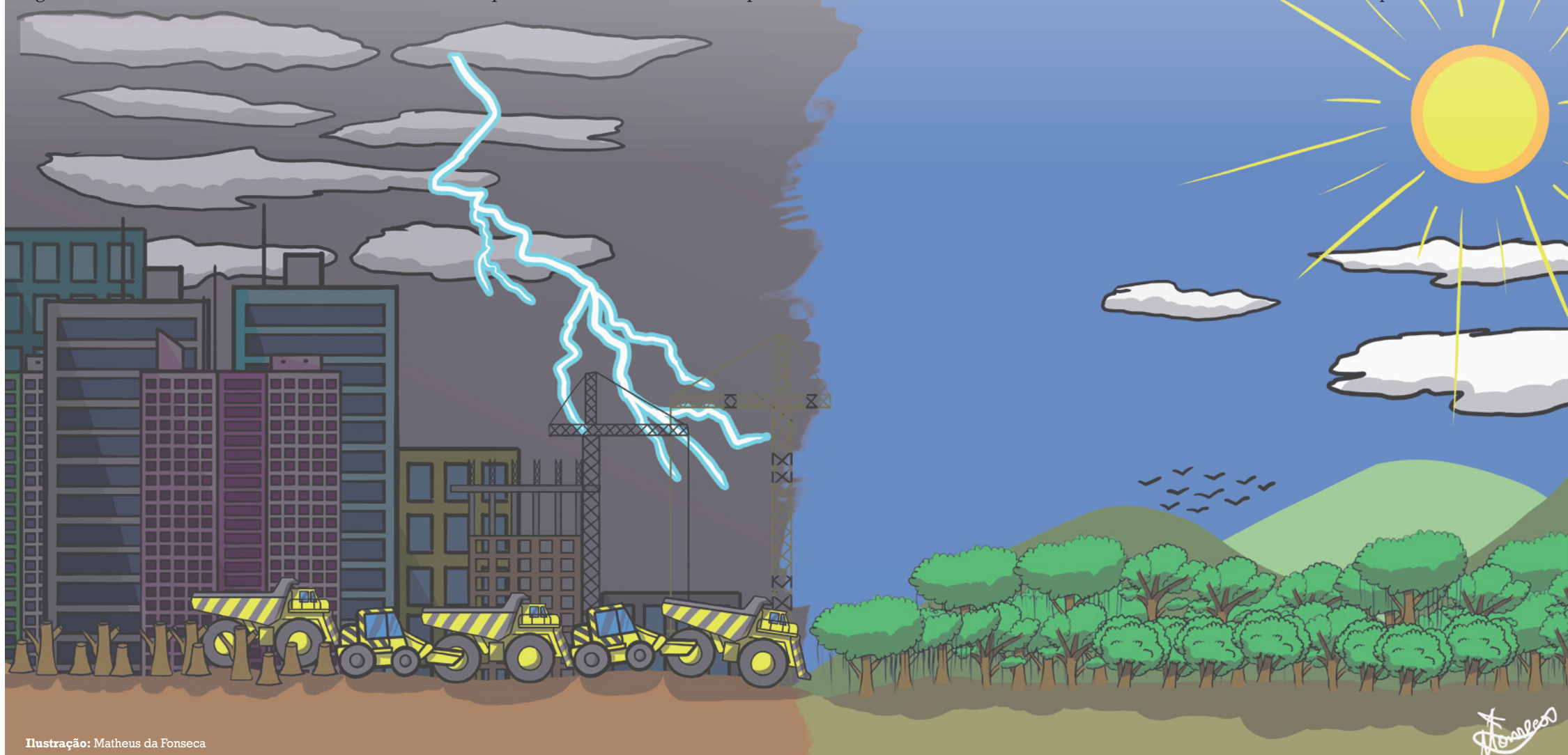
O objetivo é implantar um corredor ecológico entre as duas áreas, com atividades de semeadura direta, plantio de mudas e condução de regeneração natural, contemplando 250 hectares na paisagem local. Além de restaurar serviços ecossistêmicos locais, como a provisão de água, o projeto visa beneficiar a biodiversidade local, em especial para espécies ameaçadas, como o macaco-preto-galego e o guariba-de-mãos-ruivas.

"A ideia é melhorar a conectividade entre as áreas de floresta para que essas espécies possam trafegar entre um remanescente e outro. Quando a gente tem uma espécie que necessita de grande espaço, mas tem um hábitat pequeno, começam a acontecer cruzamentos dentro da própria família, o que a gente chama de isogamia, trazendo uma série de problemas de origem genética de ordem respiratória para esses animais", explica Joaquim Freitas, geógrafo e coordenador-geral do Cepan.

Estratégia

Reservas particulares no interior do estado serão ligadas por corredor ecológico. Nas áreas, haverá plantio de mudas e ações para condução de regeneração natural

Ilustração: Matheus da Fonseca

Foto: Divulgação/Sousa

Jogadores do Sousa treinaram com muita determinação durante a semana para dar a volta por cima no Campeonato Brasileiro da Série D e assim entrar na zona de classificação

BRASILEIRO SÉRIE D

Sousa e América buscam reabilitação

Equipes vêm de eliminação na Copa do Brasil e passam a se concentrar, agora, apenas na competição nacional

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Após serem eliminados na Copa do Brasil, Sousa e América-RN entram em campo, hoje, pela quinta rodada do Grupo A3 do Campeonato Brasileiro Série D, em busca da reabilitação na temporada. O Dino corre atrás da sua segunda vitória no torneio, enquanto o time potiguar busca se consolidar como vice-líder da chave. O jogo acontece no Estádio Marizão, às 16h.

Na Série D, o Sousa faz, até aqui, uma campanha irregular. A equipe contabiliza duas derrotas, um empate e uma vitória, por 1 a 0, somando apenas quatro pontos. Além disso, tem o pior ataque da sua chave, com apenas um gol marcado. Apesar do mal momento, se vencer, o Dino alcança a mesma pontuação do adversário desta tarde e se impõe na briga por uma vaga ao mata-mata.

O Dino não marca mais de dois gols numa mesma partida desde a semifinal do Campeonato Paraibano, quando venceu o Treze por 2 a 1, no dia 31 de março, no Marizão. Desde então, venceu apenas uma partida, contra o Potiguar, por 1 a 0, e não marcou gols em sete dos nove jogos disputados no período.

No Marizão, em duas partidas realizadas, a equipe de Leandro Sena ainda não levou gols e marcou seu único tento no torneio, com Diego Ceará, em cobrança de pênalti. O confronto contra o time potiguar marca o reencontro entre o recém-chegado treinador do Dino e sua ex-equipe, em que foi campeão da Série D 2022, seu principal título na carreira.

O Sousa chega para a partida contra o América eliminado da Copa do Brasil após dois jogos contra o Red Bull Bragantino. No confronto da última terça-feira (21), em Bragança Paulista-SP, o time da Paraíba encerrou sua participação na competição depois de perder por 3 a 0. No jogo de ida, havia empatado por 1 a 1. A campanha pode ser considerada histórica, já que nas fases anteriores, o Dinossauro do Sertão eliminou o Cruzeiro, hexacampeão do torneio, e o Petrolina-PE. Ao todo, o clube arrecadou R$ 3,9 milhões em premiações.

O adversário

O Mecão é o vice-líder do Grupo A3, que tem o Treze como líder, com 100% de aproveitamento. Em quatro partidas, o Dragão venceu duas, empatou uma e perdeu outra, somando sete pontos, três a mais que o time do Sertão paraibano, o qual ocupa a 5ª posição.

Assim como o Sousa, o América foi eliminado da Copa do Brasil no meio da semana passada. A equipe potiguar enfrentou o Corinthians na terceira fase da competição e perdeu tanto em Natal-RN quanto em São Paulo-SP, ambos confrontos por 2 a 1. Apesar das derrotas, o time de Marquinhos Santos fez bons jogos contra o clube paulista, principalmente na Arena das Dunas, onde os donos da casa impuseram grandes dificuldades para o Timão. O jogo de volta ocorreu na Neo Química Arena na última quarta-feira (22).

Campeão Potiguar de 2024, o América de Natal só perdeu seis jogos nesta temporada, quatro para equipes da Série A, Fortaleza, Bahia e Corinthians. As outras duas foram contra Itabaiana-BA e Santa Cruz-RN. Nos últimos 21 jogos, foram apenas três derrotas, uma pela Série D contra o rival local e as outras duas para o time paulista, atuando pela Copa do Brasil.

Arbitragem

Rafael Traci (CBF/SC) é o encarregado de apitar a partida deste domingo. Rafael Guedes de Lima (CBF/PB) e Gleydson Francisco (CBF/PB) são os assistentes do árbitro catarinense, que tem longa experiência em jogos da Série A. Willian Cácio de Oliveira (CBF/PB) é o quarto árbitro.

FUTEBOL DE CEGOS

Brasil estreia contra a Tailândia em torneio, hoje, na França

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

A Seleção Brasileira de Futebol de Cegos, comandada pelo técnico paraibano Fábio Vasconcelos, vai em busca do tricampeonato na sexta edição do Grand Prix da IBSA (Federação Internacional dos Desportos para Cegos). A competição, que acontece em Schiltigheim, na França, inicia neste domingo e vai até o próximo sábado, dia primeiro.

Na última edição, realizada em 2023, em São Paulo, bem como em 2022, em Pueblo, no México, o time verde amarelo subiu ao lugar mais alto do pódio e deseja repetir os feitos. A rivalidade Brasil versus Argentina é também determinante na briga pelo protagonismo dos títulos desta competição. Nesse ano, o Brasil terá a oportunidade de empatar em número de troféus com sua maior rival, que possui três, conquistados em 2018, 2019 e 2021, todos em Tóquio.

Além da Seleção Brasileira, outras sete estão na disputa do torneio, que serve como preparação para os Jogos Paralímpicos 2024. O Brasil está no Grupo B da competição, juntamente com a França, Colômbia e a Tailândia. Já o Grupo A é composto pelas seleções da China, Turquia, Japão e Argentina.

Foto: Alessandra Cabral/CPB

Nonato é um dos destaques da Seleção Brasileira, que busca mais um título a partir de hoje no Grand Prix da IBSA

A estreia do Brasil será contra a Tailândia - a única seleção na disputa do Grand Prix que não participará das Paralimpíadas 2024 - às 11h deste domingo. Na segunda-feira, a Seleção Canarinho retorna à quadra para o duelo contra a Colômbia, no mesmo horário. O último confronto da primeira fase é contra a França, às 15h, na terça-feira. Já o campeão será conhecido na grande final, prevista para acontecer às 15h do sábado, dia primeiro de junho.

Para o Grand Prix, o técnico paraibano convocou os goleiros: Luan Lacerda e Matheus da Costa; e os atletas de linha: Maicon Júnior, Tiago da Silva, Paulo Vitor, Cássio Lopes, Rainã Oliveira, Jardiel Vieira, Jonatan Felipe e Raimundo Nonato. Os atletas Jefinho e Ricardinho foram poupados pelo treinador.

Foto: Divulgação/CBF

Cristiane,

Jogadora da Seleção Brasileira

"Fiquei de fora das últimas Olimpíadas [Tóquio 2020, em 2021] e da Copa do Mundo de 2023, e foi bem doloroso"

Aos 39 anos, a veterana jogadora sonha com ouro olímpico em Paris e projeta uma competição monumental em 2027

Fifa.com

Sangue, suor e lágrimas não foram suficientes. Cristiane deu tudo de si para fazer parte da Seleção Brasileira na Copa do Mundo Feminina da Fifa 2023. Mas não foi chamada. Apesar de ela estar no que acreditava ser a melhor forma de sua carreira sobrenatural, a atacante aceitou que seu sonho de conquistar o Mundial havia acabado. E foi até agora.

Na manhã de 17 de maio de 2024, o Brasil foi anunciado como país-sede da próxima edição do torneio. De repente, Cristiane começa a sonhar em ser "a nova Formiga".

Esse pode ter sido só um pensamento casual, mas estar nas próximas Olimpíadas é uma obsessão para a "Mamãe Cris" – cujo filho Bento tem três anos. Ela voltou à Seleção na recente Copa SheBelieves e agora faz de tudo para pegar o avião para Paris 2024.

Cristiane, que completou 39 anos esta semana, conversou com a Fifa sobre vários assuntos: a missão pessoal de ir às Olimpíadas, sua crença de que o Brasil pode ganhar o ouro olímpico, o país como sede da Copa do Mundo em 2027 e se ela se aposentaria com arrependimentos se não conquistasse um título importante com a Seleção.

A entrevista

■ *Como você se sente com o fato de que o Brasil vai sediar a próxima Copa do Mundo Feminina da Fifa em 2027?*

É grandioso. Eu e as outras atletas não imaginávamos isso acontecendo, trazer uma Copa do Mundo pra Brasil. Vai ser muito mágico. Temos que tirar o máximo de proveito disso. É incrível para o futebol feminino brasileiro. É incrível para o futebol feminino porque sabemos que o Brasil vai dar show. É uma grande oportunidade para muitos torcedores – mulheres, homens, crianças – assistir a outras seleções. Poder ver de perto estrelas de outros países será mágico. A paixão que os brasileiros têm pelo futebol é uma loucura. Eles são muito, muito apaixonados. Acho que a Copa vai ser enorme para o futebol feminino.

■ *Você acha que será a melhor Copa do Mundo?*

Acho que o Brasil tem tudo para fazer uma Copa mágica. Acredito que podemos fazer uma Copa inesquecível para todos, torcedores e jogadoras. Os brasileiros são receptivos a todos que visitam nosso país. Espero que todos voltem para casa pensando: "Uau, foi incrível vivenciar a Copa do Mundo no Brasil".

■ *Você já disse que pretende estar aposentada em 2027, mas esse anúncio te fez mudar de ideia?*

Vai saber! (risos). Se eu me cuidar, talvez possa ser a nova Formiga! (risos). Oportunidade no futebol depende muito de como você cuida do seu corpo. Eu cuidei de mim justamente por causa disso. Para ser sincera, eu não tinha pensado em ainda ser jogadora em 2027, mas uma Copa do Mundo no Brasil me deu uma nova ideia! Seria a coisa mais legal, mas o Brasil tem uma geração de jogadoras muito forte chegando. Vamos ver. Muita coisa pode acontecer.

■ *O quão doloroso foi ficar de fora da última Copa do Mundo?*

Foi bem doloroso. Fiquei de fora das últimas Olimpíadas (Tóquio 2020, em 2021) e da Copa do Mundo de 2023, e foi bem doloroso. Me preparei muito bem, em todos os sentidos, para as duas competições. Eu sabia que não havia algo voltado ao meu lado profissional, eram mais coisas pessoais. Até hoje não sei o quê. Então, para mim, acabou ficando mais dolorido por ter acontecido desta forma.

■ *Falando no presente, você fez 10 gols nos últimos sete jogos pelo Flamengo. Aos 39 anos, você deve estar encantada?*

Estou muito feliz com o início de ano no clube novo. Em pouquíssimo tempo, cinco meses, consegui me adaptar tão rápido dentro da equipe. Estou muito satisfeita com meus números e, principalmente, por ter voltado à Seleção Brasileira novamente e ter feito dois bons jogos. É um momento muito importante para mim.

■ *Depois de tanto tempo longe, como foi vestir a camisa do Brasil de novo?*

Eu sempre tive um prazer muito grande em servir a Seleção Brasileira. É algo que eu tenho desde a minha primeira convocação, primeira oportunidade. Todas as vezes que tenho esta chance, sempre procuro dar o máximo de mim, dar 100 por cento para a Seleção Brasileira. Consegui jogar os dois jogos e fui titular contra o Japão. Foi maravilhoso, grandioso para mim. Também consegui marcar um gol, ajudar o time. Ajudar a equipe é sempre o que me motiva.

Flamengo

Em sete jogos, fez 10 gols, o que a deixa cada vez mais confiante para uma grande participação nas Olimpíadas de Paris deste ano

■ *Espanha, Japão e Nigéria... O que acha do grupo do Brasil no Torneio Olímpico?*

Acho que é um grupo extremamente difícil. Porém, eu acredito que outras seleções também vão olhar nosso grupo desse jeito. Acho que todas as quatro equipes estão pensando nele como um grupo da morte. É bom porque vai ser um grupo extremamente competitivo e com grandes seleções. Poder enfrentar a Espanha, atual campeã mundial, vai ser um prazer muito grande para a gente. Eu acho que todos os times vão ter essa vontade muito grande para disputar essa partida. Acho que será um grupo muito interessante nessas Olimpíadas. Acho que o Brasil está sendo muito bem preparado para ir longe nesta competição.

■ *O que você acha da seleção da Espanha?*

Eu gosto muito do estilo de futebol da Espanha. É um futebol muito técnico, tem muita posse de bola, as jogadoras jogam muito próximas uma da outra. É difícil ver lances onde elas pegam a bola e jogam para frente, com todo mundo correndo atrás a bola. Elas gostam de ter a bola nos pés o tempo todo. Desde que assumiu o comando da Seleção, o Arthur (Elias) vem trabalhando para que joguemos dessa forma. O Brasil sempre foi uma seleção de futebol técnico, de drible, de não usar muito lançamentos, de ter posse de bola. Arthur está nos fazendo voltar a jogar dessa forma. Acredito que esse estilo combina com a gente.

■ *Arthur convocou 26 jogadoras para os amistosos contra a Jamaica. Só 18 jogadoras irão para as Olimpíadas. Você está preocupada?*

Acho que todo mundo está muito ansioso. É uma lista tão curta. Todo mundo está muito ansioso para conseguir cravar uma vaguinha. Todos as jogadoras que foram convocadas são excelentes. Todas merecem estar na lista de 18. Infelizmente, nem todas podem estar nas Olimpíadas. Depende do que cada jogadora oferece no dia a dia e durante as competições, e a avaliação toda é da comissão técnica. Estamos todas ansiosas para esta lista.

■ *Você falou que o Brasil quer ir longe nas Olimpíadas. Você está confiante de que finalmente podem vencer um grande título?*

Sem dúvida. Arthur passa isso muito para a gente: não adianta ir a uma competição para participar; você tem de entrar para ganhar. E para mim, sinceramente, não faz sentido entrar em uma Olimpíada ou uma Copa do Mundo e dizer: "Talvez a gente passe da fase de grupos e depois vamos ver o que dá para fazer". Não, você tem de lutar pelo título. Quando você está na Seleção Brasileira, tem de pensar assim. Não é arrogância. As outras equipes de sucesso pensam assim. A Seleção quer voltar ao pódio, faz muitos anos que não fica em um pódio olímpico, e também quer a medalha de ouro.

■ *Você tem uma carreira extraordinária. Mas se tiver de se aposentar sem vencer Olimpíadas ou Copa do Mundo, acha que viverá com arrependimento?*

Eu não acho. Acho que dentro da história do futebol brasileiro, com tudo que a gente não tinha antes mas tem hoje, posso ficar muito feliz com o que conseguimos construir e o que eu fiz. Acho que construímos muitas coisas sem nada. Isso já é muito grandioso. Acredito que até vale mais do que um título que não tenho. Claro que gostaria de me aposentar tendo sido campeã mundial, com medalha de ouro olímpica. Tenho um prazer gigante de ter duas medalhas de prata olímpicas, extremamente orgulhosa de tê-las guardadas na minha casa. Seria grandioso ter uma de ouro. Mas se não conseguir, me aposentando não tenho dúvidas de que vou ficar muito satisfeita com tudo o que conquistei pela Seleção, pelos clubes em que passei e mundialmente. Para mim, não seria uma frustração, não.

Foto: Ale Torres/Staff Images Woman/CBF

Mesmo com idade um pouco avançada, Cristiane segue brilhando ao jogar pelo Flamengo na atual temporada

Foto: Divulgação/CBF

Eu sempre tive um prazer muito grande em servir à Seleção Brasileira. É algo que eu tenho desde a minha primeira convocação, primeira oportunidade

Cristiane

AL-HILAL

Neymar está ansioso para voltar a jogar

Jogador retornou aos treinos de forma moderada, mas a projeção é que só volte a atuar a partir de setembro

Agência Estado

Contratação mais cara da história do Al-Hilal, Neymar pouco jogou na conquista do título saudita, por causa da grave lesão no ligamento cruzado do joelho. Após cirurgia, o brasileiro retomou os treinos no clube nos últimos dias e não esconde a ansiedade por voltar a jogar. O camisa 10 deve ser liberado entre setembro e outubro para defender as cores da equipe.

Neymar recebeu recepção de gala no retorno para a Arábia Saudita e quer retribuir todo o carinho que vem recebendo dos torcedores, do técnico Jorge Jesus e dos companheiros, que fazem temporada incrível, principalmente depois da conquista de forma antecipada o 19º troféu da liga.

"Estou muito feliz, obviamente. Ganhar títulos é sempre bom. O melhor teria sido estar no campo, mas estou muito feliz pelos meus companheiros de equipe", afirmou o brasileiro.

"Estou bem, me sentindo bem, e ansioso para voltar ao campo. Os fãs são incríveis. Infelizmente, não pude lhes dar a felicidade que merecem, mas você pode ter certeza de que na próxima temporada vamos nos divertir muito", disse, confiante em brilhar nos gramados árabes.

E a expectativa de Neymar se reflete nos companheiros, que também querem tê-lo em campo. "Será realmente importante (a volta). Neymar é um jogador muito importante para nós. Eu o chamo de mágico, porque ele tem tanta magia nos pés. Quando ele toca na bola, é incrível", elogia o zagueiro Koulibaly.

Foto: Reprodução/Instagram

Neymar não participou ativamente da campanha vitoriosa do Al-Hilal devido à contusão e conta os dias para jogar e dar alegrias ao torcedor

> **Neymar é realmente importante para nós, e espero que no próximo ano ele jogue toda a temporada e que possamos ganhar alguns troféus**
>
> Koulibaly

"Estamos esperando ele estar apto a jogar e nos fazer e os torcedores felizes. Além disso, jogar com alguém desse nível só pode aumentar nosso próprio nível e nos tornar melhores. Neymar é realmente importante para nós, e espero que no próximo ano ele jogue toda a temporada e que possamos ganhar alguns troféus com ele", completou o defensor.

Já o técnico Jorge Jesus mantém a calma e pede cautela com o brasileiro para não abreviar um retorno e forçar novas lesões. "Ele está atualmente em uma fase crucial de tratamento, e estamos esperançosos de que ele possa estar pronto para se juntar à equipe e começar a jogar em setembro ou outubro", afirmou. "Ele é uma estrela, possui um talento excepcional. Infelizmente, não posso dar uma resposta definitiva neste momento (de quando voltará)".

CASOS EXTREMOS

Cartão rosa será novidade da Copa América, nos Estados Unidos

Agência Estado

A Conmebol anunciou uma mudança no regulamento da Copa América deste ano. A alteração envolve o uso de um cartão rosa e foi feita com foco no protocolo de suspeita de traumatismo cranioencefálico ou concussão cerebral de algum jogador na partida.

A nova regra integra o artigo 96 e aponta que poderá ser realizada até uma substituição por equipe por partida em caso de traumatismo cranioencefálico e concussão cerebral, sem contar as outras cinco permitidas por jogo (seis, no caso de prorrogação).

É nesse contexto que entra em cena o cartão rosa, uma placa com essa cor a ser exibida pela arbitragem. Caso o técnico do time opte por substituir o atleta com suspeita de concussão, é necessário informar a um dos árbitros da partida, para que o artigo com a cor diferenciada seja acionado e a mudança ocorra de forma devidamente sinalizada.

O jogador substituído não poderá retornar ao campo e deve ser encaminhado, "sempre que possível", ao vestiário ou a um centro médico. Além disso, a Conmebol exige que, em até 24 horas após o término da partida, o médico da equipe envie um relatório de avaliação de concussões cerebrais sobre o atleta em questão para a entidade.

A nova regra, no entanto, tem algumas ressalvas. Se uma substituição normal for feita ao mesmo tempo que uma por suspeita de traumatismo cranioencefálico ou concussão cerebral, o time perde uma das cinco alterações a que tem direito no jogo.

Outro ponto a se destacar é que a mudança de jogador por concussão gera à equipe adversária o direito a uma substituição adicional. A norma da Conmebol indica que a arbitragem vai informar o clube oponente sobre o acréscimo.

As novas regras entram em vigor na Copa América, que acontece de 20 de junho a 14 de julho, nos Estados Unidos. O Brasil está no Grupo D e estreia no dia 24, contra a Costa Rica. Colômbia e Paraguai completam a chave.

Placa

Com a cor do cartão, o árbitro reserva indicará a substituição após a constatação pelo médico da gravidade da lesão, sendo assim a única forma de fazer uma troca adicional

Foto: Staff Images/CBF

Alteração está seguindo protocolo de suspeita de traumatismo craniano ou concussão cerebral em lances de choque de cabeças

ATLETAS E CELEBRIDADES

Futebol solidário no Maracanã pelo RS

Jogo mistura craques da bola e artistas renomados e terá toda a renda revertida em prol das vítimas das enchentes

Um Maracanã lotado por um grande público e no gramado um desfile de estrelas do futebol, misturado com celebridades da música. É o que se espera do Futebol Solidário deste domingo, no Rio de Janeiro, a partir das 16h, tudo em prol das vítimas da enchente do Rio Grande do Sul. "União" e "Esperança" são os times que entrarão em campo. Os ingressos foram vendidos entre R$ 30 e R$ 80.

Dorival Júnior e Mano Menezes serão os técnicos enquanto Ronaldinho Gaúcho e Cafu serão os capitães. O jogo será transmitido pela TV Globo e começa mais cedo sob o comando de Luciano Huck, que transmitirá um pré-jogo de 50 minutos, direto do estádio, com a presença do elenco da atração e tapete vermelho para receber jogadores e convidados. Na sequência, o Brasil todo vai ver a partida entre craques do passado, do presente e artistas que amam o futebol, com a narração de Luis Roberto.

No Sportv, que contará com pré-jogo estendido de duas horas, Gustavo Villani terá a missão de levar as emoções de todos os lances para os assinantes do canal. O público também poderá acompanhar as transmissões da TV Globo e Sportv, de onde estiver, através do Globoplay, ge, e parceiros de distribuição.

A Globo doará a receita da comercialização dos patrocínios da transmissão do 'Futebol Solidário no Domingão' para os projetos apoiados pela plataforma Para Quem Doar. Os times já estão escalados

Foto: Rafael Ribeiro/CBF

Foto: Ricardo Duarte/Internacional

Os experientes técnicos Dorival Júnior e Mano Menezes vão comandar as equipes no jogo solidário deste domingo

Time Esperança

Fernando Prass, Cafu, Alline Calandrini, Lucy Ramos, Junior, Vampeta, Thiaguinho, D'Alessandro, Roger Flores, Nenê e Wesley Safadão. Técnico: Dorival Júnior.

Reservas: Bárbara (goleira), Formiga, Ramon Motta, Ricardinho, Dodô, Denilson, Amaral, Renato Góes, Diego Souza, Natanzinho, Sergio Guizé, Thiago Martins, Marco Luque, Poze do Rodo, Giovana Cordeiro, Juan Paiva e Bebeto

Time União

Carlos Germano, Ludmila, Fred Bruno, Juan, Tamires, Belo, Djalminha, Diego Ribas, Petkovic, Ronaldinho e José Loreto. Técnico: Mano Menezes.

Reservas: Erika, Filipe Luís, Alex Meschini, Kleberson, Elano, Marcello Mello, MC Daniel, Matheus Fernandes, L7nnon, Dilsinho, Edilson Capetinha, Gabriel O Pensador, Xamã e Edilson.

Raphael Claus e Anderson Daronco vão se dividir na arbitragem da partida. Cada um apitará um tempo do jogo solidário.

A iniciativa, que é mais um esforço de solidariedade da Globo em prol das vítimas da enchente no Rio Grande do Sul, integra as equipes de Entretenimento e Esporte da empresa, em parceria com a CBF, Clube de Regatas do Flamengo, Prefeitura do Rio de Janeiro e Jogo das Estrelas.

Alguns dos Atletas e Celebridades

ATLETAS
D'Alessandro
Djalminha
Bebeto
Nenê (em atividade)
Petkovic
Denilson
Fernando Prass
Diego Ribas
Filipe Luís
Carlos Germano
Formiga
Tamires (em atividade)
Kleberson
Vampeta
Edilson Capetinha
Edilson (ex-lateral)
Amaral
Érika (em atividade)
Juan
Diego Souza
Elano
Bárbara
Junior
Roger Flores
Ricardinho
Dodô
Alline Calandrin
Alex Meschini
Ramon Motta

ARTISTAS
Ludmilla
Wesley Safadão
Thiaguinho
Belo
MC Daniel
L7nnon
Poze do Rodo
Gabriel O Pensador
Thiago Martins
Dilsinho
Nattanzinho
Matheus Fernandes
Xamã
Marco Luque
Lucy Ramos
José Loreto
Renato Góes
Marcello Melo Jr
Giovanna Cordeiro
Sergio Guizé
Fred Bruno

DIFERENÇA

Romário diz que faria mais de dois mil gols no futebol atual

Agência Estado

Romário pausou a aposentadoria em abril, aos 58 anos, e entrou na lista de inscritos pelo América-RJ na Série A2 do Campeonato Carioca. O senador, que também é presidente do clube, viu do banco de reservas a vitória da equipe por 2 a 0 na partida contra o Petrópolis na estreia do torneio.

O Baixinho não entrou em campo, mas não pôde deixar de notar as diferenças entre o futebol praticado quando estava no auge e o atual. Em entrevista recente, o campeão mundial esbanjou sinceridade ao abordar o assunto. "O meu sucesso seria maior hoje porque os caras são muito burros. Correm demais", disse Romário à agência Efe.

O atacante esteve em atividade como atleta profissional de 1985 a 2008 e tem passagem por clubes como Vasco, Flamengo, Fluminense e Barcelona. Além disso, balançou as redes 1.002 vezes (772 delas em partidas oficiais). "Tenho certeza que atualmente marcaria mais de dois mil gols", disse Romário. "Na minha época, o futebol era físico também, sempre foi assim, mas os jogadores eram mais técnicos e muito mais inteligentes", ressaltou ele.

Outra coisa que mudou com o passar do tempo foi a relação entre os jogadores e o público, principalmente com as mídias on-line. O senador analisou que as redes sociais poderiam ser um divisor de águas e alterar o rumo de sua carreira se os períodos coincidissem.

"Gostava muito de festejar. Atualmente gosto um pouco menos, porque tenho menos tempo. Hoje, eu não teria condições de viver dessa forma como jogador de futebol, porque a globalização, a internet, com Instagram, Facebook, Twitter… Essas coisas iriam me arruinar", pontuou ele.

Romário agora divide a rotina como parlamentar com os compromissos administrativos e técnicos no América-RJ. Como presidente, um dos principais objetivos é recolocar o time na elite do futebol do Rio de Janeiro. Para conquistar o acesso, a equipe precisa ser campeã da segunda divisão carioca.

> Senador afirma que redes sociais, na sua época, poderiam atrapalhar o rumo de sua carreira

Foto: Wandré Silva/AFC

Romário bate bola em treino do América-RJ, time em que é presidente e está inscrito, mesmo aos 58 anos, como jogador na 2ª divisão

PATRIMÔNIO

Conventinho ganha revitalização

Parte do único exemplar de largo ainda existente na capital, espaço será transformado em equipamento cultural

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

"O que fazer com um ou outro prédio antigo, com algumas dezenas de quarteirões e, às vezes, com bairros inteiros, depois que o seu uso intensivo, durante anos começa a minar sua aparência e até seus próprios alicerces? Nada, a não ser demolir a área e reurbanizá-la para que possa receber novas construções."

O trecho citado é da crônica *Preservar*, do jornalista, cronista e membro da Academia Paraibana de Letras (APL), Gonzaga Rodrigues, publicado em 1978, na coletânea *Notas do Meu Lugar* (Acauã). Neste texto, ele trata sobre preservação do patrimônio histórico e da memória da cidade.

A partir dessa irônica provocação de Gonzaga, vamos falar sobre um dos muitos ícones do patrimônio histórico e cultural da capital paraibana: o Convento São Frei Pedro Gonçalves, mais conhecido como Conventinho. Localizado no bairro do Varadouro, o prédio faz parte do Centro Histórico de João Pessoa.

Segundo estudos do projeto de extensão *Memória João Pessoa: informatizando a história do nosso patrimônio*, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Conventinho, com a Igreja de São Frei Pedro Gonçalves e outros imóveis ao seu entorno, compõem o Largo de São Frei Pedro Gonçalves, o único exemplar de largo ainda existente na capital paraibana.

De acordo com publicações do projeto, o Largo de São Frei Pedro Gonçalves fica próximo ao antigo Porto do Capim – mais precisamente em uma colina. Mas o que é um largo? "É um espaço aberto e de passagem, porém sem nenhum tipo de equipamento urbano diversificado – como acontece nas praças – e acaba indicando um espaço de aglomeração, ao invés de contemplação".

Ricardo Grisi, do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba, informou que o Conventinho foi construído por missionários franciscanos alemães entre 1917 e 1919. Ele descreve que "o convento começou a ser construído em 1º de outubro de 1917, quando foi lançada a sua pedra fundamental, e inaugurado em uma solenidade, onde Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, o nosso primeiro bispo e arcebispo da Arquidiocese da Paraíba, benzeu o novo prédio, em 19 de março de 1919".

Para o historiador José Octávio de Arruda Mello, o Conventinho foi um dos mais recentes na Paraíba, considerando outros conventos na cidade, como os de São Bento e o do Carmo, por exemplo, que foram construídos nos séculos 16 e 17, respectivamente. Além disso, Mello considera que a construção do Conventinho foi uma "homenagem" às relações comerciais com os ingleses, percebida pela forte influência e dependência brasileira ao capital estrangeiro inglês na época.

"São os elementos que predominam economicamente, no século 19, no Brasil: a grande propriedade, a emersão do café e a dominação inglesa, por conta dos empréstimos e do comércio. [Essa dominação] só cede com a Revolução de 30. As interpretações da Revolução de 30 mostram que ela vai significar um declínio da afirmação inglesa em prol da predominância dos Estados Unidos", destacou o historiador.

O Conventinho foi construído como um espaço de residência e formação aos franciscanos, com o Colégio Seráfico da Nóbrega. Em 1976, foi assinado um contrato de cessão de uso entre a Arquidiocese da Paraíba e o então Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), atual Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), para a implantação do antigo Centro de Recuperação Profissional. Em 1996, é concedida uma cessão de uso para a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP).

Compreender espaços, como o Conventinho, enquanto patrimônio de uma cidade, nos permite entender as diversas relações existentes entre passado e presente. Para tal, é importante delimitar a ideia de patrimônio relacionada à ideia de herança, de uma bagagem, seja material ou cultural, que uma sociedade deixa para suas próximas gerações.

Segundo o historiador Lucas Nóbrega, a ideia de patrimônio não nos permite somente pensar nas mudanças que ocorreram na cidade, mas também no que podemos realizar ainda, proporcionando exercício da cidadania. Para ele, "quando vamos ao Centro Histórico, a gente está diante de muitos patrimônios diferentes, não só do Centro Histórico, mas em toda João Pessoa. Se conectar com ele nos faz pessoas cada vez mais atentas a pensar como a nossa cidade mudou e se transforma ao longo do tempo. Portanto, patrimônio possui uma perspectiva instigante, especialmente por colocar em destaque a cidadania, isto é, o direito à cidade".

Nessa perspectiva, transitar pela cidade nos remete a uma rede de relações por meio do tempo e que o exercício desse olhar se dá pela troca de conhecimentos entre as gerações, o estudo sobre a história da cidade e suas contradições, mas também pela compreensão de pertencimento.

Nóbrega enfatiza que ao visitarmos uma igreja, por exemplo, é importante "fazer um exercício de observação e refletir sobre a importância que ela tem e como, a partir da igreja, eu consigo interpretar o mundo, enxergar as relações sociais que se estabeleceram na história do Brasil e do mundo. O Brasil é um país formado pela relação de diversos outros continentes, a gente tem vários protagonistas, as populações da África, Europa, os povos indígenas e eles estão presentes em toda essa trama, mesmo que não esteja lá dito ou visivelmente, mas está presente todas essas relações".

Fotos: Kleide Teixeira/PMJP

Com previsão de finalização para meados do 2º semestre, haverá a implantação de uma escola de artes e biblioteca

Prédio abrigará Escola de Artes Municipal

De acordo com Katharina Moura, coordenadora do setor de arquitetura e ecologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), o Conventinho está inserido no tombamento do complexo da área de imóveis do Largo de São Pedro Gonçalves, através do Decreto nº 8.639, do dia 26 de agosto de 1980.

Segundo a coordenadora, hoje ele faz parte desse projeto de revitalização do Centro Histórico da capital. "Mais especificamente nesta obra do Conventinho, o Iphaep está com o Iphan e com a Prefeitura, como também com um proprietário de um galpão vizinho [que precisa] ceder uma parte para ser demolida e a demolição desse imóvel vai permitir a integração do Conventinho com o Largo de São Frei Pedro Gonçalves".

Conventinho será palco para expressões como teatro, artes plásticas, dança e música

Atualmente, o Conventinho está passando por obras de revitalização, com a proposta de transformar o espaço em equipamento cultural, com a finalidade difusora, com exposições e apresentações, mas também formadora, com a implantação de uma escola de artes e biblioteca.

Esse projeto de revitalização foi proposto pela Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Planejamento (Seplan), sendo as obras executadas pela Secretaria de Infraestrutura (Seinfra), a partir de janeiro de 2023. De acordo com a Seplan, "a Escola de Artes Municipal contemplará as várias expressões artísticas (teatro, plásticas, dança e música). Há ainda espaço para apresentações, exposições e de convivência com praças e pátios internos, anfiteatro externo, auditório e galerias de arte, fomentando o ambiente propício às interações artísticas e seu desenvolvimento. Também contemplada no projeto, a Biblioteca Municipal ganha espaço amplo e adequado ao acervo e seus usuários, contando com uma estrutura que inclui salas de leitura de grupo, individual, infantil e até sala para restauro e conservação do acervo".

A primeira proposta de revitalização do espaço, no entanto, foi em 2008, o qual previa a recuperação de uma área total construída de 3.883 metros quadrados, com a implantação de sistemas contra incêndio, rede telefônica e elétrica, dentre outras intervenções. Além disso, o projeto previa a implantação de uma biblioteca pública e espaços voltados ao ensino de artes. Porém, não foi concluída integralmente. Em 2016, o projeto passa por atualizações, mas com objetivos semelhantes, pois previa a escola de artes e a biblioteca, mas também a instalação de uma praça, anfiteatro, além da requalificação e restauração do pátio e da própria Igreja de São Frei Pedro Gonçalves.

De acordo com Giovani Barcelos, arquiteto-chefe da divisão técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), as obras estão em andamento, com previsão de finalização para meados do segundo semestre deste ano. Segundo o diretor, "a intervenção está sendo realizada em todo o prédio, envolvendo alvenarias, esquadrias, coberturas, pisos e instalações, além da área externa que receberá ajardinamento e um anfiteatro. Em breve, iniciarão a intervenção na fachada externa e os acabamentos internos".

Para finalizar, Gonzaga Rodrigues nos remete à reflexão sobre a importância da preservação do patrimônio, com o seguinte trecho da crônica *Preservar*: "A história da cidade, se bem-vista por todos nós, está contada a partir do Varadouro, da Colina das Neves, seguindo Trincheiras e Tambiá, Epitácio Pessoa, e agora, Bairro dos Estados e Tambaú. Cada bairro uma época, um estilo de vida, um compêndio que vale por tudo que já foi escrito. Preservar em vez de demolir, eis a sugestão".

Saiba mais

Quem foi São Frei Pedro Gonçalves?

De acordo com o então diretor do Centro Cultural São Francisco, padre Ernando Teixeira de Carvalho, em um artigo publicado no Jornal *O Norte*, em 1999, São Pedro Gonçalves foi um frade da Ordem de São Domingos que se dedicou aos navegantes e marinheiros.

"São Pedro Gonçalves, nascido de nobre família espanhola no ano de 1196, (...) depois de distribuir seus bens aos pobres, tornou-se frade da Ordem de São Domingos, dedicando-se ao estudo da Sagrada Escritura, à pregação e à pastoral junto aos marinheiros. Ainda em vida, muitos milagres lhe foram atribuídos, sobretudo por aqueles que sobreviviam às tempestades em alto-mar".

Altimar Pimentel

No meio jornalístico, conciliava suas paixões pelo teatro e folclore

Ilustração: Tônio

Nordestino de Maceió, Alagoas, e criado em João Pessoa, Altimar Pimentel circulava com desenvoltura, tanto no meio da imprensa como em outros campos da arte como o teatro

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Cultura, letras e comunicação se encontraram na vida e na obra de Altimar Alencar Pimentel. As sementes nordestinas de seus antepassados — cantadores de viola e cordelistas — encontraram terreno fértil em sua trajetória, germinaram graças à formação erudita que recebeu, tanto no ambiente familiar quanto acadêmico, cresceram e deram frutos: no teatro, na pesquisa sobre folclore e no jornalismo.

Nascido aos 30 de outubro de 1936, em Maceió (AL), Altimar Pimentel foi o primogênito dos seis filhos do casal Altino de Alencar Pimentel e Maria das Neves Batista Pimentel, a quem atribuía seu conhecimento e gosto pelos contos populares. Ainda pequeno, acompanhava o pai nas feiras, onde vendiam literatura de cordel, algumas delas escritas pela própria mãe. Quando ainda tinha nove anos, o falecimento do pai obrigou a matriarca da família a retornar à terra natal, a Paraíba, onde, com dificuldade, criou os filhos.

Estabelecido com a família em João Pessoa, Altimar deu continuidade aos estudos. Frequentou o Liceu Paraibano e, aos 23 anos, começou a trabalhar como conferente no Porto de Cabedelo, quando tomou contato com os trabalhadores dos cais e suas expressões culturais. "Aproximei-me dos portuários cantadores de coco, frequentei os cocos realizados em Cabedelo e escrevi o meu primeiro livro sobre folclore: *O Coco Praieiro*. O mundo encantado de Cabedelo envolveu-me, estudei a Barca, o João Redondo (teatro popular de fantoches) e os contos populares", relatou o escritor, em uma entrevista concedida a João Carlos Taveira.

Em 1959, Altimar aventura-se na carreira política, vencendo a eleição para vereador também em Cabedelo. Após o cumprimento do mandato, dedica-se às pesquisas sobre a cultura e ao teatro, chegando, inclusive, a assumir o cargo de diretor do Teatro Santa Roza, em João Pessoa, e do Departamento de Extensão Cultural do Estado da Paraíba, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Chegou também a ocupar o cargo de diretor da Rádio Correio da Paraíba. Foi na sede da emissora, situada à Praça Vidal de Negreiros, que Altimar recebeu, certo dia, o jovem Camilo Macedo, hoje advogado e jornalista, para uma entrevista. "Waldemar Duarte, me chamou e mandou-me procurar Altimar Pimentel na Rádio Correio. No dia seguinte, lá estava, trêmulo, claro!", conta Camilo. "Ele, extremamente educado, me fez ficar à vontade. Puxou diversos assuntos e eu tentando responder. Perguntou-me porque queria ser jornalista. Respondi: 'Seu Altimar…' e ele atravessou: 'Camilo, tire o 'Seu', que é errado!'", recorda.

Camilo Macedo tem na memória todos os detalhes daquele encontro que marcou sua trajetória no jornalismo e terminou com sua contratação para atuar como repórter de rua da rádio. "Como jornalista e homem de letras, pelo menos para mim, Altimar era excepcional. Ele era um homem extremamente culto, circulava com desenvoltura, tanto no meio da imprensa como em outros campos da arte", comenta. Camilo Macedo também destaca o quanto Altimar respeitava a liberdade de imprensa: "Nosso chefe, Alarico Correia Neto, dava a pauta e não havia cortes".

Jornalismo como influência na vida

Uma das características do teatro de Altimar Pimentel, segundo sua própria definição, era a preocupação com as reivindicações sociais. Não haveria, portanto, de passar despercebido dos censores do regime militar, que mantinha sua ficha política. Cleide Rocha, esposa de Altimar, revela as dificuldades que tiveram com a primeira peça de teatro censurada, chamada Cemitério das Juremas.

"Nós não tínhamos recursos para comprar material de cena e improvisamos tudo. O figurino, a iluminação, tudo era feito pelo próprio grupo", explica Cleide. E prossegue: "Na primeira apresentação que a gente tinha que fazer para um censor, fomos proibidos de apresentar porque ele falou que o vestido que eu usava estava representando a bandeira brasileira. Como o refletor era amarelo, quando a iluminação caía sobre o vestido azul que eu usava, ficava verde. Então, ele disse que isso aí representava a bandeira nacional e proibiu o espetáculo". O dramaturgo precisou buscar ajuda para conseguir a liberação do espetáculo. "E uma grande ajuda que Altimar conseguia era pelo jornalismo. O jornalismo teve muita influência na vida de Altimar Pimentel", enfatizou.

De fato, foi por meio do jornalismo que Altimar Pimentel buscou conciliar suas outras paixões — o teatro e o folclore —, driblando, com a ajuda de nomes influentes como José Américo de Almeida, a ditadura militar que o encurralava. Foi graças à interferência do político, conta o próprio Altimar em uma entrevista, que ele conseguiu exercer a profissão de jornalista no Ministério da Agricultura, em Brasília (DF), onde permaneceu até 1976.

Na capital federal, Altimar também pôde cursar o Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília. Para o *Correio Braziliense*, escreveu artigos, colunas de cinema e teatro, entrevistas (como ao ator Paulo Goulart e aos escritores João Cabral de Melo Neto e Câmara Cascudo) e reportagens. Destas últimas, algumas estão associadas às manifestações e tradições regionais, a exemplo da matéria *Oeiras, onde a arquitetura conta a história*, na qual retrata a antiga capital do Piauí.

Imagem: Biblioteca Nacional/Reprodução

A GEOGRAFIA DO CÉU E DO INFERNO
SEGUNDO A LITERATURA DE CORDEL

No 'Correio Braziliense', Pimentel publicou artigos sobre a cultura popular, como a literatura de cordel

O jornal era, para Altimar Pimentel, o espaço no qual podia fazer conhecida a cultura popular de sua terra, associando-o às pesquisas do folclore. No *Correio Braziliense*, ele publicou artigos sobre a literatura de cordel e também sobre o João Redondo, também conhecido por Babau.

O reconhecimento alcançado na capital federal por meio da encenação de suas peças teatrais e de premiações em concursos de folclore também poderia ser estendido à sua atuação jornalística, cujos textos demonstravam, como expressa uma matéria do mesmo jornal, "preocupação de mostrar coisas nossas, particularmente, em desvendar, fazer conhecer os mistérios da alma de nosso povo e de uma região onde a cultura ferve em coisas maravilhosas, que é o Nordeste".

Mesmo longe da terra onde foi criado, não deixava de trazer para as páginas do periódico dos Diários Associados as memórias da Paraíba. Num dos textos, publicado na edição de 9 de setembro de 1973 do jornal brasiliense, escreveu: "Uma curiosidade paraibana são os doidos. Há os doidos políticos, literatos, forenses e outras espécies menos definidas. Conta-se que ao assumir o Governo do Estado, o ministro Ernani Sátyro disse para o atual presidente do Tribunal de Contas, então governador João Agripino: 'João, quando deixar o Governo, leve seus doidos que eu quero botar os meus'. (...) A situação dos doidos na Paraíba é tão grave, e o número dos tais têm crescido tanto, que Cicuite, doido de Patos, terra do governador Ernani Sátyro, disse em certa oportunidade: 'Para ser doido nessa terra é preciso ter juízo!'".

Em 1977, Altimar retorna a João Pessoa para assumir o Centro de Documentação de Folclore da Paraíba, ligado à UFPB, onde também contribui para a implantação do Curso de Comunicação Social. Na breve despedida — pois voltaria a Brasília três anos depois para assumir a função de assessor na Câmara Federal —, o jornalista Tetê Catalão descreveu o trabalho do colega paraibano: "Parece que o verniz intelectual não contaminou a essência e o conteúdo, cada vez mais próximo de um centro harmônico. (...) 'As coisas do povo merecem respeito', diz sempre. E esse respeito a gente sente fluindo em cada linha do seu trabalho. (...) Um sertanejo que é forte e que tem a graça de vibrar com a vida, fazendo sempre um jeito novo de torná-la melhor".

A volta definitiva de Altimar Pimentel à Paraíba só se deu em 1985, quando retomou o trabalho de folclorista na UFPB e pode promover, através do projeto *Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba*, o resgate de contos populares do estado. Na iniciativa foram recolhidas 1.700 estórias, que o próprio Altimar considerava como o maior acervo do tipo em língua portuguesa. Colaborou, ainda, em jornais como *O Momento* e chegou a assumir a função de redator de *A Tribuna*.

Pimentel dirigiu o grupo de Teatro Experimental de Cabedelo (Teca) e lutou incansavelmente pela construção do Teatro Santa Catarina, também em Cabedelo, inaugurado em 1987. Também contribuiu para a instalação do primeiro teatro do Sertão paraibano, o Teatro Íracles Brocos Pires (ICA), inaugurado em 1985, em Cajazeiras, no Sertão do estado. Ocupou a cadeira nº 1 da Academia Paraibana de Letras (APL) e também foi nomeado sócio-efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP).

Altimar Pimentel faleceu aos 72 anos, em 21 de fevereiro de 2008, por complicações renais, deixando esposa e três filhos. Em 2014, a Prefeitura de Cabedelo instituiu um ano comemorativo em sua homenagem.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

A "pequena política" e o jornalismo que dá sono

O noticiário sobre a "pequena política" é chato. Muito chato. Dá sono, desinteresse, tédio. A despeito disso, jornalistas e radialistas dedicam um bom tempo (e muito verbo) para divulgar e analisar rixas miúdas, troca de partidos, loteamento de cargos públicos de escalões inferiores, pré-candidaturas criadas apenas como balão de ensaio.

Um exemplo: ligo o rádio, acesso a um *blog* ou *site* qualquer e lá está, de novo, mais uma discussão sobre a candidatura própria do PT na sucessão para a Prefeitura de João Pessoa. A legenda vai indicar Cida Ramos ou Luciano Cartaxo para a cabeça de chapa? Ou será que o partido vai optar por apoiar a reeleição do prefeito Cícero Lucena? Bocejo quando ouço mais um analista político da cidade dar espaço a tais especulações; um rame-rame que se arrasta há uma boa quantidade de semanas e que não acrescenta nada ao meu dia.

Em outra frente, ainda escuto rumores da lenga-lenga envolvendo o PSDB, o deputado estadual Adriano Galdino e a ação no Supremo Tribunal Federal questionando a antecipação da eleição para o segundo biênio na Assembleia Legislativa da Paraíba. "Foi equívoco", "Ato falho", "Foi má-fé", dizem especialistas e políticos da Província de Nossa Senhora das Neves.

"Foi", "Não foi", "Foi", "Não foi", segue o coro numa latomia que mais se assemelha ao poema *Os sapos*, de Manuel Bandeira. Do ponto de vista de interesse da audiência, a "pequena política" e o coaxar dos sapos pode até dar mote para mais uma rodada de café entre os integrantes das legendas partidárias, mas não empolga a população em geral.

Eu sei: a "pequena política" também alimenta *sites*, *blogs*, *podcasts*, programas de rádio e TV (além de engrossar o *clipping* das assessorias de imprensa) porque é uma forma de justificar os investimentos públicos em tais espaços de mídia. Mas atenção: enquanto o foco está no "disse-me-disse", na ninharia, na procura de pelo em ovo, os grandes temas da cidade ou do estado são deixados de lado.

Imagem: Pixabay

Profissionais da imprensa dedicam um bom tempo para divulgar e analisar "miudezas" políticas

Sobre essa questão, aliás, é desanimador constatar que a discussão dos grandes temas, como educação, saúde, economia, finanças públicas, meio ambiente e infraestrutura, é tratada pelos próprios jornalistas como algo dissociado da política.

Aliás, já cansei de ouvir alguém dizer para um político a quem acabara de indagar sobre Educação e Saúde: — Vamos agora mudar de assunto e falar de política. Na verdade, ao ajustar o foco da entrevista, o comunicador quer mesmo é tratar da "pequena política". E aí pronto: uma conversa que interessaria a um grupo maior resvala para o microcosmo dos partidos e seus — convenientes — assuntos.

Em sua origem, porém, o termo política vai muito além do rame-rame partidário que os jornalistas gostam de divulgar (e de comentar). Na Grécia Antiga, o termo "*polis*" era usado para se referir ao espaço-central da cidade, que englobava a política institucionalizada e, de forma mais ampla, a sociedade organizada. Já a palavra "política" deriva do termo grego "*politikos*", que designava os cidadãos que viviam na "*polis*".

A política trata justamente do interesse dos cidadãos, da vida em coletividade. Dos problemas que entram na agenda do dia e que exigem tomada de decisão. Das instituições e atores que alimentam tal ciclo. Então, a "pequena política" também faz parte desse processo? Faz. Mas deveria receber muito menos espaço da mídia.

Tocando em Frente

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os conjuntos vocais – XVIII

Trio Irakitan – Mais um grupo surgido no Nordeste, o grupo foi formado em Natal, no Rio Grande do Norte, em 1949, e, após haver se firmado regionalmente (Norte e Nordeste), empreendeu viagem pelos países ao norte da América do Sul, pela América Central e pelo México, após se profissionalizar, em 1950, contratado que foi pela Rádio Clube de Pernambuco onde permaneceu por cerca de um ano. Após um ano no Recife, rumaram para as antigas Guianas inglesa e holandesa, apresentando-se antes no Acre e no Amazonas. Recebidos e aplaudidos com sucesso, o trio começava a ser reconhecido o que lhe abriu as portas para permanência em várias praças, como na Ilha de Trindade, em Caracas, Bogotá, Colômbia, Medellín, Barranquilla e Cartagena. Outros países da América Central foram visitados com igual sucesso, o que levou o Trio Irakitan, em 1952, a rumar ao México, de onde veio a consagração definitiva. Ali, permaneceu por um ano, tendo atuado no cinema e gravado músicas brasileiras, versadas para o espanhol, além de atuar em shows, televisão e *night clubs*.

O Trio Irakitan foi formado pelos natalenses Edinho (Edson Reis da França), na violonista, e Joãozinho (João Manoel Costa Neto), como ritmista; e pelo pernambucano Gilvan (Paulo Gilvan Duarte Bezerril), no afoxé. Os três mantiveram o grupo desde a sua formação original.

Em 1954, após um regresso temporário à capital norte-rio-grandense, o próximo destino foi o Rio de Janeiro, onde, logo de chegada, foram contratados pela gravadora Odeon e pela Rádio Nacional, com direito a programa próprio (*Música e Beleza*), produzido pelo conhecido radialista Roberto Faissal e com participação em vários outros daquela emissora carioca.

A essa altura, o trio preferenciava no seu repertório boleros, sambas, sambas-canções e baiões, todos, porém, fortemente influenciados pelo estilo vocal do Trio Los Panchos e pelos ritmos mariaches assimilados quando de estada no México.

Imagem: Reprodução

Grupo era formado pelos músicos (da esq. para dir.) Edinho, Joãozinho e Gilvan

O cinema foi outra vitrine aberta para o Trio Irakitan. Tanto é que, dentre os 15 filmes de que participaram, em alguns apenas cantavam, porém, como intérpretes, atores principais envolvidos na trama, pelo menos em três produções.

Marcaram época os álbuns (LPs), todos da Odeon: *O Samba que gostamos de cantar*, *Outros sambas que gostamos de cantar*, *Mais sambas que gostamos de cantar*, em que constavam criações que permanecem em nossa memória de criadores sacramentados, como Noel Rosa, Wilson Batista, Heitor dos Prazeres, Assis Valente, Ismael Silva, Nássara, Ary Barroso, Dorival Caymmi, Braguinha, Herivelto Martins e outros do mesmo nível. Uma curiosidade: alcançou enorme sucesso a gravação, em que o grupo acompanhou o *star* Nat "King" Cole, em 1965, com ele dialogando, na engraçada criação de Breno Ferreira, com adaptação, "Andorinha Preta" ("Swall Black Andorinha").

Outros sucessos nacionais do Trio Irakitan: "Ave Maria no Morro" (Herivelto), "Maracangalha" (Caymmi) e "Touradas em Madrid" (Braguinha/Alberto Ribeiro).

Com a morte trágica de Edinho, em 1965, após dois anos com as atividades suspensas, assumiu o seu lugar no Trio Irakitan o cearense Toni (Antônio Santos Cunha), já no "apagar das luzes" do período conhecido como da Jovem Guarda.

O trio se desfez na década de 1970, mas, algumas vezes, após se desfazer, o grupo se apresentava para atender solicitações dos inúmeros fãs amantes do seu estilo.

DIGITAL

Banco Central não tem um projeto de regulação da IA

Representante diz que instituição jamais irá regulamentar tecnologias

Francisco Carlos de Assis
Agência Estado

O diretor de Regulação do Banco Central (BC), Otávio Damaso, disse, no começo da semana passada, que não há na instituição nenhum projeto que vise a regulamentar a inteligência artificial (IA). "Vemos a inteligência artificial como uma tecnologia e jamais iremos regulamentar tecnologias", afirmou. Segundo Damaso, o que o BC está fazendo é acompanhar onde e como a IA está sendo usada no sistema financeiro para tentar antever e frustrar tentativas de crimes financeiros digitais.

"Volto a dizer que, em nenhum momento, o Banco Central abre mão da segurança, que é o pilar principal de qualquer instituição financeira. Vejo um movimento de muita cautela das instituições financeiras com a IA", disse o diretor de Regulação do BC, acrescentando que desta forma que a autarquia também está atuando.

Foto: Banco Central do Brasil/Divulgação

Diretor de Regulação, Otávio Damaso: BC acompanha como a inteligência artificial está sendo usada no sistema financeiro

> "(...) Em nenhum momento, o Banco Central abre mão da segurança, que é o pilar principal de qualquer instituição financeira

Em palestra sobre "Inteligência artificial no sistema financeiro - Educação, crédito e investimento", em evento em São Paulo, Damaso citou ainda o sistema Open Finance. "Toda a tubulação Open Finance está pronta e o sistema está funcionando", disse. Segundo o diretor, no começo do projeto, houve muito trabalho por parte das instituições financeiras para se adequarem às regulações, mas hoje elas estão virando a chave e vendo como e onde tirar proveito dela.

"Hoje já é possível ver extratos consolidados de um banco a partir do APP de outro banco. Já há bancos criando concorrência para o cheque especial. As instituições financeiras já estão falando em criar um SuperAPP", destacou Damaso, reforçando que isso é uma tarefa das instituições e que o BC não vai criar um SuperAPP.

À frente, de acordo com o diretor do BC, a grande agenda da instituição é a do Drex, que nas palavras dele vai se desenvolver muito com "tokeneização".

Em retrospectiva, Damaso contou à plateia que a motivação da autarquia para embarcar na inovação foram as reclamações da sociedade da pouca quantidade de bancos no país e pouco acesso ao sistema financeiro. A partir disso, o BC detectou a necessidade de criar um sistema que unisse o sistema financeiro e que se adequasse às necessidades de cada cidadão.

"Hoje, há outras críticas, mas não há mais a crítica sobre o pouco acesso. Há, hoje, uma gama muito grande de produtos financeiros que atendem às necessidades da sociedade e uma grande quantidade de novos *players* no mercado financeiro", disse Damaso.

A boa relação do brasileiro com o digital, aliás, contribuiu para que ele se adequasse às inovações, de acordo com Damaso. E isso explica o sucesso do Pix, por exemplo. "O Pix é a grande vedete digital do BC", completou, na palestra realizada no Money Monster 2024, promovido pela Fenasbac, em São Paulo.

Charada

Imagem: Pixabay

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: grupo de emissoras (2) = rede + moenda (3) = moinho. **Solução:** corrente descontrolada do vento (5) = redemoinho. **Charada de hoje**: Semelhante (1) artigo da Lei é necessário que você a altere (2), para adaptá-la ao livro básico do judaísmo (3).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde

Zé Meiota

Eita!!!!

Foto: Warner Bros./Divulgação

Entrevista com o vampiro, o filme

Neste ano faz três décadas desde que *Entrevista com o vampiro* chegou aos cinemas mundiais. A adaptação dirigida por Neil Jordan (de *Traídos pelo desejo* e *Byzantium - Uma Vida Eterna*) do primeiro livro da série *Crônicas Vampirescas* da escritora norte-americana Anne Rice, lançado originalmente em 1976. Na São Francisco dos anos 1990, um jornalista (Christian Slater) entrevista um jovem que afirma ser vampiro, narrando suas experiências dos últimos 200 anos. Em *flashback*, conhecemos Louis de Pointe du Lac (Brad Pitt), um homem que perdeu a mulher, morta durante o parto, e a vontade de viver. Com a ajuda de uma criatura da noite, Lestat de Lioncourt (Tom Cruise), ele se torna um vampiro e precisa aprender uma nova forma de vida. O elenco ainda conta com Stephen Rea, Antonio Banderas, Thandiwe Newton e Laure Marsac.

"Tom Cruise não!"

Christian Slater recebeu o personagem do jornalista após a morte prematura de River Phoenix, que já estava escalado para o papel. Slater deu o seu cachê de US$ 250 mil para duas instituições de caridade que Phoenix ajudava. Johnny Depp recebeu uma oferta para interpretar o personagem Lestat. Mas o problema maior foi de Anne Rice, que adaptou o próprio romance. A escritora tinha muita dificuldade em enxergar o astro como um vilão, chegando a fazer declarações públicas sobre seu descontentamento, já que ela acharia um "Lestat perfeito" o holandês Rutger Hauer (1944-2019), mas ele estava velho demais para interpretá-lo. Quando recebeu a confirmação de que interpretaria Lestat, Cruise imediatamente começou a se preparar e estudou muito a vida do vampiro aristocrata.

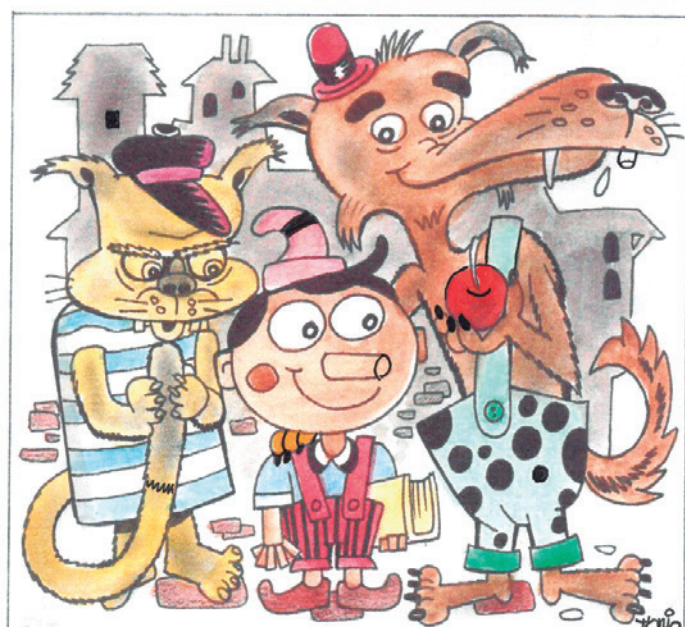
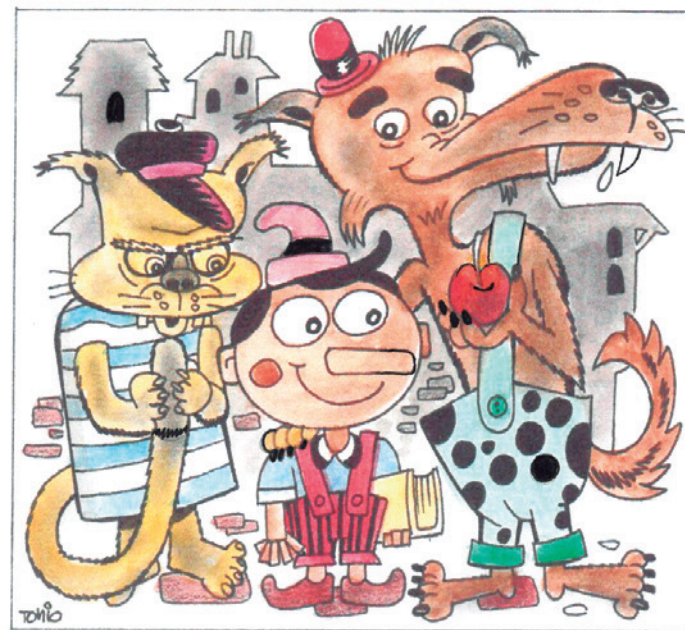
Projeto cancelado

Com um orçamento de 60 milhões de dólares, *Entrevista com o vampiro* configurou um grande sucesso comercial para a Warner Bros., arrecadando mais de 220 milhões de dólares em todo o mundo. A ideia seria adaptar um livro da série a cada dois anos, mas o projeto não vingou. O filme só recebeu duas indicações técnicas para o Oscar daquele ano (Melhor Direção de Arte e Canção Original). Anos depois, outro livro das *Crônicas Vampirescas* foi adaptado para os cinemas: *A Rainha dos Condenados* (2002), protagonizado por Stuart Townsend e a cantora Aaliyah (1979-2001), mas sem o sucesso do anterior. Uma série para *streaming* de *Entrevista com o vampiro* (2022), produzida pela AMC, já está na sua segunda temporada.

Homenagem à filha

Um dos destaques no livro e no filme é Claudia, a eterna criança que foi criada por dois pais, Louis e Lestat. Vivido pela atriz Kirsten Dunst (que tinha apenas 11 anos na época das filmagens), a personagem foi escrita após a morte da filha da autora, Michele, vítima de um câncer na infância.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Solução

1 – dente de lobo; 2 – nariz do Pinóquio; 3 – maçã; 4 – janela; 5 – rabo do gato; 6 – bolinhas na calça; 7 – chapéu do Pinóquio; 8 – dedo do lobo; e 9 – assinatura.